



REDE DE CONECTIVIDADE NO MEDITERRÂNEO ANTIGO

Múltiplos olhares sobre as relações socioculturais,
comerciais e políticas em sociedades mediterrâneas

Maria Regina Candido (Org.)

REDE DE CONECTIVIDADE NO MEDITERRÂNEO ANTIGO

Múltiplos olhares sobre as relações socioculturais, comerciais e
políticas em sociedades mediterrâneas

REDE DE CONECTIVIDADE

NO MEDITERRÂNEO ANTIGO

Múltiplos olhares sobre as relações socioculturais,
comerciais e políticas em sociedades mediterrâneas

AUTORA

Maria Regina Candido (org.)

EDITOR RESPONSÁVEL

Junio Cesar Rodrigues Lima

REVISÃO

Alair Figueiredo Duarte

José Roberto de Paiva Gomes

Junio Cesar Rodrigues Lima

Maria Regina Candido

CAPA, PRODUÇÃO E DIAGRAMAÇÃO

DOMUS PUBLICAÇÕES, DESIGNS E SERVIÇOS
EDUCACIONAIS

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Letras e Versos - RJ

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/CCS/A

R314 Rede de conectividade no Mediterrâneo antigo: múltiplos
olhares sobre as relações socioculturais, comerciais e
políticas em sociedades mediterrâneas /
Maria Regina Candido (org.). Rio de Janeiro :
UERJ/NEA. 2017.
161 p. : il.

ISBN 978-85-60538-16-4

1. Mediterrâneo, Mar, Região – Civilização 2. História Antiga. I.
Candido, Maria Regina.

CDU931

Maria Regina Candido (Org.)

REDE DE CONECTIVIDADE NO MEDITERRÂNEO ANTIGO

Múltiplos olhares sobre as relações socioculturais, comerciais e
políticas em sociedades mediterrâneas



EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Reitor: Ruy Garcia Marques

Vice-Reitora: Maria Georgina Muniz Washington

IFCH - INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Direção: Dirce Eleonora Nigro Solis

Vice-Direção: Edna Maria Santos

SR1 – SUB-REITORIA DE GRADUAÇÃO

Sub-Reitora: Tania Maria de Castro Carvalho Netto

SR2 – PESQUISA E PROCIÊNCIA

Sub-Reitor: Egberto Gaspar de Moura

SR3 – EXTENSÃO

Sub-Reitora: Elaine Ferreira Torres

PPGH - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Coordenação: Márcia de Almeida Gonçalves

Vice-Coordenação: Maria do Carmo Parente dos Santos

CONSELHO EDITORIAL

Maria Cecilia Colombani – UM

Gilvan Ventura da Silva – UFES

Liliane Cristina Coelho – Uniandrade

Renata Rosenthal Sancovsky – UFRRJ

Júlio Cesar Mendonça Gralha – UFF

Maria do Carmo Parente dos Santos

Fernanda Lemos – UERJ

ASSESSORIA EXECUTIVA NEA UERJ

Alair Figueiredo Duarte

Felipe Nascimento de Araújo

José Roberto de Paiva Gomes

Junio Cesar Rodrigues Lima

Rafael da Silva Santos

Trícia Magalhães Carnevale

Aos

PESQUISADORES, DISCENTES, DOCENTES, MONITORES, ORIENTANDOS, PARCEIROS

e tantos outros interessados em História Antiga que, desde 1998, integram o processo de socialização do saber acadêmico produzido pelo NÚCLEO DE ESTUDOS DA ANTIGUIDADE, através de significativa participação nos cursos de extensão, jornadas de história, encontros nacionais e internacionais, seminários, oficinas, fórum de debates, publicações e especialização lato sensu, atividades que atuam na democratização do saber produzido na área de História antiga do NEA/PPGH na Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ.



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO, 9

Núcleo de Estudos da Antiguidade

INTRODUÇÃO, 13

Prof. Dr. Norberto Luiz Guarinello

1. THALASSOCRACIA E NAUTOCRACIA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS CONECTIVIDADES MARÍTIMAS DE ATENIENSES E MINÓICOS, 17

Prof. Dr. Alair Figueiredo Duarte

2. REDES DE CONECTIVIDADE ENTRE AS POLIS DE ATENAS E A REGIÃO DE MATRON DE PITANE, 33

Prof.^a Doutoranda Alessandra Serra Viegas

3. ENTRE A MACEDÔNIA, A HÉLADE E O ORIENTE: OS VÍNCULOS DO BASILEUS HELENÍSTICO, 45

Prof.^a Doutoranda Alessandra André

4. OS GREGOS E A CONECTIVIDADE MARÍTIMA COM A APOIKIA DE LÓCRIS EPIZEFIRI, 57

Prof.^a Mestranda Andrea Magalhães da Silva Leal

5. HÉRACLES E A APOIKIA DE RHAECELUS: O TIRANO PISISTRATO COMO OIKISTES, 71

Prof. Dr. José Roberto de Paiva Gomes

6. CAESAREA STRATONIS: REDE DE CONECTIVIDADE E RELAÇÕES SOCIOCULTURAIS ENTRE JUDEUS E ROMANOS NA CIDADE DE CESAREIA MARÍTIMA, 83

Prof. Doutorando Junio Cesar Rodrigues Lima

**7. ATENAS E A CONECTIVIDADE MARÍTIMA ENTRE O
MEDITERRÂNEO ANTIGO E O MAR NEGRO, 97**

Prof.ª Dr.ª Maria Regina Candido

**8. FASE ORIENTALIZANTE NA ETRÚRIA: TRANSFORMAÇÕES NA
CULTURA E ARTE, 113**

Prof.ª Mestranda Nancy Maria Antonieta Braga Bomentre

BIBLIOGRAFIA, 127

AUTORES, 155



APRESENTAÇÃO

Desde o seu início, em 1998, as atividades de pesquisa e extensão desenvolvidas pelo Núcleo de Estudos da Antiguidade (NEA) vêm construindo um espaço de debates e diálogos entre os pesquisadores brasileiros e estrangeiros que desenvolvem estudos sobre sociedades antigas, visando à apresentação do estado atual de suas pesquisas. A temática deste livro possibilitou aos autores envolvidos verificar como as sociedades mediterrâneas utilizaram uma ampla Rede de Conectividade para simbolizar e perpetuar relações socioculturais, comerciais e políticas entre diversos segmentos sociais da Antiguidade.

Atualmente, o mundo procura novos caminhos para preservação da convivência pacífica a partir de uma Rede de Conectividade global que dê conta também da diversidade sociocultural, minimizando enfrentamentos fundamentados nas intolerâncias política, social e religiosa. Ao problematizar os múltiplos olhares sobre as relações socioculturais, comerciais e políticas em sociedades mediterrâneas, O livro "Rede de Conectividade no Mediterrâneo Antigo" procura estabelecer encontros e contatos em meio ao ritual da reflexão, debate e convívio com o outro através das trocas, reafirmando assim o consenso e a negociação em prol de uma convivência positiva. E, a pesquisa histórica nos permite analisar o poder da ritualização e da tolerância, mediante a diversidade de ideias, comportamentos e cultos. O contato com as diferenças de crenças e maneiras de estar juntos impulsiona a experiência do debate, tanto na Antiguidade quanto na *Supermodernidade*.

Assim, no primeiro capítulo, o Dr. Alair Figueiredo Duarte conceitua *Thalassocracia* e *Nautocracia*. A partir de

uma análise comparativa entre as conectividades marítimas atenienses e minoicas, o autor apresenta a dinâmica das conexões de rede relacionadas ao conceito de fronteiras geográficas marítimas no Mar Egeu.

No segundo capítulo, a Doutoranda Alessandra Serra Viegas revisa uma celebre questão mediterrânea e transita pela relação *interpoleis*, mais precisamente, pela Rede de Conectividade entre Atenas e a região de Matro de Pitane.

A ideia de homogeneidade política e cultural entre a Macedônia e o mundo da Hélade integra a abordagem da Doutoranda Alessandra André no capítulo terceiro intitulado "Entre a Macedônia, a Hélade e o Oriente: os vínculos do *basileus* helenístico".

A expansão do Mediterrâneo também promoveu a formação de *apoikia* de Lócris, como nos traz a mestrandia Andrea Leal Magalhaes, no capítulo quatro, com o título "Os gregos e a conectividade marítima com a *apoikia* de Lócris Epizefiri".

O período da tirania dos Pisistratidas foi registrado como um período de abundância, luxo e riqueza como nos aponta o Dr. José Roberto de Paiva Gomes, no capítulo cinco, que trata de "Héracles e a *apoikia* de Rhaecelus: o tirano Pisistrato como *oikistes*".

O estabelecimento de conectividade através de rotas marítimas e terrestres que interligavam o Oriente Próximo às demais sociedades mediterrâneas foi o assunto do Doutorando Junio Cesar Rodrigues Lima, com uma abordagem sobre o tema de "*Caesarea Stratonis*: Rede de Conectividade e relações socioculturais entre judeus e romanos na cidade de Cesareia Marítima", no capítulo seis.

A conectividade marítima entre o Mar Negro e as regiões gregas banhadas pelo mar Mediterrâneo e Egeu detém uma longa história de contatos e migrações como deixa transparecer a Dr.^a Maria Regina Candido no capítulo

sete: “Atenas e a conectividade marítima entre o Mediterrâneo Antigo e o Mar Negro”.

Apontar as mudanças que ocorreram na cultura e na arte na Etrúria entre os séculos VIII e VII a.C., denominado de fase orientalizante da arte etrusca, foi o tema desenvolvido pela Mestranda Nancy Maria Antonieta Braga Bomente, com o título “Fase Orientalizante na Etrúria: transformações na cultura e arte”, no qual a autora trata das mudanças ocorridas nas configurações, organização social e produção artística do período.

Este livro remete também a um momento muito especial para os pesquisadores do NEA/UERJ que comemora os 20 anos como núcleo de pesquisa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e do Programa de Pós-Graduação em História. O NEA tem elaborado e organizado as atividades científicas relacionadas com a área de História Antiga ao longo desse período. E, para coroar essa celebração, o Dr. Norberto Luiz Guarinello, professor da Universidade de São Paulo e coordenador do Laboratório de Estudos sobre Império Romano/LEIR, abre as discussões tratando do tema “O Mediterrâneo Antigo e as Redes de Conexão”.

Desejamos a você uma boa leitura!

Coordenação Geral

NEA - Núcleo de Estudos da Antiguidade
PPGH – Programa de Pós-Graduação em História
UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro



INTRODUÇÃO

O MEDITERRÂNEO ANTIGO E AS REDES DE CONEXÃO

Dr. Norberto Luiz Guarinello
(Universidade de São Paulo; LEIR)

A História Antiga estabeleceu-se como disciplina científica e universitária no curso do século XIX a partir da sistematização e do tratamento crítico dos textos da tradição literária em grego e latim e da compilação e organização de edifícios, objetos e inscrições coletados ou escavados desde o Renascimento. Como não poderia deixar de serem, esses documentos foram organizados em contextos históricos que pareciam evidentes e necessários aos historiadores do XIX: os textos em grego eram produto de um povo, uma nação, uma cultura: A Grécia; os textos latinos, por sua vez eram testemunhos de outra nação, Roma, que no curso de suas conquistas anexou e aculturou todas as demais nações. Grécia e Roma eram marcos, não apenas da História europeia ou ocidental, mas, com frequência, etapas da História Universal (povos da Mesopotâmia e do Egito também entravam nessa História Universal, mas como seu contraponto oriental, ou pelo viés de uma universalidade bíblica).

Essas Histórias permaneceram (e, em muitos casos ainda permanecem) separadas tanto no ensino quanto na pesquisa ao longo do século XX. Após os anos de 1960, no entanto, seu artificialismo e anacronismo foram se tornando cada vez mais evidentes e a própria História Antiga, como um todo, se tornou alvo de sérias críticas por seu caráter eurocêntrico e pelo viés envelhecido de muitas de suas

pesquisas, centradas ainda na narração de fatos políticos e desconsiderando as questões colocadas pela crescente documentação arqueológica.

A História factual deu espaço, aos poucos, a reflexões mais amplas, que buscavam inspiração no marxismo e nas demais Ciências Sociais, o que permitiu renovar os estudos sobre Grécia e Roma. Escravidão, estruturas sociais, economia antiga (primitiva ou moderna?) tornaram-se os novos focos de um debate acadêmico cada vez mais vivo. A partir do final da década de 1980, a chamada "virada cultural" exerceu uma influência decisiva no campo da História Antiga, cuja posição como eixo de uma "História Universal" foi profundamente abalada. Desenvolveu-se a consciência, ao mesmo tempo, que conceitos derivados da experiência imperialista europeia, como "helenização" e "romanização", eram profundamente ideológicos. A cultura, que antes eram um item relegado nas pesquisas históricas, assumiu o primeiro plano. Romanos e gregos foram deslocados do centro da História Antiga, que se abriu para processos de resistência, de hibridização, de creolização, de emanhamento e para a ampla diversidade de povos e realidades locais que se escondiam sob o manto das Histórias pretensamente unificadores da Grécia e de Roma. No final do século passado, a questão que se impunha era: como buscar uma nova unidade temporal e geográfica para esse mundo? Como criar um contexto mais amplo, que abarcasse essa diversidade e, ao mesmo tempo, desse um sentido mais geral à explosão de diversidades que então apareciam no registro arqueológico e na releitura dos textos?

O mar Mediterrâneo e suas terras adjacentes assumiram aos poucos o espaço contextual de grande parte das narrativas sobre a história antiga, em particular aquelas que antes se centravam em gregos e romanos à época do ferro. É uma delimitação que aparece já, por exemplo, nas obras finais de Moses. I. Finley, mas que adquiriu especial

relevância a partir da publicação de *The Corrupting Sea*, por Peregrine Horden e Nicholas Purcell no ano de 2000¹. Inspirados pelos trabalhos de F. Braudel, Horden e Purcell propuseram uma nova visão do Mediterrâneo na longa duração, partindo da perspectiva de ecologia humana. A unidade das terras ao redor do mar e além (por limites fluidos e nunca bem explicitados) dá-se por fatores climáticos, sobretudo o regime de chuvas, muito incerto, que obrigava os agricultores (ou seja, a imensa maioria dos produtores) a gerenciar os riscos de uma má colheita. Faziam isso através da predominância de pequenos cultivos não especializados, da diversificação da produção, de técnicas de armazenagem, mas por meio da capacidade que o mar oferecia de trocar produtos. A grande especificidade do Mediterrâneo é a de ser como um lago, rodeado por terras próximas e salpicado por ilhas, que permitem a comunicação à distância com rapidez. O Mediterrâneo não apenas afasta os habitantes das terras. A partir de certo nível tecnológico, ele os aproxima. O mar conecta, ou pode conectar. Uma ilha pode se especializar num único produto, como Thasos, por que está amplamente conectada numa rede, o que lhe permite abastecer-se de outros bens pelo mar.

A conectividade é, assim, uma potencialidade do próprio espaço mediterrânico, mas só se torna realidade quando transformada em conexões concretas. Esse é o sentido da expressão de Ian Morris, a “Mediterranização”². Se o mar é um acidente histórico, a integração das terras ao seu redor e além foi um processo histórico. Costumava-se pensar esse processo apenas como movimentos de extensão de poderes imperiais: Pérsia, Atenas, Siracusa, Cartago e Roma.

¹ Horden, P. & Purcell, N. *The Corrupting Sea. A Study of Mediterranean history*. Oxford, Blackwell, 2000.

² Morris, I. *Mediterranization* in: Malkin, I. (ed.) *Mediterranean Paradigms and the Classical Antiquity*. Routledge, Londres e Nova Iorque, 2005, pp. 30-55.

Hoje se tem clareza que esses movimentos de integração são em menor escala, são cumulativos e não dependem apenas das grandes escalas de poder. Uma das formas mais interessantes de pensar esses processos na longa duração, tanto em pequenas escalas, como nas maiores, é através do conceito de redes ou networks. Derivado das ciências matemáticas, o conceito tem sido amplamente utilizado pelas Ciências Sociais e, mais recentemente, pelos estudos sobre o Mediterrâneo. Noções como pontos, nódulos, hubs, redes densas e escassas, elos fortes e fracos, mundos pequenos, têm permitido descrever processos que antes pareciam invisíveis. Os trabalhos de Irad Malkin³, em especial, têm contribuído enormemente para a expansão desse novo campo conceitual que, como este volume que o leitor tem em mãos expressa muito bem, apresenta um enorme potencial para o desenvolvimento contemporâneo da história Antiga.

³ Malkin, I. *A Small Greek World*. Oxford, New York, Oxford University Press, 2011.

THALASSOCRACIA E NAUTOCRACIA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS CONECTIVIDADES MARÍTIMAS DE ATENIENSES E MINÓICOS

Prof. Dr. Alair Figueiredo Duarte
(PPGHC/UFRJ; CEHMB/UNIRIO)

Quando nos referimos ao termo conexões, logo somos remetidos a pensar nossa atualidade, cujo os avanços tecnológicos encurtam as distâncias e facilitam as acessibilidades, tanto quanto as relações as relações econômicas que tornam o mundo interdepende. Nessas relações, as territorialidades criam espacialidades virtualizadas e vão além das condições físicas. Acreditamos que para melhor analisar sua atualidade, o historiador deve se permitir tecer análise atemporais de tempo e espaço – ressaltando as especificidades – aproximar o presente e o passado tal qual nos propõe Marcel Detienne em sua obra: *Comparar o Incomparável*¹. Desse modo, torna-se possível verificar que desde a Antiguidade, a concepção de *território* e *territorialidades* sempre foram produto de representações produzidas pela mente dos indivíduos, assim como a

¹ Título da obra, na qual o Marcel Detienne propõe que através de uma análise antropológica das diferenças, se analise sociedades distintas e distantes no tempo e no espaço. A propósito do termo, Marcel Detienne em *Comparar o Incomparável*, 2004, menciona a importância dos estudos historiográficos ocorridos na década de sessenta no século XX, em que a antropologia irá compor um campo de experimentação comparado com a história. Nesse sentido, a conceituação de território ganhará nova perspectiva visto que o termo não se refere a um elemento físico estático, mas sim contornos e representações na mente de quem o concebe. Territorialidade passa a definir essa relação entre os espaços e as pessoas que nele convivem, dando legitimidade de uso através de ritos de renovação (DETENNE, 2004: 48-55)

idealização dos grupos que lhes delimitam (DETIENNE, 2004, pp. 48-55). Assim são definidas as diversas zonas de atuação, as quais mostram-se imbricadas a conexões: políticas, sociais e econômicas.

A propósito da maneira como as conexões criam novas *territorialidades*, o geógrafo Milton Santos, destaca que as representações territoriais vão além de *territórios-horizontais*, aqueles que se encontram interligados por materialidades topográficas e físicas dos espaços contínuos (SANTOS, 1982, pp. 80-85). As redes e conexões ao qual nos encontramos não podem ser controladas pelo desejo isolado dos indivíduos, pois o indivíduo não se encontra a parte do mundo. Mesmo isolado, o modo como indivíduo conecta suas representações, partem das relações que vivenciou no grupo social do qual é oriundo, assim como a arbitrariedade das regras estabelecidas nas suas conexões.

Nilton Santos afirma que o conceito de *território* se divide em dois princípios básicos, *territórios horizontais* e *territórios verticais*. O primeiro se refere ao espaço físico e contínuo no qual as fronteiras políticas se demarcam; o segundo refere-se a territorialidade do mundo das culturas e das relações mercantis, as quais possuem fronteiras fluidas e subexistem as demarcações políticas (SANTOS, 1982, pp. 80-85).

As conexões de rede – entendidas como *territórios verticais* – pairam muito além das relações físicas dos espaços nas quais as fronteiras geográficas se encontram. Nesse sentido, equipar *território-verticalizados* constitui uma das bases do poder dos grandes empreendedores mercantis (SANTOS, 1978, p.20). Através das redes econômicas fica estabelecida a continuidade verticalizada dos territórios, os quais acabam submetidos a tensões numerosas e profundas. Essas tensões se impõem sobre os territórios, condicionando-os a mudanças rápidas e brutais dos sistemas em que se inserem. Através das novas relações, um pequeno número de

indivíduos forma um grupo, ou grupos com posições dominantes no mercado e controlam o território via produção e consumo, prescindindo da sua contiguidade espacial ou física (SANTOS, 1978'p. 22). Diante disso mantém o território ou os dividem em fronteiras, segundo seus interesses. Essas práticas muitas vezes acabam por propiciar domínio das lideranças sobre seus aliados através de acordos e tratados, no qual os menos poderosos, embora mantenham sua independência, tornam-se dependente do poder hegemônico. Tal fato pode ser percebido na análise comparativa sobre a ação da política marítima cretense sobre seus aliados entre os séculos XV e XIV a.C., tanto quanto o *poder marítimo*² ateniense no século V a.C. Ambas se utilizaram do mar para exercer sua liderança sobre seus aliados, porém por maneira distintas. Minoicos fizeram uso de seu prestígio como centro que emana recursos e possibilidade, enquanto atenienses fizeram uso da sua política

² Em conformidade com Francisco Eduardo Alves de Almeida, trata-se de um conceito polissêmico, contudo, um dos primeiros a buscar uma definição foi Alfred Tayer Mahan que, entre 1879 e 1914 escreveu dezenas de livros sobre História e Estratégia navais, sendo que o "The Influence of Sea Power upon History 1660-1783" de 1890 foi o mais significativo. Nele Mahan passou a discutir os seis elementos que afetavam esse Poder Marítimo que seriam a posição geográfica, a conformação física, a extensão territorial, o tamanho da população, o caráter nacional e o tipo de política governamental. As guerras ocorridas no mar entre 1660 e 1783 serviram para confirmar suas proposições em todo o decorrer do livro. Outras obras de Mahan, a saber: "The Influence of Sea Power upon the French Revolution and Empire" de 1892 e "Naval Strategy compared and contrasted with the principles and practice of military operations on land" de 1911. Nessas obras o autor norte-americano procurou demonstrar mais uma vez a pertinência de suas conclusões. Outros livros de Mahan tiveram importância, podendo ser mencionados: "Retrospect and Prospect" de 1902 e "Naval Administration and Warfare" de 1908. Sua concepção está assentada em conceitos muito bem definidos no seu primeiro livro de 1890. Definiu que o Poder Marítimo seria integrado por dois elementos de natureza distinta, os interesses marítimos e o Poder Naval. Os primeiros congregavam valores econômicos e sociais e, o segundo, valores políticos e militares. (ALMEIDA, F. E. Alves de. 2008:5-6)

estratégica que tomava por base sua força militar marítima. Portanto, entre os helenos o mar sempre figurou como um importante elemento para se definir as diretrizes de políticas diplomáticas.

A proximidade entre os povos helênicos e as atividades marítimas ocorrem desde tempos remotos, que datam os séculos XV e XIV a.C. Na Creta Minóica é possível testificar proximidade de relações entre helenos e outras sociedades tais como, fenícios e egípcios. Achados arqueológicos de embarcações naufragadas em águas fronteiriças do Mar Egeu e o Oriente têm apresentado entre seu inventário, grande quantidade de objetos fabricados para uso cotidiano das elites helênicas. Tais objetos encontravam-se entre os destroços do Naufrágio de Uluburun e datam a idade do Bronze.

O pesquisador Christoph Bachhuber aponta para os indícios de a viagem da embarcação egípcia Ulubarun, se tratasse de uma comitiva diplomática junto as realidades palacianas Micênicas, cuja delegação representava Amenhotep III. O cruzamento de dados arqueológicos e epigráficos apontam para base de uma estátua do citado faraó, pai de Akenathón e avô de Tutankamon. Nela há inscrições na placa epigráfica LH / LM III, constando quatorze nomes de cidades e/ou lugares importantes, dentre elas: Knossos, Beócia, Tebas, Micenas e Tróia (BACHHUBER, 2006,p.4). Tais evidências nos demonstram como as atividades marítimas no território do Mar Egeu eram intensas, mesmo antes de Atenienses dominarem suas águas no século V a.C. Também nos é possível apreender que a despeito dos temores que poderiam assolar o imaginário dos homens que se encontravam baseados em terra firme, os gregos sempre conviveram com o mar, a *thalassa*.

Segundo Jean-Nicolas Corvisier, entre os grupos étnicos que compunham a sociedade helênica, os cretenses foram os precursores em desbravar e dominar a *thalassa*

(CORVISIER, 2008, p.11). O ponto de partida para a inferência do pesquisador toma por base a afirmativa de Estrabão ao citar: "Encontre um cretense que jamais viu o mar!" (ESTRABÃO, X, 4: 17. Apud. CORVISIER, 2008: 11). Nesse contexto, pode-se falar de um período de ouro em que o mar permitia o comércio e o exercício do poder, sem que seu principal meio de uso fossem os aparatos bélicos e a guerra. E isso se deve ao fato de que no período Neolítico no Mar Egeu, não há relatos claros sobre a guerra no mar. Toda a confecção de objetos de arte e utensílios circulavam formando rotas entre Melos, Antiparos e Gyalí, sem ameaças de guerra entre essas comunidades. Enquanto que no período do Bronze surgem alterações e novos rumos; Troia torna-se o palco do comércio nos demonstrando a expansão dessas rotas comerciais marítimas (CORVISIER, 2008, p. 11). A expansão das rotas irá trazer modificações dentro das relações entre as sociedades que utilizavam o mar como meio de conectarem segundo seus interesses, cujo a prática crescente da pirataria encontra-se inserida no epicentro dessas movimentações.

Fernando Braudel enfatiza a correlação positiva entre pirataria e comércio destacando que essa prática é estreitamente dependente do câmbio marítimo. Um dos principais motivos de sua existência são cargas valiosas dos navios e as riquezas concentradas no litoral ou em assentamentos costeiros (BRAUDEL. Apud. SAMARAS, 20015:, p.191). A ilha de Creta no auge do seu domínio político e comercial, séculos XVII a XV a.C., manteve a pirataria sobre controle sem que possuísse uma marinha equipada para a guerra. Creta realizou esse feito através de alianças com piratas fenícios e cários que - sob alianças - patrulhavam as rotas marítimas saqueando aqueles que não fossem aliados dos palácios cretenses. As embarcações utilizadas pela marinha cretense, divergia das embarcações utilizadas por piratas. Pinturas grafadas em jarros de cerâmicas (*ostrakos*),

que datam o Período Minoico, atestam essa diversificação e nos permitem refletir sobre a atuação política do lendário rei Minos com seus aliados.

Os detalhes dos navios da Classe *Douloi*, grafados em fragmentos de cerâmicas minóicas, demonstram que as embarcações dessa classe, possuíam calado alto próprio para transporte de mercadorias e por consequência disso, eram lentos. Por outro lado, as embarcações da Classe *Hippii*, própria para combates, possuíam calados mais baixo que as *Douloi*, conferindo-lhes maior agilidade. As embarcações da classe *hippoi* eram armadas de esporões em suas proas, demonstrando sua propriedade comum a abordagens e combates marítimos. Essas embarcações eram utilizadas como ferramenta de caça marítima pelas aristocracias guerreiras praticando atos de pirataria no mar. A prática da pirataria nem sempre foi um ato ignóbil, houve épocas em que ela chegou a ser louvada.

O termo pirataria vem do grego *peirataí*, *peirateia*, *peiratés* que significa ataque e, por extensão, ladrão do mar. Um ladrão do mar deveria ser oportunista e astuto para realizar ações furtivas e rápidas sobre suas presas. Valores como a astúcia, destreza e coragem, eram exaltados por pertencerem ao imaginário social aristocrático helênico. Odysseus pode ser visto como um grande pirata no mar. As narrativas homéricas o descrevem como um grande protegido de Athená - deusa que tem seus atributos relacionados a *métis* (astúcia), sabedoria e também conhecimento – são muitos os feitos no qual o herói ressalta sua capacidade de construir estratégias.

Odysseus é quem prepara o engodo grego para fisgar os troianos com o Cavalo de Tróia, e também, quem monta o estratégia contra o Cíclope perfurando seus olhos visando salvar seus companheiros (HOMERO. Odisseia, IX: 320-410). Odysseus também irá se auto intitular um pirata, ao mencionar que: “por nove vezes chefiara guerreiros e

célebres naves contra outros povos de longe, fazendo abundante colheita. Ricos presentes, do espólio sabia colher [...] tornando-me cada vez mais temido e acatado entre os homens de Creta" (HOMERO. Odisseia., XIV: 230). Nesse sentido, fica evidenciado que dentre o imaginário social aristocrático, circulava o hábito da pilhagem sobre os inimigos e a admiração dos seus aliados na prática da pirataria. Muitos piratas eram *aristhos* e recebiam carta de corso para pilharem aqueles que não fossem aliados. Tal prática se dava numa relação de prestígio e reciprocidade entre os grupos aristocráticos que praticavam o ritual da *xênia*.

A *xênia* consiste em um rito helênico que regulamentava a prática da hospitalidade, criando laços de favores recíprocos entre hóspede e anfitrião. Segundo Raoul Lonis a prática ritual da *xênia*, ordenava todo grego a abrir as portas da sua casa aos estrangeiros que venham bater à sua porta pedindo abrigo (LONIS, 1994, p.242). O imaginário social helênico, inserido no ritual da *xênia* deixa-nos perceber que os gregos se tomavam de orgulhos em cumprir essa obrigação. Tal tradição, deveria obedecer a um determinado número de regras, tais como: dar acomodações a seu hospede associando-o com certas cerimônias religiosas familiares.

Somente depois de ter acolhido, confortado e nutrido seu hóspede, se deveria solicitar a revelação da sua identidade e Zeus Xênios (Zeus protetor dos estrangeiros) presidiria a boa observância deste dever de hospitalidade. Por outro lado, o hóspede ao sair, constituiria fortes laços com seu anfitrião; que lhe apertaria a mão direita em sinal de amizade mútua, o hóspede receberia presentes do anfitrião no momento da partida. É nessa oportunidade que o hóspede lhe daria a fé jurada de nunca lhe causar mal (LONIS, 1994,p. 242).

A prática hospitaleira que os helênicos denominavam de *xênia*, tornava o *oikós* - a casa – o lar do *aristhos*, o

principal elemento social. As famílias aristocráticas tornavam o ritual da *xênia* um instrumento que privilegiava os socialmente iguais através e além de suas fronteiras. A *xênia* projetava a origem do *aristhos* como dever religioso imposto aos pares, para não ofender aos deuses tornando o ritual, uma instituição de sociabilidade capaz de sedimentar vínculos de interdependência ofertar o don e receber o contra-don (LONIS, 1994,p.243). Nessa conjuntura, Creta teria minimizado a prática da pirataria nas rotas marítimas sob sua influência, não em razão de manter uma marinha de guerra, mas sim, por deter uma rede de *xênos*, no qual somente sofreria pilhagem de piratas aqueles que não estivessem sob proteção de *proxenia*.

A *proxenia* pode ser assim definida como a evolução das relações particulares de *xênia*, as quais se desenvolveram entre anfitriões no âmbito particular do seu *oikós*. Ao tornar mais amplo as relações individuais de *xênia*, houve a necessidade de criar uma instituição que permitisse acolher um cidadão em uma cidade na qual ele estava visitando. Para tal especificidade, seria definido um cidadão anfitrião responsável por defender e responder por seus interesses, recebendo a definição de *proxeno* (LONIS, 1994,p. 243). A necessidade de uma rede de *proxenia* pode ser interpretada como a evolução de uma rede *xênia*, cujo crescimento de centros comunitários começaram a exigir sistema complexos das suas regulamentações diplomáticas. Nesse sentido, a prática da pirataria, tão exaltada entre os valores aristocráticos, sofrerá repressão por parte dos códigos de leis comum a cada núcleo comunitário que necessitava realizar comércio para manter ou obter sua condição autárquica.

Em se tratando do comércio marítimo envolvendo a proteção contra os ataques piratas e o uso dos portos, a proteção se estenderia a todos que estivessem sob a proteção de uma rede de *proxenia*; agilizando os meios necessários para acomodá-lo durante a sua estada na

cidade. Nessa conjuntura, podemos exemplificar que a cidade de Atenas daria assistência aos visitantes estrangeiros de Esparta através de um ateniense *proxeno*. (LONIS, 1994, p. 243). O *proxeno* tornava-se o mediador entre sua cidade e a cidade na qual ele protege quando as relações se tornavam tensas, ou quando se reconciliavam depois um período de confronto (LONS, 1994, p. 244).

Os palácios da ilha de Creta no áureo período da sua política marítima, seriam um centro emanador da *proxênia* sobre o Mar Egeu, equilibrando a prática da pirataria através das relações de don e contra-don entre aristocracias e sua rede e conexões. Nesse sentido, períodos de acentuação e diminuição da pirataria, coincidem com o aumento e recessão das trocas marítimas (SAMARAS, 2015, pp. 191-192). A esse fator, acrescentamos que todo o fluxo de comércio na Antiguidade estaria estreitamente relacionado a capacidade política do centro regulador manter uma rede de alianças, mantendo um *território verticalizado* de ações e influências. Nessa conjuntura, o centro de política marítimas, como foram os palácios cretenses, tornavam-se referência para quem buscava bons marinheiros e dentro das suas alianças políticas, uma base para *aristhos* que praticavam a pirataria.

Segundo Vangelis Samaras, há uma série de características que contribuem para o reconhecimento de uma base para piratas, tais como: estar perto do mar e das principais rotas marítimas; possuir área favorável à atividade pirata ou estar localizada em uma região geográfica permeada de baías, enseadas e ancoradouros (SAMARAS, 2015, p. 192). A ilha de Creta, possuía todas essas configurações, embora esta seja uma lista muito incompleta de critérios que nos leve a reconhecer uma base pirata. Nem todos os assentamentos com tais características podem ser interpretados dessa maneira. Mas diante da concepção de que *aristhos* helênicos, creditavam a prática da pirataria ser

uma atividade louvável, Creta reunia exímios marinheiros e tornou-se um *Estado-Nautocrata*. Ou seja, um poder político que se sustentava através da sua capacidade de possuir e formar bons marinheiros e não por possuir uma esquadra bélica.

Portanto, Creta equivocadamente foi concebida como *Estado-Thalassocrático*, pois o *poder marítimo* – tal qual apontamos anteriormente em nota – necessita deter a força bélica, além do domínio de atividades de interesse marítimo. A esquadra cretense voltava-se para o comércio e deixava sua defesa a cargo de sua rede *proxena*, permitindo que aristocracias aliadas patrulhassem belicamente suas rotas marítimas e pilhassem aqueles que não fossem seus aliados.

O uso e domínio da zona marítima, trata-se de um fator análogo a hegemonia exercida pela polis de Atenas no século V a.C. sobre seus aliados da Koyna Délica³, pois sob outra perspectiva de política diplomática. Atenas mantinha sua rede de aliados, a partir de sua força naval, protegia aqueles que estivessem no cumprimento de suas obrigações na coalizão Ática e punia os dissidentes e inimigos com a força bélica da sua armada.

O uso da força política e bélica de Atenas pode ser verificada em o Velho Oligarca (1: 17), o qual nos informa que a polis se utilizou de decretos obrigando a todos os membros da *symanchia* a comparecerem a sua sede, para responder por algum processo no âmbito da Koyna. A necessidade de controle sobre aliados também era motivo de preocupação para a defesa territorial da Antiguidade até a Contemporaneidade, pois o mar, por vezes, é ser o primeiro

³ A Koyna Délica teve início entre os anos de 478/477 a.C. com a finalidade de evitar e proteger os helênicos de novas invasões persas. Na ilha de Délos, situada na zona central do Mar Egeu, encontrava-se o templo de Apolo, lá ficou sendo seu ponto administrativo e religioso, no qual se recorreria ao *paniónio* (reunião dos grupos que descendem do herói Íon), para legitimar a escolha do local.

limite ou a mais extensa zona de contato com aliados e inimigos.

Tucídides, no primeiro livro da História da Guerra do Peloponeso, já advertia para a necessidade de domínio dos mares, o seu discurso revela que a política ateniense no Mar Egeu intentava o estabelecimento do poder, através de uma *Thalassocracia* ou *poder marítimo* (*seapower*). Eis como o stratego historiador se refere à *thalassocracia ateniense*: “podemos chegar rapidamente em qualquer ponto; em confronto, todavia, com homens cujas cidades são muito distantes e são, mais que todos, experimentados em atividades marítimas e melhor equipados sob todos os aspectos, possuidores de riquezas privadas e públicas, naus, cavalos, armas e uma população maior que a de qualquer outra região da Hélade” (Tucídides, I: 80). Com o exposto, Tucídides menciona que a expansão do poder marítimo ateniense apresenta a capacidade de atingir seus inimigos e auxiliar seus aliados em diversos pontos distantes da Hélade. Ao longo dos séculos a necessidade de se dominar a plataforma marítima tornar-se-ia um pensamento cotidiano entre os helênos. A existência da *Koyna Délica* tratou-se de elemento fundamental para compreendermos o *poder marítimo ateniense* e suas conexões com seus aliados.

A *Koyna Délica* é formada em 478 a.C., sob a iniciativa de Aristides, é convocada uma assembleia reunindo cidades jônias da costa da Ásia Menor e suas ilhas; além das cidades da Ilha de Eubéia, Cíclades, algumas cidades da Calcídia e Pronpôtida. A sua finalidade era garantir libertação das cidades helênicas que se encontravam situadas na Ásia sob domínio persa. Nessa assembleia ficou definido que todos os integrantes da *koyna* seriam autônomos e *eulethéroi* (livres) (MOSSÉ, 1985,p. 124).

A definição de quem deveria ser o *hegemon* levou em consideração a relação de ancestralidade, prestígio e poder

bélico, seguindo uma tradição que circulava entre os costumes helênicos. Essa tradição como nos aponta Tucídides, seguia um princípio de *autarcheia*, entendida como a capacidade de não ser dependente de outro, ou gerar recursos aos demais. Agamêmnon foi o comandante dos exércitos gregos contra os Troianos por possuir maiores condições de transportar as tropas por mar, ou seja, ter autossuficiência de barcos para si e muitos dos demais, eis as palavras do *stratego* historiador sobre a questão: “*E foi - penso eu - porque Agamêmnon conquistou poder superior ao dos outros, que pôde reunir sua frota, e não tanto porque os pretendentes a Helena, levados por ele, estivessem presos por juramento a Tindáreos*”. (TUCÍDIDES, I: 9). Proporcionalmente, os atenienses, por terem um passado mítico ligado ao herói Ion e possuírem a maior esquadra - além do prestígio por terem se mostrado guerreiro audazes no combate em Salamina - foram eleitos líderes da coalizão Dórica.

Atenas foi eleita líder pelos seus aliados segundo o princípio democrático ateniense do voto. No âmbito da *koyna*, ao início, antes de tomar qualquer decisão importante, os atenienses apresentavam a proposta para apreciação nas assembleias da liga, assim denominada de *synodo*, no qual todos os aliados eram *isopsephoi*, ou seja, possuíam igualdade de direito nas votações (MOSSÉ, 1985,p. 125). Contudo, a superioridade bélica ateniense no mar, diante das suas aliadas, lhes conduziu a ditar as normas a serem seguidas. As sucessivas batalhas em retaliação a decisões políticas ou movimentação bélica dos persas, colocava Atenas como ícone da *koyna* entre seus aliados e acentuava a sua expertise sobre o combate no mar. Nesse sentido, as decisões unilaterais por parte dos atenienses, tornou-se mais frequentes, causando ação de revolta sobre aliados e foi visando manter a unidade da coalizão dórica, que Atenas buscou efetuar medidas rígidas. Dessa forma, acabou tomando seus aliados,

não como parceiros políticos, mas sim como subordinados do seu *arkhé*⁴.

A propósito do *poder marítimo* exercido por Atenas, na perspectiva de Tucídides, os povos jônios que haviam se libertado do domínio dos persas teriam solicitado que Atenas se tornasse o *arkhé* dos helenos, devido aos seus laços étnicos, ou por não concordarem com a violência dos atos do rei espartano Pausânias (TUCÍDIDES, I, 95.1). Todavia, os atenienses ao assumirem o comando sobre os aliados (*symmáchon*) teriam estipulado a contribuição de pecúnia (*krémata*) para que fosse possível dar continuidade a defesa e dissuasão contra os persas (TUCÍDIDES, I, 96.1). Trata-se de um fato, Atenas fazer uso da força visando solidificar sua territorialidade e zona de atuação do seu poder e nesse intuito exercia o *arkhé* na *koyna Délica*, estabelecendo zonas de fronteiras utilizando impiedosamente seu poder naval.

A primeira operação bélica da *koyna* caracterizou como demonstração do poder naval ateniense empreendendo um cerco a Cidade-Porto de Eion, localizada na embocadura do rio Strymon. As forças foram comandadas por Cimon, filho de Milcíades, que capturaram a cidade que se encontrava sobre domínio dos persas. A próxima operação foi contra a ilha de Scyros, os atenienses escravizaram seus habitantes e instalaram novos colonos. Na ilha de Eubéia, travaram combate contra Carystus. Logo depois, Atenas investiu sobre Naxos, que havia se separado unilateralmente da *koyna*, as forças da coalizão a sitiaram e superaram esse impasse (SEALEY, 1976,p. 248).

⁴ Arkhé é um termo grego que significa: começo, princípio, origem; mas também: razão pela qual algo foi gerado, ofício, comando, governo, reino, autoridade (C.f. BÖLTING, 1953: 112-113). Nesse trabalho quando nos referirmos ao termo, estaremos mencionando a sua significação de autoridade e comando.

Tendo obtido sucesso na primeira fase de controle sobre o Mar Egeu, Cimom conduziu as forças atenienses para apoiar os aliados situados a leste de Atenas, ao longo da costa sul da Ásia menor, no rio Eurymedon, onde os persas tinham posicionado suas tropas por terra e mar, os derrotando e capturando 200 *trieres* fócias. Por vezes Cidades-Estado como Thasos entravam em atrito com a liderança ateniense. No caso dos thassios, acabaram saindo da *koyna* em razão da sua disputa com a líder délico-ática pelo controle das minas e do comércio na costa da Trácia. Os atenienses os derrotaram em uma batalha naval, sitiando toda a cidade. Os thassios pediram auxílio aos lacedemônios para invadirem a Ática. Os lacedemônios prometeram ajudá-los sem que os atenienses percebessem ou soubessem o que planejavam. Ao tentarem cumprir a promessa, tiveram os planos frustrados, devido a um terremoto. Com esse fato ocorrido: periecos, hilotas e a população de Thurium e Aethaea, se rebelaram indo para Ithome (SEALEY, 1976, p.248 / TUCIDIDES, 1: 101). Os thassios consideraram e se submeteram aos termos dos atenienses após três anos de cerco no qual as suas fortificações foram destruídas e sua frota cercada. Após esses fatos, os thassios aceitaram pagar os tributos desistindo de suas reivindicações de comércio sobre as minas localizadas no continente (SEALEY, 1976, p. 248 / TUCIDIDES, 1: 101).

Em 454 a.C., Atenas além de figurar como *arkhé* da *koyna*, também possuía a maior frota, nesse sentido imbuíu-se de proteger os espaços marítimos em que se encontravam seus aliados. Os atenienses, tomados pelo imaginário social de *arkhé* (líder), deliberou transferir a sede da *koyna*, que anteriormente situava-se em Delos, para a polis de Atenas, Cidade-Estado na qual recentemente emanava a decisões de interesse da coalizão délica. É importante ressaltar que em um acordo de *symmachia* como foi a *Koyna Délica*, o possuidor do maior exército e com melhor prestígio - como podemos verificar no discurso de Tucídides (I: 9) e Herodoto

(VII: 114) - define as diretrizes de luta e a resistência contra os inimigos. Portanto, se encontrava sob as condições de um acordo no qual os aliados "satélites", deveriam atender as solicitações da polis líder, tal qual os costumes e contexto social de produção do período. Nesse podemos afirmar que as redes e conexões dos atenienses com seus aliados na *Koyna Délica* encontra-se diretamente conectada a sua capacidade naval de patrulhar o Mar Egeu. Assim podemos verificar que os atenienses do século V a.C., foi uma autêntica *Thalassocracia*, diferentemente dos cretenses do período Minóico que foram uma *Nautocracia*.

Entendemos que um poder para ser *thalassocrático*, além de abranger o poder naval (poder militar no mar), necessita exercer poder marítimo, tendo o controle sobre o comércio e demais questões de interesses relacionados ao mar. Nessa conjuntura é possível perceber que as embarcações adotadas por Creta, possuíam dimensões e qualidades apropriadas para escoar o comércio e não atributos que favoreciam o combate marítimo. As embarcações cretenses eram do tipo *Kyftian*, sendo de classe náutica *Douloi*, próprio ao transporte. Por esse mesmo motivo, Creta necessitava manter sua rede de conexões estruturada por alianças que garantisse a proteção das suas rotas comerciais marítimas. Por consequência o diálogo com piratas ou *aristhos* que exerciam a prática da pirataria, dando-lhes autoridade de corso para pilharem aqueles que não se encontravam sob sua rede aliada era fundamental para a manutenção da hegemonia cretense. Esses piratas mantinha o policiamento sobre as rotas de comércio cretenses, mostrando que as relações de Creta com esses corsos, se sistematizavam através da capacidade de reuni-los conectados em grupo. A possibilidade de se encontrar na rede de contato no qual poucos podiam participar, conferia honra aos seus integrantes. Minos seria a personificação da realeza com prestígio suficiente para reunir e penalizar

aqueles que não cumprissem as normas de navegação ou pagamentos solicitados nos portos cretenses, embora não possuísse poder naval. Diferentemente, Atenas no século V a.C., detinha sua própria frota de guerra e através disso mantinha uma rede de proteção aos seus aliados. Fator que os permitiu estabelecer e sedimentar suas fronteiras marítimas no período Clássico.

Por fim, ratificamos que as redes e conexões cretenses e atenienses davam-se sob perspectivas distintas. Enquanto a primeira se utilizava de suas potencialidades prestigiosas em agregar seus aliados em uma rede *proxena*, a segunda se fundamentava na sua capacidade bélica. Contudo, o que havia de comum entre ambas, é a manutenção da atividade mercantil e a cobrança de tributos. Tal perspectiva, ratifica a existência e atuação de *territorialidades-verticalizadas* as quais, circulam na esfera das culturas e envolvem atividades mercantis, afetando todos os membros de uma determinada rede de contato. Fator evidencia na maneira pela qual se processou os critérios de escolha pelas quais cretenses mantinham-se líderes de uma rede *proxena*, assim como Atenas foi eleita e se manteve líder da *Koyna Délica*.

REDES DE CONECTIVIDADE ENTRE AS POLIS DE ATENAS E A REGIÃO DE MATRON DE PITANE

Prof.^a Doutoranda Alessandra Serra Viegas
(PPGHC/UFRJ)

Abordar o Mediterrâneo antigo é falar de *conectividade*, a qual passou a existir a partir do domínio das técnicas de desbravamento desse mar por meio das embarcações, mormente a partir dos séculos VIII-VII a.C., quando os gregos, possivelmente influenciados pelos mercadores fenícios¹, verdadeiramente encontraram "o caminho do mar"². O Mediterrâneo, à medida que ia sendo "descoberto", "trazido à luz", deixava de ser *pontos*, o mar exterior³, alto, amedrontador e desconhecido e tornava-se *thálassa* um mar vasto, imenso, porém visível e conhecido⁴, o qual pode ser singrado e vencido, utilizando-se a *mêtis*, a astúcia e o conhecimento, assim como Odisseu utilizara para fazê-lo⁵. Essa *conectividade*, estabelecida através de interações e influxos pelo mar Mediterrâneo, é ponto pacífico nos estudos da historiografia moderna.

Para Fernand Braudel, o Mediterrâneo vai muito além de um espaço geográfico; ele é um espaço cultural que interfere na construção das civilizações que viveram em suas margens. O Mediterrâneo são "mil coisas ao mesmo tempo. Não uma paisagem, mas inúmeras paisagens. Não um mar,

¹ Segundo a arqueologia, as navegações fenícias datam do século IX a.C. (cf. CORVISIER, 2008, p. 39) e as da Euboia serão as primeiras do século VIII a.C. (cf. GRASS, 1998, p. 15) .

² CORVISIER, 2008, p. 39.

³ CORVISIER, 2008, p. 43.

⁴ GRAS, 1998, pp. 15-16.

⁵ DETIENNE; VERNANT, 2008, p. 30.

mas uma sucessão de mares. Não uma civilização, mas civilizações sobrepostas umas às outras"⁶. Ao mesmo tempo, esse mar é uma interseção, uma encruzilhada muito antiga de povos e de culturas, pois "tudo converge em sua direção, confundindo e enriquecendo sua história: homens, animais de carga, veículos, mercadorias, navios, ideias, religiões, artes de viver"⁷.

Quanto às rotas estabelecidas nesse espaço que vai sendo cada vez mais conhecido, afirma Braudel que "o Mediterrâneo são rotas por mar e por terra, unidas; quem diz rotas diz cidades, as modestas, as médias e as grandes, dando-se as mãos. Rotas e mais rotas, isto é, todo um sistema de circulação"⁸. Neste sentido, o mar é, antes de mais nada, uma "superfície de transporte", útil e que, unido à cidade comercial, com seu porto equipado, serão instrumentos a serviço das economias mediterrâneas e, por conseguinte, de sua riqueza⁹.

Michel Gras, por sua vez, afirma que o Mediterrâneo, como um mar que está no meio do universo conhecido, da *oikouménē*, enriquecido por contributos diversos, porém compatíveis, é o lugar central que condiciona a vida social e relacional do mundo, pela circulação de pessoas e pelas trocas comerciais. Especificamente para os gregos, esse mar funciona nas estruturas mentais como uma espécie de *ágora*, a sua praça central onde a vida pública acontece¹⁰. Gras estabelece uma síntese do Mediterrâneo arcaico tendo como ponto contundente os relatos de guerra e de crises sociais, com mistura de etnias, circulações individuais ou coletivas, "emigrações mais forçadas do que desejadas"¹¹, uma época de dinâmicas intelectuais, econômicas e técnicas que se

⁶ BRAUDEL, 1988, p. 2.

⁷ BRAUDEL, 1988, p. 2.

⁸ BRAUDEL, 1988, p. 49.

⁹ BRAUDEL, 1988, pp. 29; 36.

¹⁰ GRASS, 1998, pp. 7-9.

¹¹ GRASS, 1998, p. 243.

apresentam favoráveis à concorrência, à vizinhança, à emulação, enfim, o Mediterrâneo como o espaço de “uma dialética permanente de confrontos e encontros”¹².

Com a publicação de *The Corrupting Sea: a Study of Mediterranean History* (2000), Peregrine Horden e Nicolas Purcell,¹³ abordam, influenciados pela obra de Braudel¹⁴, o Mediterrâneo com uma visão de suas características físicas e ecológicas, baseando seus estudos na conectividade¹⁵, bem como na potencialidade que o Mediterrâneo oferece para a interconexão entre grupos humanos. Para isso, refletem teoricamente uma história do mundo antigo tangenciada pelo ângulo da história do Mediterrâneo a partir de investigações *microecológicas*, ou seja, são a história social, política, econômica e religiosa do e no Mediterrâneo¹⁶ as bases para pensar a conectividade. Com uma linguagem atual, a conectividade existente no Mediterrâneo e que une localidades e abre um espaço livre para a comunicação, aproxima-se da visão sobre a globalização e da internet, ambos assuntos em voga na sociedade que passava pela virada do milênio.

Jean-Nicolas Corvisier, em *Les Grecs e la Mer*¹⁷, analisa, a partir das origens creto-micênicas, o valor deste mundo marinho que a princípio é assustador, mas que aos poucos deixa de ser para os gregos uma terra incógnita. Em Homero, na *Ilíada*, chegar a Troia se configura como a representação, tanto do comércio, quanto da expansão das rotas comerciais marítimas à época. Ao mesmo tempo, a *Odisseia* demonstra que a navegação pode ser uma luta com

¹² GRASS, 1998, p. 243.

¹³ HORDEN; PURCELL, 2000

¹⁴ BRAUDEL, *O Mediterrâneo e o mar mediterrânico à época de Filipe II*. Os autores fazem referência à edição em inglês, de 1972.

¹⁵ HORDEN; PURCELL, 2000, pp. 123-172.

¹⁶ HORDEN; PURCELL, 2000, pp. 2-3.

¹⁷ CORVISIER, 2008, pp. 11-53; 63.

os elementos que só alguém como Odisseu chega a assimilar, fazendo parte de seu ideal heroico. Definitivamente, a navegação é uma atividade que vai-se espalhando. Corroborando Braudel, Gras, Horden e Purcell, Corvisier é enfático ao dizer acerca do Mediterrâneo que “em uma palavra, o mar [...] desempenha o papel de ponto de contato entre civilizações”¹⁸.

Irada Malkin¹⁹, a partir da *Social Network Theory* (Teoria da Rede Social), amplia a visão da conectividade dialogando com as pesquisas até então (e citadas acima), deixa claro que se baseia nas pesquisas de Braudel e expõe essa mesma visão historiográfica, pensando o Mediterrâneo antigo como um lugar de influências e influxos por todos os lados e em todas as direções e aplica o conceito de *redes de conectividade* no mundo antigo, fazendo sua reflexão a partir da movimentação e do alcance das redes sociais da atualidade, na mesma direção de Horden e Purcell.

Norberto Luiz Guarinello, em seus *Ensaio sobre História Antiga*²⁰ corrobora a visão historiográfica de Malkin e reflete acerca do Mediterrâneo antigo como um local onde se daria o que poderíamos chamar hoje, no século XXI, de uma *micro-globalização regional*: partindo-se do pressuposto de que há elementos culturais, políticos e socioeconômicos em toda a região à volta do Mediterrâneo, não se espera apenas de que essas sociedades em desenvolvimento tivessem um mesmo *ethos* (no sentido de costumes e valores da experiência da vida), mas que essas estruturas foram se construindo mutuamente a partir de suas relações através da circulação de mercadorias e de ideias, conceitos e valores ao longo das viagens por mar e, nas sociedades limítrofes, por

¹⁸ CORVISIER, 2008, p. 63.

¹⁹ MALKIN, 2012.

²⁰ *Ensaio...* é o título da tese apresentada pelo professor e pesquisador para o concurso de livre-docência na área de História Antiga da Universidade de São Paulo, em 2014.

terra. Essa micro-globalização, como o próprio Guarinello afirma, “pode nos ajudar a pensar problemas do mundo contemporâneo”²¹.

Esta pesquisa segue as sínteses de Malkin na construção do conceito de *redes de conectividade* e de Guarinello no que diz respeito a pensar a Antiguidade com a devida aproximação. Para isto, intentamos ser um contributo acerca desta *conectividade* estabelecida, trazendo um recorte nas relações Atenas-Pitane, como exemplo e, desse modo, apontar a partir de um campo de experimentação comparada em que medida essas interações culturais entre os povos no entorno do Mediterrâneo desenvolvem e modificam, a partir da comunicação pelas rotas marítimas, seus hábitos alimentares, demonstrados pela exuberância e pela diversidade dos pratos de peixe e frutos do mar servidos no *attikôn deîpnon* oferecido por Xenoklês.

A interação cultural que existia no Mediterrâneo antigo, estabelecida entre os gregos e outros povos pode ser entendida na linguagem atual como uma *rede de conectividade (network)* segundo o pesquisador Irad Malkin²². No caso Atenas-Pitane, esta *rede de conectividade* se dá, principalmente, pela proximidade geográfica facilitada pelas rotas marítimas que compreendem o mar Egeu e que se ampliam para o mar Mediterrâneo e o mar Negro²³, bem como pela efetivação das negociações comerciais entre ambos.

²¹ GUARINELLO, 2011, pp. 75-76.

²² MALKIN, 2012.

²³ A pesquisadora Maria Regina Candido, em seu projeto de Prociência/FAPERJ/UERJ 2017-2020, intitulado “Medeia: narrativa mítica que traz a *conectividade marítima* e o processo de migração entre a região bárbara de Colquida/Mar Negro e a civilidade de Atenas/Mar Egeu no período Clássico” aplica a Teoria da Rede Social de Malkin a partir das incursões marítimas ao mar Negro.

Malkin, que a partir de seus estudos acerca das interações ocorridas no mundo mediterrânico cria a *Teoria da Rede Social* (*Social Network Theory*), explica que esta é parte de uma teoria da complexidade, a qual busca compreender fenômenos emergentes da organização própria de grandes sistemas. A mesma pode ser aplicada e enquadra-se na dinâmica da organização própria que parece moldar o mundo arcaico mediterrâneo, em que ninguém planejou, *a priori*, o que se tornaria a “rede dos gregos”²⁴. Um dos exemplos dessa rede é a constituição de Delfos como resultado da colonização grega, que consolidaria sua influência para criar a *teoria da rede* para a expansão do mundo grego.

O que relaciona as influências e os influxos como interação cultural entre Atenas e Pitane e as pesquisas de Malkin é refletir acerca de uma *rede histórica* de tipo descentralizado em um processo emergente que transforma “redes discretas”, elaboradas a partir de comércio, migrações, peregrinações, navegação e mobilidade individual em uma “rede de reciprocidade reconhecível e, a partir daí reconhecida como civilização”²⁵.

Deste modo, pode-se pensar na relação Atenas-Pitane a partir do século VII a.C. e, com o passar do tempo, em como a Atenas do século IV a.C. se configura. Em tempos de crise política e econômica que redundará em uma Atenas e em cidadãos cosmopolitas, transforma-se uma rede discreta – a mobilidade de Atenas via comércio por mar – em uma rede de reciprocidade – a Atenas que recebe e acolhe não só Mátron, mas que possibilita, no fragmento 1, que Xenoklês seja apresentado como uma espécie de modelo histórico-literário da posição do xénos (o estrangeiro visitante) que movimenta a economia através dos gastos na cidade, ou do

²⁴ MALKIN, 2012, pp. 30-31.

²⁵ MALKIN, 2012, pp. 39-40.

métoikos (meteco - o estrangeiro residente), ligado à oligarquia mercantil ou com possibilidade de participação nos processos democráticos.

O conceito de *redes de conectividade*, elaborado por Malkin, também pode ser aplicado, no caso de gregos e não-gregos, e especificamente à relação entre Atenas e Pitane a elementos e/ou instituições presentes nesta relação. Neste sentido, tanto a atividade comercial estabelecida – a *emporía* – quanto o local onde ela se desenvolve – o *empórios* – na região do Pireu e o comércio interno e externo que proporcionam são elementos-chave para tomar como base a percepção da *rede de conectividade* entre as duas *pólis* via mar Egeu e, ainda, o porto e o entreposto comercial como locais que proporcionam grande circulação de cidadãos e de estrangeiros residentes e visitantes.

Neste sentido último, conforme as pesquisas que resultam na análise de Robert Garland²⁶, o porto do Pireu é uma espécie de termômetro populacional de metecos de acordo com a situação mercantil em Atenas: por volta de 480 há uma grande expansão do número de metecos devido ao desenvolvimento da frota naval e consequentemente da zona comercial; e em 431 a.C., ocorre uma significativa redução de metecos devido à guerra do Peloponeso.

Claude Mossé aponta que o Porto do Pireu em Atenas era um dos principais *emporía* ao longo do mediterrâneo, com uma grande concentração de comerciantes. Destes, havia cidadãos atenienses, outros residiam na *pólis* na condição de *métoikos*; outros eram estrangeiros de passagem, vindos ao Pireu com uma carga que esperavam vender ou trocar por outras mercadorias ou por outra moeda que circulava por toda parte, em todos os mercados²⁷.

²⁶ GARLAND, 1987, pp. 58-60.

²⁷ MOSSÉ, 2004, p. 113.

Alair Duarte²⁸ enfatiza que os *empória* localizados no porto do *Pireu*, configuravam-se como entreposto comercial e também militar, com as atividades de troca e aquisição de riquezas pelos mercadores. Acrescenta, ainda, que o local também servia como uma espécie de alfândega, fiscalizando os navegadores que circulavam pelas rotas marítimas inseridas na Liga de Delos. Ao mesmo tempo, se apresentava como um lugar de solidariedade e confiança, no qual as hostilidades eram minimizadas²⁹, dando materialidade às fronteiras em uma *linha de defesa marítima* e recepcionando aqueles que não fossem agressivos ou provocadores. Neste sentido, o estrangeiro que aportasse nos *empória* localizados no Pireu receberia os primeiros contatos com a civilidade dos atenienses³⁰.

Duarte aponta a projeção de poder político já no século V a.C. emanada do porto do Pireu – entendido como posto da *linha avançada de defesa marítima* da Ática –, com o domínio do conhecimento marítimo dos cidadãos *thêtes*³¹, os quais eram parte fundamental desse sistema por serem eles que movimentavam os *trieres* através do remo. Nessas circunstâncias, a partir do século V a.C., o Pireu emergiu como um segundo centro urbano da *pólis* pelo fato de trazer desenvolvimento a todo o comércio no Mar Egeu, havendo uma potencialização da produção especializada, visando atender a um mercado que se diferenciava das épocas anteriores. Assim, todo o Egeu se encontrava integrado e muitas cidades passaram a se conectar, incrementando seu abastecimento³². Além disso, o *empórios do Pireu* possuía um estatuto especial, que permitia a atuação de cidadãos

²⁸ DUARTE, 2017, p. 192.

²⁹ GARCIA, 2009, p. 314.

³⁰ DUARTE, 2017, p. 196.

³¹ DUARTE, 2017, pp. 193-195.

³² GARCIA, 2009, p. 377.

oligarcas, envolvidos nos negócios de finanças e no comércio marítimo³³.

Unida a esta *rede de conectividade* entre gregos e não-gregos apontam-se as rotas constituídas pelos mares Egeu, Negro e Mediterrâneo para a busca dos produtos comercializados como uma *rede de conectividade marítima*, imprescindível para a penetração socioeconômica e cultural do *xénos* ou do *métoikos* na Atenas dos séculos V-IV a.C. Outro “braço” dessa *rede de conectividade marítima* são os *empória* (ἐμπόρια [empórios] – lugares de comércio marítimo) presentes no Pireu, que permitem uma grande circulação de estrangeiros e metecos através do comércio que ali se estabelece.

Com efeito, cada uma destas *redes de conectividade marítima* – as rotas e os ἐμπόρια – inicia-se com um pequeno núcleo que se vai expandindo ao longo do tempo. Assim, os ἐμπόρια como lugares de comércio marítimo e, particularmente, no caso de Atenas utilizados para importação e exportação, vão tomando corpo a partir do século V a.C. e se estabelecem, junto às rotas marítimas, como uma das principais redes para a circulação de produtos, cultura e pessoas não-gregos e não-atenienses, mas com livre curso que se expande na Atenas do século IV a.C.

São as *redes de conectividade* estabelecidas entre Atenas e Pitane por meio das rotas marítimas e do comércio e que desembocam em uma interação cultural entre ambas as póleis e que permitem chegarmos às possibilidades de análise do fragmento 1 de Mátron como um texto que alcançará um público capaz de achar graça do humor produzido com o achincalhe no comportamento dos convivas atenienses à mesa e da presença de um anfitrião cujo nome – Xenoklês,

³³ GARCIA, 2009, p. 317.

provavelmente denota um ou enriquecido e emergente economicamente.

Essa abundância de Xenoklês sobrevinda das *redes de conectividade marítima* é confirmada pelo fato de que oferecerá um jantar ático com uma série de pratos de peixe e frutos do mar advindos, certamente, do Pireu. Sua condição econômica elevada e a grande variedade de pratos que se apresentam no texto, com a riqueza vocabular de um catálogo, como o que está contido em Archéstratos de Gela³⁴ (na *Hedypatheia*) pode até mesmo apontar Xenoklês

³⁴ ATHENAEUS, *Deipnosophistae* I, 4e. Archéstratos (Θαρξέ/στρατοφ, século IV a.C. - ca. 330 a.C.) foi um poeta, gastrônomo, e provavelmente cozinheiro grego de Gela ou Siracusa, na Sicília, que viveu em meados do século IV a.C. Seu poema humorístico didático *Hedypatheia* (*Vida de Luxo*), escrito em hexâmetros, aconselha um leitor gastronômico sobre onde encontrar a melhor comida do mundo mediterrâneo. Archéstratos, que foi denominado, na Antiguidade, de o Hesíodo ou o Teógnis dos glutões, escreveu paródias no estilo antigo dos poetas gnômicos; a maior parte de sua atenção é dada aos peixes, embora alguns dos primeiros fragmentos se referirem a aperitivos, e houvesse também uma seção sobre vinhos. Seu poema ganhou certa notoriedade entre os leitores dos séculos IV e III a.C.. Foi referido pelo poeta cômico Antífanos, por Linceu de Samos e pelos filósofos Aristóteles, Crisipo e Clearco de Soles. Em quase todos os casos essas referências são depreciativas, o que implica que o poema de Archéstratos, assim como o manual sobre sexo de Filênis, provavelmente fosse para corromper seus leitores. Esta atitude é exemplificada no *Deipnosophistae* com citações de Crisipo: "Este admirável Crisipo, em Sobre Bondade e Prazer livro V, fala de: Livros como os de Filênis, e a Gastronomia de Archéstratos, e estimulantes para o amor e as relações sexuais, e depois novamente sobre escravas especializadas em tais movimentos e posturas e entendidas no assunto; e mais adiante sobre ele diz: estudando tudo isso e adquirindo os livros sobre o assunto escritos por Filênis e Archéstratos e outros escritores sobre o tema; e no livro VII ele diz: ninguém deve, portanto, estudar Filênis, ou a Gastronomia de Archéstratos, com a expectativa de melhorar sua vida! Claramente, ao citar este Archéstratos tantas vezes, vocês encheram nosso banquete com indecência. Há algo calculado para corromper aquilo que este excelente poeta deixou de dizer?" (ATHENAEUS, *Deipnosophistae* 335b). Sessenta e dois fragmentos do poema de Archéstratos (incluindo dois itens duvidosos) sobreviveram, todos através de citações de Ateneu no *Deipnosophistae*. O poema foi traduzido ou imitado, em latim por Ênio. A edição padrão dos fragmentos, com comentários e tradução, é de

como alguém que enriqueceu através da atividade mercantil pesqueira na Atenas do século IV a.C. a partir dos *empória* (εμπορία) no Pireu.

Além disso, essa condição econômica como emergente para o personagem Xenoklês e o conhecimento de uma grande variedade de pratos ligados aos pescados do mar podem, na verdade, ser a condição do próprio Mátron, autor do texto, natural de Pitane e habitante em Atenas. Este fato corrobora o pensamento de Malkin de que a Grécia e outros povos da Antiguidade, sejam na bacia do Mediterrâneo como os fenícios, siracusanos, siciliotas, sejam os hebreus ou os povos da Ásia Menor, dentre os quais estão os habitantes da região de Pitane não são “pequenos mundos”³⁵, mas são mundos com características próprias e peculiares que se estreitaram através das rotas marítimas com as quais se estabeleceram as redes de conectividades marítimas no Mediterrâneo Antigo.

Douglas Olson e Alexander Sens (2000), os mesmos pesquisadores que traduzem os fragmentos de Mátron de Pitane, objeto desta tese.

³⁵ MALKIN, 2012, pp. 40-43.



ENTRE A MACEDÔNIA, A HÉLADE E O ORIENTE: OS VÍNCULOS DO BASILEUS HELENÍSTICO

Prof.^a Doutoranda Alessandra André
(Ufes/Leir-ES/Fapes)

No presente artigo, temos por objetivo analisar os elementos macedônios e helênicos no processo de formação da *basileia* helenística no século IV a.C. Buscaremos refletir sobre os lugares de fronteiras que estes elementos possuem na formação do próprio *basileus* helenístico, sobretudo a partir dos exemplos de Antígono Monoftalmo e seu filho Demétrio Poliorcetes. Buscaremos desta forma, relativizar a ideia de *homogeneidade* política e cultural entre a Macedônia e o mundo da Hélade, muitas vezes inferida nas análises de especialistas que analisam a segunda metade do século IV a.C., contexto de conquista da *oikoumene*.

Durante muito tempo, a preconização de uma helenização, sobretudo do Oriente, por meio das conquistas macedônias no século IV a.C., permeou o ideário de diversos estudiosos da Antiguidade. No século XIX, temos o termo helenização ganhando difusão com Gustav Droysen, que ligou o termo à ideia de uma civilização híbrida, formada por elementos helênicos e orientais – visão na qual a cultura helênica sempre dominaria. Nesta visão tradicional, não só o papel do Oriente seria minimizado no processo de formação cultural e política do mundo helenístico, mas também o da própria Macedônia – genitora de todas as dinastias helenísticas, essa seria pulverizada no bojo da dicotomia gregos *versus* asiáticos. Mesmo pesquisadores atuais que questionam o uso do conceito de helenização, como Mairs (2011), por este conceito geralmente partir de uma análise

unilateral, que parte do viés grego em contraposição ao oriental, romano ou judaico, acabam por promover a exclusão da esfera macedônia.

A elite macedônia, embora partilhando elementos culturais helênicos, não se incluía na Hélade, e em diversas fontes antigas, como Heródoto e Demóstenes, essa tensão entre gregos, da região da Hélade, e macedônios pode ser percebida. Heródoto nos relata um episódio que ocorreu por volta de 500 a.C., sobre o questionamento da participação de Alexandre I nos jogos olímpicos:

Quando Alexandre decidiu competir nos jogos olímpicos, e veio para Olímpia para participar destes, os outros concorrentes gregos [helenos] tentaram pará-lo na área da competição contestando que esta não era para bárbaros, mas somente para gregos. Mas quando Alexandre provou que ele era realmente um grego o, ele foi julgado um heleno, e competiu na corrida com base em sua descendência [...] (Herodotus, *Histories*, V, 22).

De acordo com Thonemann (2015, pp. 10-11), o episódio expõe como os macedônios tinham de demonstrar e comprovar a sua *helenidade* perante os gregos da Hélade, mas que estes últimos não viam este povo, que vivia nas franjas do mundo grego, como iguais. Como Mairs refletiu, sobre os processos de helenização, estes:

[...] não consistem necessariamente em um indivíduo, ou grupo, fazer a transição de um grupo cultural para outro, não mais pertencendo ao seu grupo cultural de origem. Pode-se deliberadamente, inconscientemente, ou através da coação se adotar aspectos da cultura material ou do comportamento de outro grupo, sem a intenção ou ensejo de si mesmo se tornar membro desse grupo (MAIRS, 2011, p. 2).

Dentro desta perspectiva, foi desta forma que a realza macedônia filiou suas origens a elementos helênicos e legitimou em parte seu domínio sobre o território macedônio por meio do princípio da *doriktetos chora*,¹ sem com isso deixar de pertencer ao grupo cultural macedônio. E quando da conquista de Alexandre do território asiático, o mesmo tipo de apropriação cultural, e com objetivos similares, irá ocorrer com elementos pertencentes à cultura oriental: como a adoção do diadema e parte da indumentária dos aquemênidas, por exemplo.

O que percebemos, é que a *basileia* e o *basileus* que se configuram nas últimas décadas do século IV a.C., emergem da contribuição e diálogo destes três espaços diversos – Macedônia, Hélade e Oriente. Do ponto de vista da representação, podemos em um primeiro momento sermos direcionados para os aspectos helênicos desta realza: discurso dos monarcas, deidades as quais estes se ligam, e a própria fundação de cidades que se esmera no modelo arquitetônico da *pólis*.

Mas em um segundo momento de análise, pode-se dizer que os elementos que constituem a *basileia* helenística, em sua concretude, resultam muito mais da fusão dos elementos da monarquia macedônia com os da oriental, do que com os provindos do mundo helênico, ao contrário da tradicional visão da helenização do Oriente. Esta afirmação se baseia em dois fatores. Em primeiro lugar, lembramos que o próprio termo *basileia* possui em sua definição elementos muitos mais ligados aos governos do Oriente. Na *Suda*, além do termo estar primeiramente associado ao *Grande Rei*, ele inicialmente é direcionado ao governo de populações asiáticas: “*Basileia*: [...] a população governada por um

¹ Território conquistado pela lança.

basileus; como [os] persas, indianos, árabes." (Suidas, Beta 146). Além disso, diferente de como os gregos encaravam a monarquia, tanto na realeza oriental, como na helenística, e em certa medida na macedônia, a importância dada ao poder pessoal do rei será de grande importância.² Uma prova material deste caráter pessoal do poder régio pode ser encontrada na documentação numismática.

Já com Filipe II encontramos indícios desta característica do poder régio. Com uma política voltada para reforçar sua imagem como governante, o monarca não recorreu só a instrumentos do campo da força, mas também ao campo do simbólico. Ao assumir o trono em 359 a.C., Filipe II fez questão de ressaltar suas qualidades de líder e controlar a produção e circulação da representação de sua imagem dentro e fora da Macedônia (THOMPSON, 1982, p. 113).

Tanto nos padrões de sua cunhagem, quanto nas suas representações numismáticas fica clara a associação com o mundo helênico desejada por Filipe.^{3 4} Vemos a associação do nome do monarca cunhado no reverso de suas moedas

² Os gregos pertencentes à Hélade, ainda no século IV a.C., tinham resistência a aceitar o poder pessoal, e ideologicamente a visão política de que o poder repousava na comunidade dos cidadãos ainda era extremamente forte. Quanto a Macedônia, devido a informações contraditórias é mais difícil se posicionar perante o caráter do poder régio. Contudo, o fato de existir a fórmula *Basileus Makedônôn*, e o papel da assembleia do povo em armas, tão debatida por autores como Hammond (2001), Briant (1973) e Chaniotis (2005), nos deixa entrever que pelo menos até Filipe II, a Macedônia transitava em meio a uma espécie de *monarquia nacional*, segundo a nomenclatura utilizada por Walbank (1984).

³ De acordo com Thonemann (2015, p. 9), Filipe assim como seus predecessores tinha consciência da ambiguidade do status étnico dos macedônios dado este ser um povo originário das franjas do mundo grego. Heródoto também fala sobre essa questão ao falar do questionamento feito a participação de Alexandre I da Macedônia nos Jogos Olímpicos (Hdt., V, 22).

⁴ Sobre informações mais abrangentes sobre pesos e medidas, circulação e confecção das moedas do nosso período consultar Morkholm (1991).

com deidades helênicas, como Apolo e Zeus, como podemos observar na moeda abaixo.



Estáter de ouro representando Filipe II (359-336 a.C.). Encontrado em Anfípolis (340-328 a.C.). Anverso: cabeça de Apolo laureado. Reverso: biga conduzida por cavaleiro. Inscrição – ΦΙΛΙΠΠΙΟΥ. Peso: 8,58g (SEAR, 1979, p. 617).

A presença do nome de Filipe nas moedas é um fator importante para reforçar a imagem régia. Entretanto, será com Alexandre que vamos ver materialmente a transição simbólica de um poder mais ligado ao território para um poder simbólico cada vez mais voltado para a figura do rei. Enquanto as primeiras moedas emitidas por Alexandre seguiam o modelo das de seu pai, trazendo simplesmente seu nome no reverso, depois do início da campanha para o Oriente, o monarca associou duas tradições ideológicas em sua cunhagem: a macedônia e a aquemênida. Enquanto Filipe II só utilizava seu nome na emissão de moedas, sem utilizar o termo *basileus*, para o rei persa ser reconhecido, bastava apenas à evocação ao termo *basileus*. Assim, se estabeleceu dois tipos de inscrições no reverso das moedas cunhadas por Alexandre, o primeiro sendo ΑΛΕΞΑΝΔΡΟΥ e o segundo ΒΑΣΙΛΕΩΣ ΑΛΕΞΑΝΔΡΟΥ (BELLINGER, 1963, p. 1).



Alexandre III (336-323 a.C.). Tetradracma de prata. Local de cunhagem indefinido – Grécia continental (330-301 a.C.). Anverso: cabeça de Héracles, vestindo pele de leão. Reverso: Zeus sentado, segurando águia e cetro. Inscrição – ΑΛΕΞΑΝΔΡΟΥ. Peso: 17 g. (SEAR, 1977, p. 622).



Alexandre III (336-323 a.C.). Tetradracma de prata. Local de cunhagem Babilônia. Anverso: cabeça de Héracles, vestindo pele de leão. Reverso: Zeus sentado, segurando águia e cetro. Inscrição – ΒΑΣΙΛΕΩΣ ΑΛΕΞΑΝΔΡΟΥ. Peso: 17,1 g. (SEAR, 1977, p. 622).

O título *basileus* encontrado em determinadas moedas variou de acordo com a região, e o período. A população de língua grega não via com bons olhos o governo exercido por qualquer rei e, portanto, o título geralmente não é encontrado em moedas de Alexandre que circulavam na Grécia continental (WALBANK, 1984, p. 66; MOSSÉ, 2004, p. 143). Ainda que no século IV a.C., tenham surgido círculos de pensadores na Grécia que passaram a

conceber um tipo idealizado de monarquia, como Xenofonte, Isócrates, e até mesmo Platão e Aristóteles, e que as reflexões destes homens tenham influenciado a própria ideologia em torno da qual a *basileia* helenística vai estar envolta, a representação da monarquia, e a submissão a mesma no território da Hélade foi algo que suscitou diversas manobras específicas por parte dos *basileis* helenísticos, sobretudo dos primeiros.

Tanto Filipe, quanto Alexandre, e depois Antígono e Demétrio, articularam mecanismos simbólicos para a representação de suas imagens. A recorrência e manipulação de um passado mítico, à ligação com ancestrais poderosos, e a elementos da cultura de uma localidade dominada, como as cidades gregas e o território asiático, mostram para nós o poder e importância do que Bordieu (1998) chamou de capital simbólico.⁵

É por meio do capital simbólico que, os construtores da *basileia* helenística se faziam ver e *crer* pelas populações pertencentes ao território da *oikoumene* – fossem elas compostas por macedônios, gregos ou asiáticos. Antígono e Demétrio, dentro deste espaço de fronteiras, e tendo Alexandre III se tornado um capital simbólico de primeira importância, também irão seguir o mesmo padrão de cunhagem iniciado por Filipe II e depois adaptado por seu filho. No que se refere a Antígono, a representação numismática não nos revela tanto, pois dentro da lógica de fabricação de sua imagem como primeiro *basileus* helenístico, Antígono buscou a filiação com Alexandre, e desta forma, as moedas cunhadas durante seu governo eram todas em nome deste, inclusive com a própria inscrição no reverso com o

⁵ Segundo a definição de Bourdieu (1998, pp. 134-135), o capital simbólico seria: "[...] geralmente chamado de prestígio, reputação, fama etc, que é a forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes espécies de capital."

nome do argéada. A representação numismática que possuímos com a inscrição do nome de Antígono no reverso foi provavelmente cunhada a mando de Demétrio, em homenagem ao pai.



Antígono Monoftalmo. Estáter de ouro do tipo Alexandrino. Local de cunhagem provavelmente Peloponeso (303 a.C.). Anverso: cabeça de Héracles vestindo pele de leão. Reverso: Zeus sentado, segurando águia e cetro. Inscrição – ΒΑΣΙΛΕΩΣ ΑΝΤΙΓΟΝΟΥ (British Museum, 1932).

A cunhagem póstuma como homenagem feita por Antígono, e outros diádocos, foi comum no mundo helenístico, Alexandre fez diversas cunhagens em nome de seu pai e de outros reis macedônios. Se filiar aos ancestrais era um forte elemento de legitimação. Quanto a Demétrio, sua representação numismática é muito rica. Ele inclusive será o primeiro *basileus* a representar a si próprio nas moedas, primeiro em tetradracmas de prata e depois em estáteres de ouro. Em suas representações numismáticas é possível ver mais claramente elementos que ligam o rei tanto a Hélade, a Macedônia quanto ao Oriente.



Demétrio Poliorcetes (306-283 a.C.). Tetradracma de prata. Achado em Circa (291-290 a.C.). Anverso: Demétrio ornado com diadema. Reverso: Poseidon com pé direito sobre a rocha, segurando tridente, monograma no círculo à esquerda exterior. Inscrição – ΒΑΣΙΛΕΥΣ ΔΗΜΗΤΡΙΟΥ. Peso: 16,88 g. (SEAR, 1977, p. 628).

Por meio da representação numismática vemos como o descendente da dinastia Antigônida, se filia a deidades helênicas, a um dos símbolos mais controversos da *basileia* helenística, o diadema, e ao componente essencial da imagem do *basileus* helenístico e que está diretamente ligado a uma das maiores qualidades dos monarcas macedônios e que se propagou no século IV a.C., pelo território da hélade – a representação do *basileus* como general vitorioso. Inclusive é a partir deste atributo, que se cria a ideia de *Theos Aniketos*, e a imagem de Sóter ligada ao soberano helenístico por parte das cidades gregas. É principalmente devido a esta imagem de general vitorioso ser de suma importância para a constituição da *basileia*, que ao analisarmos a constituição da *basileia* Antigônida torna-se fundamental a associação da figura de Demétrio ao pai.

Sobre as honras aos *basileis* por parte de cidades gregas decorrentes da vitória destes o caso mais bem iluminado é o de Atenas. Por volta de 307/6 a.C., Antígono enviou Demétrio, para libertar Atenas, que na época era

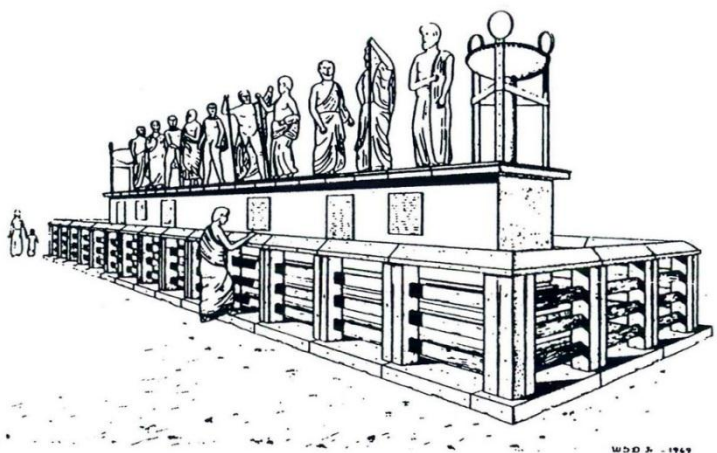
administrada por Demétrio de Falero, aliado de Cassandro (CÂNDIDO, 2004, p. 220).

Demétrio, que em breve ganharia o epíteto de *poliorcetes*, derrotou a guarnição de Cassandro em Mouniquia e dois meses depois, como *libertador*, entrou em Atenas. Ele libertou os atenienses do domínio de Cassandro, e expulsou Demétrio de Falero da cidade, *restaurando* a democracia. A recepção de Demétrio pelos atenienses teria sido a seguinte, segundo testemunho de Plutarco (*Vitae Parallelae, Demetrius*, VIII, 4-9, 1):

Demétrio navegou até o Pireu [...]. Ele estava agora à vista de todos. De sua embarcação, ele deu um sinal para a calma e silêncio, e quando este foi realizado, através de um arauto proclamou que seu pai lhe tinha enviado, com boa fortuna, para libertar os atenienses e expulsar a guarnição [de Cassandro] e restaurar aos atenienses suas leis e constituição ancestral. Após esta proclamação ter sido feita, a maioria [dos atenienses] imediatamente colocou seus escudos para baixo diante de seus pés e o aplaudiram. E, gritando, eles pediam para Demétrio desembarcar, e o chamavam de "benfeitor" (εὐεργέτην) e "salvador" (σωτήρα).

As honrarias concedidas a ambos os antigônidas foram grandiosas como nos reporta Diodoro (XX, 46, 1-4): coroas de ouro, altares com sacrifícios, imagens tecidas dentro dos moldes da veste de Atena, duas tribos com os nomes dos mesmos e um grupo de bigas de ouro.⁶

⁶ Honrarias aos antigônidas só foram removidas por volta de 200 a.C (BROGAN, 2003).



Monumento heróis epônimos (LANG, 2004)

Inclusive, fragmentos epigráficos, nos reportam que a esta altura, o termo *basileus* já era direcionado a Antígono e Demétrio. Antígono que fora proclamado em 311 a.C., *Basileus* da Ásia, foi em 306 proclamado como o primeiro *basileus* helenístico ao lado do filho. Os cultos dedicados a Antígono e a Demétrio representam uma faceta da representação do *basileus*, que está diretamente ligada à vitória militar: a imagem do herói. Seria normal no processo de *fabricação* do *basileus* ocorrer um processo gradual de “mitificação” de eventos ligados à sua pessoa. Para sua legitimação, Antígono vai se apoiar no conjunto de mitos em torno da figura de Alexandre,⁷ em especial o do rei como herói, ligada à imagem de *salvador* (*Sóter*), mas será através das ações militares de Demétrio que Antígono conseguirá sua

⁷ Depois do desaparecimento da dinastia Árgeada, elemento fundamental de legitimação do monarca macedônio, os reis helenísticos vão usar para se legitimarem a filiação com Alexandre no campo de batalha.

afirmação como general vitorioso, atributo essencial para o rei helenístico que está se delineando no final do século IV a.C.

Em nossa tentativa de analisarmos, de forma sucinta, a *basileia* helenística e os caminhos por onde está se moldou, podemos constatar que trata-se de uma realzeza nova, que não é simplesmente macedônia, asiática ou helênica, mas tributária destas três esferas – a partir das quais o arcabouço ideológico em torno da monarquia helenística nasceu. Ao mesmo tempo, que, o monarca era de origem macedônia e se apoiava em seu exército, por exemplo, ele se apresentava como sucessor da dinastia Aquemênida, ou do faraó no caso específico dos ptolomeus. Seguiu assim, como protetor dos gregos e ele mesmo tendo filiações com as principais deidades helênicas. E tanto Alexandre quanto Antígono e Demétrio, afirmaram estas múltiplas facetas da *basileia* helenística, seja por meio de ações concretas, ou pela propagação simbólica das mesmas, via cunhagem de moedas, inscrições ou cerimoniais.

OS GREGOS E A CONECTIVIDADE MARÍTIMA COM A APOIKIA DE LÓCRIS EPIZEFIRI

Prof.^a Mestranda Andrea Magalhães da Silva Leal
(PPGH/UERJ)

A mobilidade de pessoas a terras longínquas fez parte, desde tempos remotos, da vida cotidiana dos povos antigos. Entretanto, é na época Arcaica que importantes deslocamentos de indivíduos configuraram as prematuras cidades-Estados. No arcaísmo, a expansão helênica ocorreu em duas fases. A primeira, teve início em meados do século VIII a.C., direcionado para a Itália e oeste do Mediterrâneo, culminando na fundação das *póleis* Pitecusa (ca 750 a.C.), Cuma (ca 750 a.C.), Siracusa (ca 734 a.C.), Catânia (ca 730 a.C.) e Zancle (ca 730 a.C.); a segunda fase iniciou-se no século seguinte, concentrada no Egeu e no mar Negro, com as primeiras fundações em Tasos (ca 680 a.C.) e em Cízico (ca 680 a.C.). No mapa 1 temos a oportunidade de verificar a dimensão das regiões ocupadas pelos helenos a partir desta mobilidade, cidades-Estados como Mainace e Phasis, no extremo Ocidente (Península Ibérica) e Oriente (mar Negro), respectivamente, e ao extremo norte, a cidade-Estado de Tanais (no atual território da Rússia) e Naucratis, ao sul, no Egito. Nesta imensidão os habitantes dessas áreas longínquas mantinham uma característica peculiar: reconheciam-se. E como helênicos, mesmo estando afastados de sua cidade-mãe. Este é um dos temas que trago para a investigação desta pesquisa.



Mapa 1. Colonização Grega: 750-500 a.C.

(Fonte: POMEROY, Sarah B; BURSTEIN, Stanley M.; DONLAN, W.; ROBERTS, Jeniffer Tolbert. *A Brief History of Ancient Greece. Politics, Society, and Culture*. New York: Oxford University Press, 2009. 2ª Edição)

É substancial frisar que nossa pesquisa se insere no período Clássico (séculos V-IV a.C.), onde compreende-se do início dos anos 480 a.C., com a derrocada dos persas na tentativa de invasão à Grécia, na Batalha de Maratona, e a morte de Alexandre, o Grande¹. Os acontecimentos políticos-militares ocorridos no classicismo, através de grandes guerras, como as Guerras Médicas, entre helenos e persas, e a Guerra do Peloponeso, que marca os conflitos de interesses entre a Liga do Peloponeso e a Liga de Delos, repercutiram em grande parte nas *póleis* e contribuíram para o desenvolvimento cultural, econômico e político da Hélade.

Diante da investigação do movimento helênico rumo às novas terras, uma indagação nos ressalta: qual teria sido a intenção/motivação que levou os helenos a cruzarem terras longínquas, deixando sua região para estabelecerem-se permanentemente em terras desconhecidas, e por vezes

¹ Pomeroy et al, 2009, p.8

hostis? Para uma série de pesquisadores sobre o tema, os motivos que levaram os helenos a emigrar para regiões afastadas são de certa forma diversos. O processo de migração helênica detém uma vasta historiografia². Há a tendência em explicar tal fato por fatores econômicos, por considerar que os "helenos teriam procurado controlar os mercados de escoamento da sua produção artesanal e a aquisição de metais que, a partir do século IX, começa a desenvolver-se em larga escala" (MOSSÉ, 1984, p.101). Sarah Pomeroy discorre sobre o tema mencionando que os helenos teriam percorrido novos horizontes em busca de bens importados, especialmente os metais escassos, e terras férteis para que os cidadãos de sua pátria-mãe pudessem viver nesses novos assentamentos (POMEROY, 2009,p.74). Entretanto, Moses Finley ao tratar desta busca de novas terras, em virtude da *stenokhoría*³, afirma que algumas *póleis*, como o caso de Argos e Atenas, que tiveram uma explosão populacional no momento em que o processo de migração helênica teve início, não participaram deste movimento (FINLEY, 1990, p.109). O que reforça a ideia de que nem todas *póleis* estavam em busca de um novo território. François Lefèvre, nos diz que algumas fundações tiveram iniciativas isoladas, uma vez que nem todos os habitantes propuseram por estas empresas, por exemplo, os aglomerados populacionais da Ática que provavelmente estariam "ocupados em controlar seu vasto território (cerca de 2.500

² Airton Pollini, *Limites et occupation de l'espace dan les colonies grecques du Sud de l'Italie* (2012); Elaine Farias Veloso Hirata, *Monumentalidade e representações do poder de uma pólis colonial* (2009); Emanuelle Greco, *Archeologia dela Magna Grecia* (1992); Giovanni Pugliese Carratelli (et al), *Megale Hellas. Storia e civiltà dela Magna Grecia*. (1983); Alfonso Mele, *How archaic greek colonization developed and what forms it took* (1997).

³ Definição *stenokhoría* (feminino; plural *stenokhoríai*) Insuficiência de terras; insuficiência de terrenos para distribuição a todos os membros da comunidade. (Glossário LABECA)

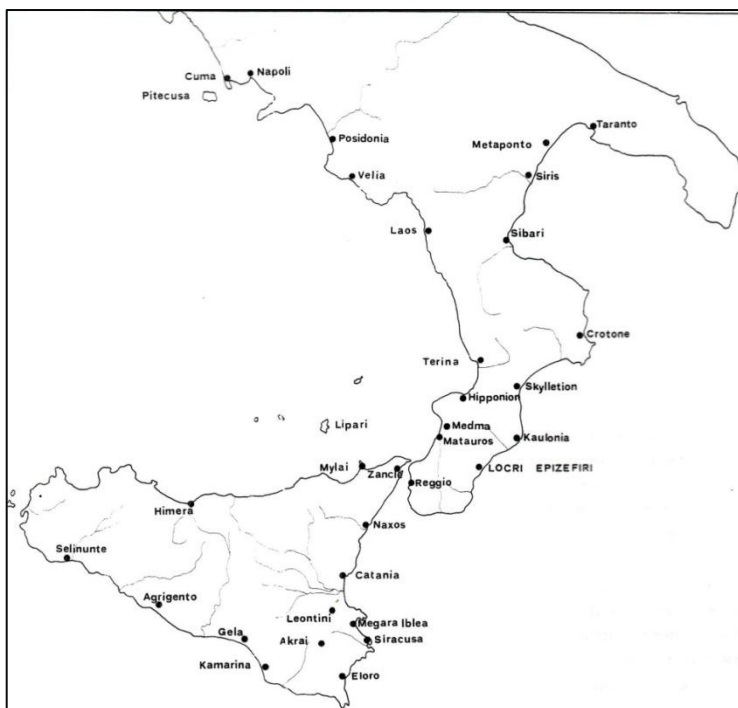
km²) e em completar o *sinecismo*⁴" (LEFÈVRE, 2013, p.106). Ao nosso ver a mobilidade helênica espalhou diversas famílias pelo Mediterrâneo, ampliando os horizontes dos helenos, através de histórias de viajantes e informações mais autênticas. Consequentemente, o conhecimento de lugares longínquos foi ampliado, não mais conhecendo apenas os lugares descritos pelo poema *Odisséia* de Homero. Entretanto, refletimos que, para a maioria dos helenos as experiências eram limitadas. Sendo assim, acreditamos que por poucos serem mercadores, viajantes ou emigrados, a vida da maioria dos helênicos limitava-se em suas necessidades imediatas, pelas tarefas que durante todo o ano o trabalho da terra familiar lhes impunha e pelas barreiras físicas da paisagem que os cercava. Desta forma, diante das explanações destes estudiosos, temos que ter em mente que há diversos motivos para expansão helênica e que a generalização não pode ser utilizada para esta mobilidade, uma vez que cada grupo *políade* teve um motivo diferenciado, nem todos procuravam por terras férteis e nem todos procuravam por mercados.

As pesquisas acerca da Grécia Antiga argumentam, em sua maioria, sobre a *pólis* Atenas, pois é uma das poucas das 1037 *pólis*⁵ que possui um grande número de informações escritas que chegaram até a nossa época. Todavia, nossa investigação direciona-se à Magna Grécia (no mapa 2 podemos verificar um grande número de fundações de cidades nesta região e na Sicília pelos helenos), especificamente na *pólis* de Lócris Epizefiri, cidade fundada pelos helenos da Grécia Central, conhecida como Lócrida que é composta por Lócris Ozolian, Locris Epicnemidian, e Lócris Opuntia, no qual insere-se no contexto da migração

⁴ Definição *sinecismo*: Coabitação, fusão de pequenas comunidades numa maior que totalmente as substitui; processo que na Grécia Antiga levou, em muitos casos, à formação da *polis*. (Glossário LABECA)

⁵ HANSEN, M.H. & NIELSEN, T.H. *Na Inventory of Archaic and Classical Poleis*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

helênica. Sendo assim, no decorrer de nossa pesquisa tentaremos compreender o processo migratório de Lócris Epizefiri, a fundação desta *pólis* e a identidade dos habitantes diante do *lugar antropológico identitário* que deu sentido a estes sujeitos e foi construída pelo viés do político, uma vez que as relações de poder e cultura destes indivíduos refletiram os múltiplos modos de vida destes helenos na Magna Grécia que estabeleceram domínio nesta região.



Mapa 2. Colonização helênica na Sicília e Magna Grécia.

Fonte: POMEROY, Sarah B; BURSTEIN, Stanley M.; DONLAN, W.; ROBERTS, 2009)

Ao iniciar a investigação sobre o mundo helênico antigo constatamos que, ao longo da pesquisa histórica, os assentamentos helênicos fundados nestas novas terras, por grupos de indivíduos vindos da Hélade, foram chamados de 'colônias' pelos historiadores. O estudioso A. G. Woodhead, em sua obra *"Os gregos no Ocidente"*, afirma que a 'colonização' da Grécia, foi necessária, tornando possível a navegação dos mares com maior segurança e sendo mais fácil estabelecer relações internacionais. Mais adiante, também assegura que foi no Mediterrâneo ocidental que as 'colônias' mais floresceram" (WOODHEAD, 1972, pp. 32-34). Percebe-se neste autor que ele utiliza o termo 'colonização' e 'colônia' para referir-se ao deslocamento de helenos ao Ocidente e a ação destes diante das novas terras. A partir de uma historiografia mais recente, os termos "colônia" e "colonização grega" começaram a ser questionados. Segundo Irad Malkin, em *"Greek colonization. The right to return"*, não há um termo apropriado, seja em grego antigo ou em qualquer língua moderna, para o conceito de "colonização grega"; afirma ainda que mesmo em Tucídides (1.12.4) o termo seria outro: "quando a Hélade envia *"apoikiai"*" (MALKIN, 2016, p.28).

Os historiadores da atualidade que defendem o retorno ao período grego para conceituar o termo 'colônia/colonização grega' afirmam que esta definição é uma analogia ao termo utilizado para definir as atividades ocorridas a partir da expansão marítima da Modernidade e, por este motivo, deve-se ter cautela ao utilizá-la para Antiguidade, tendo em vista que as ações de uma e de outra são divergentes. Robin Osborne, em *"Greek 'colonisation': what was, and what is at stake? "*, afirma que a terminologia nunca é inocente, devendo ter atenção a certos termos e a maneira como são usados (OSBORNE, 2016, p.22). Além do mais, quando nos referimos a estes termos é inevitável associarmos a ideia de uma 'colônia' a uma 'metrópole' e,

assim, a uma dependência da primeira com a segunda. Diante disto, esta ideia tornou-se equivocada no mundo helênico⁶, pois as cidades fundadas eram independentes econômica, política e socialmente da cidade de onde os helenos vieram. Contudo, estes novos assentamentos mantinham laços com as cidades de origem da Hélade.

Discussões sobre a nomenclatura adequada à parte, o que estes historiadores chamam a atenção é para o fato que independentemente de qual seja o termo a ser utilizado o que gera mais relevância é a importância do estudo sobre estes deslocamentos, ocorridos entre os séculos VIII e VI a.C., e seu resultado para o mundo helênico. Pois, o contato com povos autóctones contribuiu para a criação da identidade helênica (HALL, 2016, p.51). Desta forma, diferentemente de uma historiografia tradicional, que aplica o termo "colônia", nós propomos utilizar o termo específico para cada tipo de cidade classificadas a partir de seu contexto: *clerúquia*, *emporium* ou *apoikia*⁷, os quais nos dão o entendimento para qual função cada assentamento era fundado, mediante decisões acertadas pelas suas cidades de origem. Desta forma, nossa pesquisa analisa a *apoikia* de Lócris Epizefiri (Mapa 2), na Magna Grécia, atual região da Calábria.

Logo, para o debate sobre o processo migratório desta *apoikia* traremos à discussão Kristoffer Momrak, em *The myth of the metropolis—colonisation, cosmopolitanism, and its consequences* (1997), Adolfo J. Domínguez Monedero, em *Fundación de ciudades en grecia: colonización arcaica y helenismo* (2006), Soledad Milán, em *Del golfo de Corinto al*

⁶ Com exceção dos assentamentos das *clerúquias*, pois estas cidades são dependentes das suas cidades de origem.

⁷ *Clerúquia*: cidade militar que mantinha laço de dependência política e econômica com a cidade que a havia fundado; *emporium*: entre posto comercial; *apoikia*: cidade independente política e economicamente em relação a cidade que a fundou, entretanto, mantinha relação religiosa e moral com estas cidades fundadoras.

Cabo Cefrio: el viaje de los locrios y la fundación de locris epicefria (2013), Alfonso Mele, *How archaic greek colonization developed and what forms it took* (1997) e Airton Pollini e Arianna Esposito, em *Postcolonialism from américa to Magna Graecia* (2016).

Também propomos o diálogo com a mais recente informação sobre a mobilidade⁸ helênica que vem de Irad Malkin, na obra *Migration and Colonization*, na qual, após análises acerca da distinção da migração no Dark Age e na época Arcaica, e também da continuidade nas novas pólis, da orientação e utilização da *chôra* e da prática do espaço terrestre e marítimo, permitiu o autor compreender a formação de identidades coletivas dos helenos durante a primeira metade do primeiro milênio a.C. Acreditamos que o ser helênico consistia em participar de uma mesma visão de mundo mais do que um território comum. Desta forma, nos indagamos como os imigrantes de Lócris Epizefiri viam-se como helenos, quais seriam os instrumentos que eles se apoiavam para justificar sua identidade helênica?

A partir do questionamento sobre a identidade dos habitantes de Lócris Epizefiri e o seu *lugar antropológico identitário* dialogaremos com Adolfo J. Domínguez Monedero, na obra *De la identidad étnica a la identidad política: los locrios de Grecia y de Italia* (2006), Irad Malkin, em *Greek colonization: the right to return* (2016), Liliana Costamagna, em *Una città in Magna Grecia Locris Epizefiri. Guida Archeologica* (1990), Jennifer Larson, na obra *Ancient Greek Cults: A Guide* (2007), Rebecca Schindler, na obra *Aphrodite And The Colonization Of Locris Epizephyrii* (1997), e, Christiane

⁸ Há uma discussão na historiografia mais recente quanto ao termo utilizado para definir a ação dos helenos rumo ao Mediterrâneo Antigo. Enquanto historiadores utilizam o conceito de emaranhamento ou rede de contatos escolhemos utilizar o termo mobilidade de M. Grass, na obra *Les stratigraphies conceptuelles de La Méditerranée archaïque*.

Sourvinou-Inwood, em *The Votum of 477/6 B. C. and the Foundation Legend of Locri Epizephyrri* (1974).

A região a ser investigada Lócris Epizefiri detém materialidade através de Estrabão, em seu livro *Geografia* (v. 6.1.8), o qual menciona que a cidade, situada no topo de uma colina chamada Epopis, foi fundada logo após a organização de Siracusa (733 a.C.) e Crotone (709 a.C.), então no final do século VIII a.C., princípio do VII a.C., entretanto, esta não é a única datação proposta para a fundação desta região. Eusébio, bispo de Cesaréia, no século IV d.C, na tradução armênia de seu trabalho, mostra que o assentamento é do ano de 673 a.C., e Jerome, que editou a tradução latina da obra de Eusébio, menciona a data de 679 a.C. Contudo, devido a dados arqueológicos da atualidade, tende-se a considerar a data proposta por Estrabão como a mais confiável.⁹

Os arqueólogos Costamagna e Sabbione, em *Una Citta In Magna Grecia Lócris Epizefiri* (1990, p. 32), a partir de levantamentos arqueológicos, confirmaram o que Políbio nos diz em *Histórias* (v.12.5), que os migrantes helênicos da região, inicialmente, estabeleceram-se em Cabo Zefirio e, provavelmente, acordaram um pacto de paz com os autóctones (os sículos), e que após um período de tempo assentaram-se definitivamente ao norte do Cabo Zefirio, próxima a cidade autóctone de Contrada Janchina, pois a terra provavelmente apresentava-se mais fértil e rica em água do que a colina argilosa em torno do Cabo Zefirio¹⁰.

⁹ A descoberta de alguns aríbaloi (recipiente para preservar o óleo perfumado para cuidados com o corpo, comum nas casas de banho e entre o enxoval atletas) nas necrópoles de Lucífero e Parapezza - provenientes de Corinto e datados de 700 a.C. - situou a fundação de Locri no final do século VIII a.C. (Costamagna; Sabbione, 1990, p. 32).

¹⁰ Estes dados arqueológicos reafirmam o que Políbio nos diz em *Histórias* (v.12.5), o qual os helênicos fizeram um pacto de paz com a elite local. Entretanto, antes do juramento ser confirmado por ambas as partes, os

No século VII a.C., a *pólis* já detinha um traçado urbano racional e ordenado, e seus santuários e cultos começavam a ser conhecidos em todo o mundo helênico. Neste ambiente interno foi possível planejar uma expansão territorial através de “sub-*pólis*”. Assim, ao fim do século VII a.C., Lócris Epizefiri fundou as cidades-estados Medma (atual Rosarno) e Hípion (atual Vibo Valentia). Desta forma, com estas duas fundações, Lócris Epizefiri passou a controlar uma parte substancial do território entre o Mar Jônico e o Mar Tirreno, incluindo as áreas montanhosas entre estas margens. Com isso, as *pólis* vizinhas Crotone e Regio passaram a ver com certa desconfiança as intenções expansionistas de Lócris Epizefiri, o que no futuro foi inevitável um confronto entre elas.

Além do controle sob as suas duas “*póleis*”, Lócris Epizefiri também se destacou entre as cidades-Estados no Ocidente ao ser palco do primeiro legislador a produzir um código de leis escritas, o Código de Zaleuco, produzido por Zaleuco de Lócris Epizefiri (c. século VII a.C.).

O historiador alemão Karl Julius Beloch traz a dúvida do filósofo locriense Timeu¹¹ que se mostrava provavelmente cético sobre a historicidade de Zaleuco, pois acreditava ser Zaleuco uma divindade ligada a adoração do sol. Para este autor, esta ideia surgiu com base na etimologia de seu nome: ζα- (intensificador de prefixo) + λευκός (“branco, “brilhante”) (ALLASIA, 2015, 5). Entretanto, segundo o autor, esta ideia não pode prosperar visto que não há referências sobre a

locrienses expulsaram os sículos da região, estes rumando em direção ao interior, só voltando a ter uma convivência tempos mais tarde.

¹¹ Sobre o filósofo Timeu não há documentos; sabe-se que ele viveu no século IV a.C. Acredita-se que seus trabalhos sobre ciência e filosofia foram perdidos com o tempo. As informações que chegam até nossa época emergem de Platão, que dedica uma obra ao Timeu, em que Sócrates diz ao filósofo: “Nosso Timeu, nascido em Locri, na Itália, cidade em ordem com excelentes leis, onde é inigualável para a riqueza e a nobreza e onde ocupou os mais altos cargos do Judiciário e atingiu, em minha opinião, o mais alto honra de toda a filosofia” (PLATÃO, *Timeu*, II)

adoração do sol pelos locrienses. A figura de Zaleuco também é rodeada por uma áurea mítica. Supõe-se que antes de virar legislador, ele teria sido camponês que praticava o pastoreio e, em sonho, foi instruído por Athená a ordenar a sociedade locriense. Entretanto, Diodoro da Sicília¹², relata que Zaleuco nasceu em Locris em berço de família nobre, foi aluno de Pitágoras¹³ e era admirado pela sua educação, contribuindo para sua cidade natal com a codificação de leis.

As leis de Zaleuco não sobreviveram intactas até os nossos dias, porém, obtemos alguns fragmentos, que transcrevo a seguir¹⁴: 1. Não é permitido alienar seu patrimônio, a não ser que aconteça alguma desventura publicamente; 2. Aos locrienses não é permitido possuir escravos; 3. Os adúlteros devem ter dois olhos retirados; 4. As mulheres ficam proibidas de usar vestidos e sedas de ouro, se não for para casar; 5. As mulheres casadas devem usar roupas brancas ao caminhar pela ágora, as solteiras podem usar roupas coloridas; 6. Não se deve apresentar-se armado na Assembleia; 7. Condenar a multa de quem, voltando de regiões distantes, introduzissem novidades; 8. Condenar a morte o enfermo que tivesse bebido vinho contra a proibição do médico; 9. Proibir chorar os mortos ... depois de ter enterrado o cadáver; 10. Proibir ação judicial sem antes ter tentado uma reconciliação; 11. Impedir a venda dos alimentos daqueles que não sejam seus produtores; 12. Condenar a morte o ladrão; 13. Retirar o olho daquele que retirou o olho de outrem; 14. Aquele que quiser propor uma reforma na Assembleia ou a substituição de uma lei existente,

¹² Diod. 12.20.1

¹³ Talvez tenha uma incoerência na afirmação de Diodoro da Sicília, uma vez que Pitágoras tenha vivido no século VI a.C. e Zaleuco no século VII a.C.

¹⁴ Ver site: <http://www.locriantica.it/personaggi/zaleuco.htm>. Acesso em: 14/04/2015.

deve se apresentar com uma corda em volta do pescoço, pronto para ser enforcado caso a proposta não seja aprovada.

O período de Zaleuco e da criação de seu Código faz parte do momento em que agitações políticas, econômicas e sociais que incorrem na sociedade helênica, as *stasis*. Deste movimento surgiram lideranças – os legisladores – que buscavam, na forma de Lei, apaziguar as inquietações. Aristóteles¹⁵ afirma que as leis de Locris Epizefiri nasceram com Zaleuco. Assim como menciona Estrabão, na obra *Geografia*, Livro VI, que os locrienses foram os primeiros indivíduos a usarem leis escritas, tendo como personagem responsável Zaleuco. Matteo Allasia apresenta uma passagem de Aristóteles em que este relata que os locrienses perguntaram aos deuses como eles poderiam sair da grande *stasis*, a resposta oracular foi que eles deveriam criar uma lei e que um camponês que praticava o pastoreio seria capaz de introduzir muitas leis excelentes para os cidadãos. Sendo assim, ao verificarmos os relatos de Diodoro da Sicília e de Aristóteles percebemos a figura dúbia em que se encontra Zaleuco, o qual, Allasia verifica em suas leis laços de caráter reacionário a inovações e de *eunomia*, como o direito jurídico de Licurgo de Esparta (c.800-730 a.C.), que também aparece como uma personagem de existência duvidosa embora seja mencionado por Aristóteles, em *A Política*, como contemporâneo de Zaleuco, sendo estes dois legisladores discípulos de Tales de Mileto (ARISTÓTELES, *A Política*, v. 1274 a 22-30).

A memória coletiva das leis rígidas de Lócris Epizefiri perpassada por séculos possibilitou Píndaro, no século V a.C., na obra *Olímpica*, dedicada ao pugilista locriense Agesidamo, a afirmar que “a justiça governa Lócris Epizefiri” (PÍNDARO, *Olímpica*, v. 10,17). Entretanto, até o século V a.C.,

¹⁵ Aristoteles . *Política*. 2.1274^a

o sistema político desta pólis estava norteadada pela oligarquia, o qual no século seguinte foi alterada para uma forma de governo próximo a democracia, o que provavelmente desmantelou a *eunomia* (ALLASIA, 2015, p.25). Infelizmente, não dispomos de informações mais aprofundadas a respeito deste tema e da localização da *ágora* o que poderia nos fornecer informações valiosas a respeito desta *apoikia*. Costamagna e Sabbione sugerem que é provável que a *ágora* estivesse no centro da área urbana, isto é, perto da estrada Dromo ou do sopé das colinas próximas, infelizmente diante da “presença de edifícios modernos e do cultivo intensivo, até agora não foi possível realizar pesquisas para resolver o aspecto mais obscuro da articulação da cidade” (COSTAMAGNA E SABBIONE, 1990, 62). Além disso, também não foram encontrados até o momento os edifícios públicos relacionados às atividades de assembleia, de discussão, tais como o *buleutério*, o *pritaneu* e o *eclesiastério*.

Devemos ter em mente que a formação de *apoikias* no mundo antigo era concomitante e indissociável com a criação de santuários, assim, não foi diferente com Lócris Epizefiri. Segundo Regina Rezende *et al* (2011), o culto no espaço sagrado pode ser considerado como a prática religiosa que tem por objetivo dar coesão social, promovendo laços de identidade entre os helenos ali instalados e também como um marcador de posse e elemento de unificação identitária dessa cidade¹⁶. Deste modo, foram encontrados nos assentamentos da Sicília e Magna Grécia, demonstrados no Mapa 2, diversas divindades pertencentes ao panteão helênico, pois a religião helênica estava presente em todas as etapas da integração do indivíduo à coletividade da qual o sujeito fazia parte. Por conseguinte, as atividades econômicas, políticas e culturais faziam parte de um entrelaçamento de

¹⁶ REZENDE, Regina Helena; CUSTODIO, Christiane Teodoro; LAKY, Lilian de Angelo. Espaços sagrados e a formação da pólis.

cultos e práticas ritualísticas. Neste contexto, Regina Rezende *et al* (2011) nos apresenta que a *apoikia* de Lócris Epizefiri, na Magna Grécia, não se distancia deste cenário de fundação da cidade concomitante com a construção de santuários, pois a arqueologia nos fornece a comprovação da antiguidade correspondente dos vestígios de santuários com a datação da fundação desta *pólis*, sugerida pela documentação textual.

Desta forma, nos indagamos quanto à possibilidade de identificar o *lugar antropológico identitário* nos espaços sagrados de Lócris Epizefiri, pois acreditamos que estas regiões poderiam fornecer instrumentos sobre a formação da identidade locriense. Para buscar respostas para este questionamento, propusemos um olhar direcionado aos dois santuários dedicados à divindade Afrodite (Santuário extramuro de Afrodite e o Santuário de Marasà), que datam da época de fundação desta *apoikia*, os quais esperamos obter informações que nos forneça um arcabouço para identificar as práticas religiosas dos habitantes desta região.

HÉRACLES E A APOIKIA DE RHAECELUS: O TIRANO PISISTRATO COMO OIKISTES

Prof. Dr. José Roberto de Paiva Gomes
(CEHAM/UERJ; PPGHC/UFRJ)

A colonização grega, como um fenômeno cultural, compreendido entre 700 a 580, que expandiu o modo de vida helênico em toda a extensão do mar Mediterrâneo e o mar negro. A ocupação obedeceu alguns fatores: a presença de um oikistes¹, um aristocrata, responsável pela fundação de colônias. O termo mais antigo para colonização será a apoikia² que significa a separação de um grupo de cidadãos com uma independência política e administrativa. Outros como colônia e cleruquia³ se relacionavam a exploração agrícola do território. Os colonos eram assentados e os lotes de terras divididos.

¹ Oikistes significa um indivíduo que foi escolhido como um líder investido com o poder de selecionar um lugar de assentamento (nova colônia – apoikia), dirigindo os trabalhos dos colonos e a administração da região (Garland, 2010, 50).

² Cidade fundada por grupo de imigrantes gregos, sobretudo a partir do século VIII a.C. As apoikias mantinham relação religiosa e moral com as cidades que as haviam fundado mas eram completamente independentes do ponto de vista político e econômico (Labeca.org - glossário).

³ Estabelecimento de uma colônia em lotes de terra definidos por sorteio. As cleruquias mantinham laços de dependência política e econômica com as cidades que as haviam fundado. Ao contrário das apoikiai, que formavam cidades autônomas e independentes da cidade fundadora, as cleruquias eram de certa forma prolongamentos da metrópole. Por exemplo, os colonos de cleruquias atenienses estabelecidas no Egeu mantinham a cidadania da cidade fundadora (Labeca.org – glossário).

Finley (1998) discute que estas cidades-estados seriam independentes teriam vínculos políticos e econômicos demarcados com as póleis-mães. Muitas regiões estimularam e conservaram assua identidade grega por intermédio da urbanização, arquitetura, idioma, literatura e religião. As cidades aqueias colonizaram o golfo jônico (Macedônia e Trácia) em busca de metais, madeira para a navegação e recursos agrícolas.

Podemos dizer que na Atenas do período arcaico se configurou um comportamento político de cunho militar no qual sucesso e liderança aparecem como critérios de credibilidade e popularidade. Este aspecto *agonístico* (disputa⁴) traz consigo um enriquecimento. Assim, a popularidade será sustentada e o poder político também. Este "sistema simbiótico" parece ter sido implementado nos tempo de Sólon, a partir de sua viagem à Ásia Menor (Lavalle, 1993, pp. 87-106).

De acordo com Tucídides (1.13.1), o poder da tirania será fortalecido pelo controle do mar, pela emergência de uma frota naval e a submissão de territórios. A tirania se identifica como uma forma política alternativa de governo e contra as oligarquias tradicionais (FORNIS, 1991, p. 79). Sealey (1960, pp.178-180) destaca que as famílias aristocráticas formariam uma aristocracia guerreira. Pela narrativa de Tucídides (6.59.3) as áreas da Trácia e do Chersoneso seriam um domínio hostil e região de povos bárbaros. Claude Mosse (1969, p.89) caracteriza a tirania arcaica como um regime de transição. Em virtude dos problemas econômicos, oriundo da escassez de alimentos, uma parte da aristocracia ateniense do período arcaico recorre a colonização.

Na abordagem de Maria Valdez Guia (2009, p.57), as regiões de Sigeum, Troade e Chersoneso se constituíram como

⁴ Maria Regina Candido (2016, 125) define *agón* relacionado a narrativa trágica que designa situações de embate.

um espaço dominado pelos heróis áticos, fato que justificava o domínio ateniense. Das regiões se serviram, especificamente, determinadas famílias, cujas instâncias particulares, as vezes, não se coadunavam com interesses de Atenas. A busca de um "novo sistema" econômico, baseado no "além-mar" ocorreu pelo fim da escravidão por dívida e o termino do comércio com Egina. Após o estremecimento das relações comerciais, Atenas lutou contra Megara pelo domínio de Sigeum, no período dos Pisistrátidas, quando o filho do tirano, Hegistrato, se constituiu como governante (. 5.97).

A ocupação de Delos e a fundação de colônias no Egeu serviu como aglutinador do "estilo" de vida jônico. Ao estabelecer um espaço sagrado na região, em torno dos deuses olímpicos (Apolo, Leto e Artemis), por volta de 540, Pisistrato desenvolveu um espaço de influência de culto. Antonio Aloni (1984, p.112) destaca a construção templo em Delos contou com a apoio do tirano de Lygdamis. Essa aliança, primeiro, desenvolveu uma política externa "ateniense" nas regiões das Cyclades, Delos, Sigeum e o Chersoneso trácio⁵, como ponto-chaves sob a rota comercial do mar Negro e como reforço do poder; em segundo, significou a construção de uma espécie de "eixo" ideológico jônico com base na filiação e interesses de governo; em terceiro, constituiu um centro de cultura jônica que uniu os dois lados do Egeu.

⁵ O controle das Cyclades e as regiões do mar Egeu se estabeleceu como uma área de defesa contra a ameaça persa. Foi utilizado uma estratégia político-religiosa, principalmente depois da queda de Lygdamis de Naxos e a morte de Policrates de Samos, em 522, nas mãos do satrapa Oretes. O comando da região ficou a cargo do tirano de Samia (Formis, 1991, 79ss).

REDE DE CONECTIVIDADE NO MEDITERRÂNEO ANTIGO



Mapa 1. Região da Trácia onde se localiza o monte Pangeus



Mapa 2. Chersoneso trácio e as colônias gregas (Rhaecelus, Abidos, Sestos e Sigeeum)

Os assentos permanentes começaram a partir do VII a. C. No período arcaico se estabeleceu uma rota terrestre e marítima para o Helesponto e o Chersoneso. Evidências materiais da muralha corroboram para a criação de um "caminho" em direção a Ática. Os colonos emigrados foram alocados próximos à Agora (*polis agoraios*⁶). Estes colonos se tornaram "cidadãos atenienses" pela legislação do regime da tirania. A fixação do assentamento se configura como uma "estratégia político-militar" do *genós* dos *Philaidae*⁷ com os Pisistratidas. O objetivo desta ocupação "além mar" destaca a emergência de *cléruquias* e *apoikias* (colônias) e do domínio comercial do mar Egeu, a partir de 540 a. C. M. Sear (2006) será contrário a esta abordagem por antecipar o imperialismo ateniense clássico.

A tradição de Tucídides (6.35.3.) coloca Milcíades I, como *oikistes*⁸, não Pisístrato⁹, como um "líder guerreiro" ou

⁶ Área escavada pela escola americana de Atenas, localizado próximo ao templo de Hephaisteion, como um espaço prensado e, provavelmente, com uma forte produção metalúrgica (Scafuro, 2011, 38).

⁷ Os *Philaidae* era uma família aristocrática que produziram diversos generais (Milcíades, o jovem e Címon). O grupo era uma grande família que passou a exercer o poder na região de Braúnon (Sealey, 1960, 155). Estes aristocratas descenderam mitologicamente de *Philaeus*, filho de *Ajax* (Hdt. 6.129-130). A admissão do *gene Philaidae* ocorreu por ocasião do comércio no mar Negro por intermédio do controle de *Sigeum*. Os *Philaidae* e os *Alcmeonidas* enriqueceram com as atividades marítimas no Egeu, ambos romperam com *Hiparco* em 514.

⁸ Na abordagem de Elaine Hirata (2008), "*o herói, no contexto das colônias gregas do Ocidente é representado principalmente pela figura do fundador – o oikistes – cuja memória é preservada em sua tumba, localizada na ágora, o espaço cívico-político por excelência de uma cidade*".

⁹ Pisístrato de Atenas tinha uma reputação de "bons" tiranos, ou seja, tiranos que não usavam seu poder de forma arbitrária (Hdt. I., 59) e que, de alguma forma, respeitava a harmonia da cidade, modificando algumas instituições atenienses (o poder do *areópago*, por exemplo), mas não modificou as leis governou Atenas de acordo com sua constituição estabelecida e ordenando todas as coisas de forma justa. A tirania parece ter re-encrudecido entre a segunda ou a terceira geração (*Periandro* em *Corinto* e *Híppias* em *Atenas*).

um “tirano reformador” ¹⁰ que assumirá o poder. Milcíades como “estratego” militar teria sido exilado com Pisístrato, e observou nesta possibilidade expandir seus interesses econômicos. O estratego ou polemárcos assegurou o controle da região do Chersoneso e o tirano da área de Sígeum. A estratégia foi controlar a Ágora e lutar contra os Lámpsacos pelo controle do Helesponto (DOVER, 1970, p.336).

A fundação de colônias estava vinculado a questões religiosas. O oíkistes era um fundador de colônias designado pela pólis. Os estrategos construiriam os muros, as casas, os templos e a divisão territorial. Os colonos trariam as línguas, instituições, culto e rituais. Os recursos produzidos eram usados para custear obras públicas ou contratar os soldados ou os mercenários. Este general teria um culto heroico depois da morte.

Podemos destacar a execução de um “jogo” – *agon* – político exercido pelas famílias aristocráticas atenienses em torno do domínio do tráfico marítimo e terrestre entre o Ocidente e o Oriente. O controle era exercido, sobretudo, em cidades portuárias, pela fixação de tributação direta e indireta sobre o tráfego (taxas, pilhagens) e o transporte de matérias primas. Alfonso Moreno (2007) destaca que este “modelo político aristocrático” criou uma rede de suprimento de grãos e uma “rede de conectividade” ¹¹ mais ampla de

¹⁰ Na perspectiva de Claire Jacqmin (2010, 1), os tiranos demonstraram um papel real e particular a desempenhar, mais do que uma maneira de aproveitar o poder ou usar a violência para subjugar. O tirano se apresenta como um novo tipo de líder, um aristocrata que usou a agitação política para aproveitar o poder.

¹¹ Na perspectiva de Josias Ober (2011, 20), ...o Mediterrâneo é naturalmente subdividido em muitas micro-regiões cada uma com recursos distintos e microclima. Isso fez com que a bacia do Mediterrâneo fosse especialmente adequada para o surgimento de redes complexas de comércio de curta e média distância (Horden e Purcell, 2000). Os autores da Grécia clássica, por sua vez, alegaram que a Grécia continental (e especialmente a Atenas) ocupava uma localização particularmente vantajosa, tanto climática quanto geograficamente.³¹

"interconexões sistêmicas"¹² entre Atenas e as áreas da Eubéia ao mar Negro.

O estudo da cerâmica ligado a personalidades históricas e a eventos políticos tem despertado um novo interesse historiográfico desde que John Boardman, em 1972, escreveu "*Peisistratus and sons*" sugerindo que as imagens de Héracles em vasos gregos teriam sido utilizadas como ferramenta pelos tiranos atenienses do período arcaico com a finalidade de promover seus interesses políticos. A partir do VI a. C., as cenas do herói eram bastantes populares, bem como suas variações mitológicas, chamadas de "aventuras de Hercules".

O período da tirania dos Pisistratidas era registrado como um período de abundância e de aumento populacional. A política de construções estaria vinculadas ao uso da riqueza (LAVALLE, 1992). Todavia, a partir dos itens de luxo (como os vasos cerâmicos ricamente adornados) não se consegue mensurar o comércio como fator de crescimento econômico. Por outro lado, questiona-se como Pisistrato teria chegado ao poder de político em Atenas. Os documentos textuais que descrevem o período da tirania (Herodoto. 1.64.1 e Aristóteles. Ath. Pol. 15.2.) destacam que foi pelo domínio da Trácia e do emprego de um exército de mercenários e de aliados (*epikouroi*). Pisistrato durante o seu segundo exílio se fixou na região de Eretria, por volta de 566, fundando a colônia de Raichelus. A localização da colônia se deve a

Não havia dúvida de que os ganhos fossem colhidos pelos gregos que serviram de intermediários mediterrânicos, explorando uma localização favorável entre as regiões ambientalmente e economicamente diversas da Ásia ocidental (especialmente após a consolidação do Império Persa no século VI), do norte da Europa e do norte da África (com suas duas grandes civilizações, egípcias e fenícias)....

¹² De acordo com A. Moreno (2007), o mundo grego ganhou indiretamente formas de dominação política e exploração econômica na periferia. A dominação e a exploração nessas regiões periféricas emergiram, talvez, ao consumo grego e sustentado pelo mesmo.

posição geográfica próxima a região ática de Braunion, terra natal do tirano. A partir desta colônia teria fundado outras (no Chersoneso e na Ásia Menor. Aristóteles, na constituição dos Atenienses, considera Pisistrato como um fundador de cidades e que traria o sinoecismo¹³ para o Golfo termaico com o estabelecimento da colônia e o uso dos recursos provindos do monte Pangeu e do grupamento militar arregimentado junto aos seus aliados (tebanos e naxianos). Depois de exercer o controle sobre Eretria, Pisistrato retorna a Ática (. 1. 63; Aristóteles. Ath. Pol. 15.3), atacando a região de Pallene¹⁴, com o auxílio de Lygdamis de Naxos (. 1. 64.1) e se tornando o líder político de Braunion.

As receitas provenientes das minas e o imposto pelo uso da terra aos atenienses teria gerado o crescimento econômico e o enriquecimento dos Pisistratidas e de outros aristocratas, como Callias que por ter controlado administrativamente tinha um patrimônio de 200 talentos. Pisistrato teria diluído a moeda, após a conquista de Eretria, para atender um mercado interno, limitando a circulação.

H. W. Smith (1929) descreve que um grupo de pintores-artesãos teriam se vinculado as três facções sócio-políticas do período da tirania (planície, planalto e litoral). A regularidade das cenas se compreendem ao último trimestre do VI a. C.,

¹³ Sinoecismo trata-se de um ato fundacional levados a cabo por uma única pessoa, como general ou um herói. Pisistrato foi para Rhaecelus na Eretria e o Chersoneso trácio durante o exílio e fundamentou diversas amizades que permitiram exercer o domínio nas regiões de Tebas, Macedônia e Argos. Esta última ratificada por um acordo matrimonial com Timonassa (Arist. Ath. Pol. 17.4.).

¹⁴ Pisistrato, em 546, chegou a Maratona, perto do monte Hymettus, com um contingente de hoplitas trácios dominando o templo de Athena. Os atenienses organizaram uma resistência e sua investida não obteve sucesso. Os Pisistratidas dominaram a região e não repreenderam os atenienses. Este ato conjulgado com a entrada de Pisistrato com a falsa Athená, Phye da Trácia permitiu o estabelecimento da tirania. O demos concedeu-lhe um a guarda pessoal por demonstrar persistência, destreza e habilidade diplomática.

cerca de 515. Moon (1986) aponta para o uso ímpio do herói. W. R. Connor (1987, p.46) descreve que ocorre um travestimento como um deus ou um herói durante os festivais. Existiria na Ática, e na Grécia em geral, um padrão cultural de se vestir como uma divindade em certas ocasiões cerimoniais. Cook (1987, pp.167-168) destaca que a relação de se vestir como Héracles como algo negativo por causa de seu carácter violento. Boardman (1970) vincula a relação a Megacles Alcmeonida e Cavalier (1995) destaca que a analogia mítica está relacionada com os Pisistratidas e o uso dos hoplitas e da cavalaria.

Jacoby (FGH 1 F 23-30) relaciona os trabalhos de Héracles como expedições militares com o propósito de defender colonos e fundar pólis. Os soldados com maça, por exemplo, os *dorophoroi*¹⁵ foram usados por Pisistrato como estratégia em sua primeira tentativa de ocupação, sendo concedido pelo demos para controlar a *stasis* civil. Hermany (1978, pp. 70-2) associa os filhos de Pisistrato (Hipias e Hiparcos) com os *Dioskouroi*¹⁶, simbolizando jovens atletas vitoriosos. Esta conexão estava correlacionada a batalha de Pallene, onde os jovens tiranos tiveram um papel preponderante na cavalaria. O autor sugere que a figura de Héracles com barba nos vasos poderia ser visto como Pisistrato.

¹⁵ No caso dos Pisistratidas são os portadores de clava ao estilo de Héracles, ligado ao oikistes.

¹⁶ Os gêmeos, Polydeuces e Castor, de Leda (e Zeus) e Tindareus, os irmãos foram apoteosados após a sua morte. Eles eram retratados como jovens cavaleiros com chapéu de abas largas, chiton curto e sandálias. Suas aventuras foram os Argonautas e a caça do javali de Calidonia. Os jovens sitiaram Atenas quando Helena foi sequestrada por Teseu. A imortalidade dos irmãos foi concedida após a irmã retornou para Tróia com Paris. Eles foram mortos quando participavam do roubo do gado de Idas e Lynceus, sendo mortos e Zeus concede-lhes a imortalidade (Hegesias de Egina – Fr. 1 – Cypria de Proclus, Chrestomathy I).

Tomaremos, por exemplo, a representação da cena da captura das éguas de Diomedes de Oltos painter¹⁷, em uma kylix (fragmentada), datada de 525-475 a. C. caracterizando a oitava aventura de Héracles¹⁸. A imagem figurada recria a cena da captura dos animais descrita por Pseudo-Apolodoro (Biblioteca, II. 5-8) na qual Héracles será acompanhado de jovens¹⁹ e, por ocasião de um deles, Abdero²⁰ ter sido comido pelo animal comedor de carne, em um momento de distração. A cena destaca a popularidade

¹⁷ Oltos era um oleiro-pintor ativo em Atenas, no período arcaico, entre 252-500 a. c., tendo em torno de 150 peças sobreviventes, assinando somente duas peças e dominou as duas técnicas de figuração negra e vermelha. Acredita-se que tenha se associado na juventude aos pintores Nicosthenes e Pamphaios, foi influenciado por Psiax e Antimenes e, mais tarde, integrou uma oficina em torno de seis outros ceramistas. Teve como pupilo, Euphronios Mais conhecido por produzir vasos bilinguais (uma face negra e outra vermelha contendo ou não a mesma figuração). Suas cenas figuradas se destacam por elementos de tensão e movimento, ornamentos luxuosos e simetria. Por influência de Andocides passou a se dedicar aos vasos de figuras vermelhas. As cenas privilegiadas eram sobre mitologia e os heróis (Boardman, ARFH1, 56-61).

¹⁸ Na abordagem de Jan Duarte (s/d.1-5) *"é preciso notar que, ao sistematizarem-se as mitologias – provavelmente a partir de histórias populares preservadas de memória. As aventuras poderiam ser divididas em dois grandes grupos: os trabalhos de domesticação do território, e aqueles de conquista de povos ou de técnicas"*.

¹⁹ A correspondência de Héracles com os jovens demonstraria a *aristeia*, uma das virtudes masculinas da aristocracia. Pisístrato retratado como Héracles é claramente visto na cultura material, e também, possivelmente, na poesia. Héracles se tornou uma figura predominante em cenas de vasos, muito mais do que em outro lugar. A formulação da imagem de Pisístrato-Héracles nos vasos cerâmicos, se alude aos atividades, promovidos pelos Pisistratidas (Tamm: 1995).

²⁰ Em seu oitavo trabalho, Heracles foi encarregado de capturar os quatro cavalos de Diomedes e levá-los para Euristeu (rei de Micenas. Navegou à Trácia com um grupo de jovens e soltou os cavalos, porém quando os soldados bístones vieram recuperar os cavalos, o herói entregou os cavalos à guarda de Abdero foi morto pelos cavalos Héracles derrotou os Bístones e matou Diomedes. Na localidade onde Abdero morreu, Heracles fundou Abdera. O herói levou os cavalos para Micenas. Euristeu deixou os cavalos livres, e foram encaminhados ao Monte Olimpo morrendo nas garras de bestas selvagens.

da temática nos simpósios envolvendo a figuras de jovens, provavelmente atletas, que seriam iniciados nas artes atlético-militares para integrar a cavalaria de descendência trácia. Smith (1929, p.54) argumenta que um vasto círculo de pintores arcaicos tardios, incluindo os Andokides/Lysippides, Oltos, Euthymides, Phintias e Psiax (então conhecido como Menon Painter) mantiveram simpatias de Alcmeonidas. Entretanto, a afinidade estilística de Lysippides Painter, como nos descreve Shapiro (1980, pp.289-293) nos faz descrever que este alguns membros deste grupo possuía dupla afinidade possuindo uma associação com os Pisistratidas.

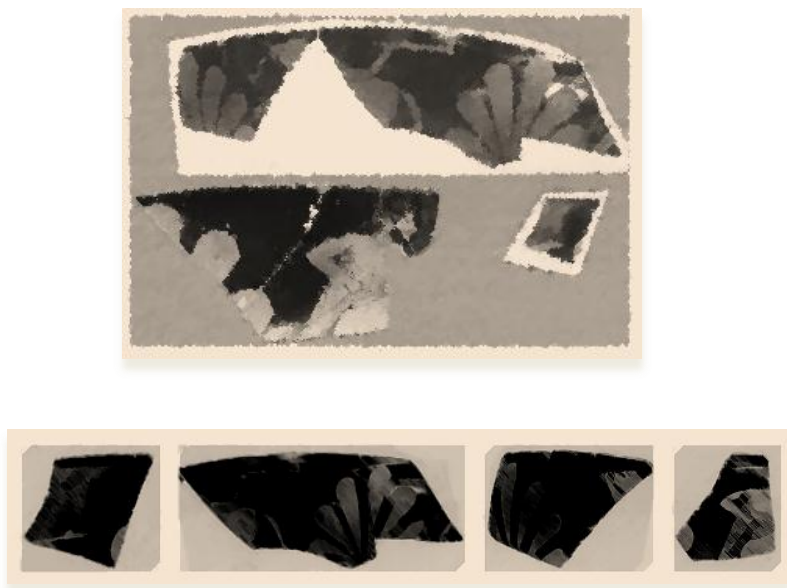


Imagem 1. Fragmento de uma taça ateniense (kylix) de figuras-vermelhas, datado de 525-475 a. C., do pintor de Oltos – Museo Archaeologico Etrusco 1B56, Beazley Archive (B.A. 200382).

A historiografia que versa sobre a cultura material destaca que as imagens representam a construção de forças políticas e o uso da cerâmica de figuras vermelhas figura como parte deste desdobramento político. Webster (1972, p.300) caracteriza que o artesão-artesão e o patrono compartilhavam ideias e frequentavam os simpósios. As imagens construídas poderiam exaltar ou denegrir uma personagem nominada se o patrono fosse rival de outro.

As cenas poderiam ser um reflexo de uma rearticulação "político-religiosa" e de uma outra conjuntura de costumes aristocráticos promovidos pelos Pisistrátidas que ressaltam as ligações comerciais entre Atenas e a região da Trácia e do Chersoneso, enfatizados pelos rituais, os jogos e os banquetes. O declínio das cenas acontece após 510, como um reflexo da emergência dos preceitos democráticos em torno da isonomia ateniense. As "famílias aristocráticas exiladas" se instalaram fundando "poleis" e desenvolvendo conexões para facilitar o retorno para a Ática e reforçar seu posicionamento político na terra natal.

CAESAREA STRATONIS: REDE DE CONECTIVIDADE E RELAÇÕES SOCIOCULTURAIS ENTRE JUDEUS E ROMANOS NA CIDADE DE CESAREIA MARÍTIMA

Prof. Doutorando Junio Cesar Rodrigues Lima
(CEHAM/UERJ; PPGH/UERJ; NEHMAAT/UFF; NEA/UERJ)

O mundo secular é o mundo da história – da história vista como algo feito por seres humanos. A ação humana está sujeita à investigação e à análise; a inteligência tem como missão apreender, criticar, influenciar e julgar. [...] Mais do que no choque manufaturado de civilizações, precisamos concentrar-nos no lento trabalho conjunto de culturas que se sobrepõem, tomam isto ou aquilo emprestado uma à outra e vivem juntas de maneiras muito mais interessantes do que qualquer modo abreviado ou inautêntico de compreensão poderia supor (SAID, 2007, P. 25-26).

A Judeia do século I a. C. foi cenário para o desenvolvimento de relações socioculturais entre *judeanos* e diversos povos que migraram ou circularam pela região, com o objetivo de estabelecer uma Rede de Conectividade através de rotas marítimas e terrestres que interligavam o Oriente Próximo às demais sociedades mediterrâneas. Ao longo da história, a Judeia foi objeto de disputa política entre diversas sociedades que sucessivamente alteravam as relações de poder entre os *judeanos*¹ e um governo central. Com isso, por motivos

¹ Segundo Daniel Shwartz (2007), a expressão "judeus" é complexa e ambígua. Enquanto o termo "judeanos" ou "judaenses" se aplica apenas a referência geográfica. Geralmente, a expressão "judeus" define tanto aqueles que nasceram com ascendência judaica, que possuem relações

econômicos, políticos ou estratégicos, a Judeia foi objeto de conquista de vários povos da Antiguidade, como por exemplo, os assírios (723 a. C.), babilônios (586 a. C.), persas (538 - 331 a. C.), helenos (335 - 323 a. C.), ptolomeus (323 - 204 a. C.), selêucidas (204 - 166 a. C.) e posteriormente os romanos (a partir de 63 a. C.).

Segundo Edward Said, o "lugar especial do Oriente na experiência ocidental europeia" (SAID, 2007, p. 27) nos direciona para uma abordagem historiográfica que dê conta da complexidade das relações socioculturais estabelecidas entre sociedades ocidentais e orientais sem desconsiderar que o Oriente é o "lugar das mais ricas e mais antigas colônias europeias, fonte de suas civilizações e línguas, seu rival cultural e uma das imagens mais profundas e mais recorrentes do outro" que a sociedade europeia ocidental possui (SAID, 2007, p. 27).

As incursões ou sucessivas dominações estrangeiras² acentuaram a interação cultural e, apesar de contribuírem para rivalidades políticas, lutas sociais, estranhamentos

preestabelecidas - os judeus de nascimento, quanto os que são apenas adeptos de alguma forma de judaísmo. O problema reside no fato de que nem todos os judeus de nascimento são adeptos de algum tipo de judaísmo, bem como, nem todos os adeptos do judaísmo, na realidade, são judeus de nascimento. Porém, em ambos os casos, pode-se usar o termo "judeu" para se referir a esses indivíduos. Daniel Shwartz propõe que em caso de referência geográfica ou regional se utilize o termo "judeano". A proposta de Daniel Shwartz é interessante, pois, se trata da possibilidade de repensarmos diversas referências feitas ao povo judeu pelos escritores da Antiguidade livre das associações contemporâneas. Como ele bem relata, no mundo contemporâneo não há mais judeanos; encontramos israelenses, palestinos, mas ninguém chama a si próprio de judeano, o que segundo ele já favorece a utilização desse conceito (LIMA, 2013, P. 76-78).

² A Judeia passou por um breve momento de independência política sob a dinastia asmoneia (166 - 63 a. C.) até a chegada da ocupação romana na região. A presença dos romanos gradativamente tornou a Judeia em um Estado vassalo de Roma sob a dinastia herodiana (37 a. C.) e, a partir de 6. d. C., parte dela esteve sob administração direta do Império Romano (ROCHA, 2004, P. 239).

culturais e disputas religiosas na região, também colaboraram para o estabelecimento de relações socioculturais recíprocas que serviram como pano de fundo histórico para o surgimento de uma Rede de Conectividade entre os *judeanos* e as comunidades que ali circulavam, transformando a Judeia em um local no qual predominava a diversidade étnica, política e sociocultural. Essa conjuntura multicultural³ promoveu a reorganização do espaço e a delimitação de novas *regiões culturais*⁴ que serviram como fundamento para construção simbólica de *lugares antropológicos* que podem ser apreendidos também através da análise do *político*.

Antropologicamente falando, as sociedades orientais ajudaram a definir o Ocidente com sua *identidade, sentido social, cultura e alteridade* (AUGÉ, 1999, p.. 9-54). Tudo nesse Oriente "é parte integrante da civilização e cultura material europeia", diz Said (SAID, 2007, p. 28). Assim, questionamo-nos se o *paradigma cultural* construído pela historiografia europeia - no qual as diversas comunidades ali estabelecidas são apresentadas como organizações socioculturais singulares, separatistas, homogêneas e intolerantes emerge de um empreendimento cultural britânico e francês cujas

³ As sucessivas incursões para Judeia e o processo de helenização da região contribuiu para que Cesareia marítima fosse local de convivência de gregos, sírios, judeus e romanos. Essa conjuntura multicultural foi analisada por Arnaldo Momigliano em sua obra "Os Limites da Hellenização".

⁴ Roberto Lobato Corrêa dialoga com Wagner, Mikesell, Bonnemaïson e define "regiões culturais" como "áreas habitadas, em qualquer período determinado, por comunidades humanas caracterizadas por culturas específicas, identificadas com base na combinação de traços culturais, materiais e não materiais que tendem a originar uma paisagem cultural". As regiões culturais são áreas apropriadas, vivenciadas e por vezes disputadas. Apresentam diversos geossímbolos, fixos, que por serem dotados de significados identitários, fortalecem a identidade cultural dos grupos que as habitam (CORRÊA, 2008, P. 11-12).

dimensões incluem a *formação imaginária*⁵ do discurso europeu sobre as sociedades orientais, textos bíblicos e terras bíblicas, bem como, insurge das relações socioculturais, políticas e comerciais entre Oriente e Ocidente que ao longo da história foram adaptadas ao uso europeu local (SAID, 2007, p. 30).

O contato cultural entre os diversos povos que transitaram pelo norte da Judeia na Antiguidade teve como resultado a importação/exportação de elementos socioculturais e o estabelecimento de uma Rede de Conectividade que facilitou o processo de *urbanização*⁶ de várias cidades.

A cidade de Cesareia foi urbanizada durante os primeiros anos da ocupação romana⁷ e tornou-se símbolo das

⁵ Eni Puccinelli Orlandi conceitua as “formações imaginárias” como as projeções que permitem ao analista passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos nos discursos. O mecanismo imaginário, diz Orlandi, produz imagens dos sujeitos e do objeto do discurso dentro de uma conjuntura sócia histórica (ORLANDI 2003, P. 40).

⁶ Os romanos frequentemente usavam o termo *Urbs* para se referir a Roma, a cidade por excelência e por definição. Sempre que a topografia permitia, “uma cidade era ordenada segundo plano perpendicular, em que as ruas se entrecruzavam em ângulo reto. A disposição interna dos edifícios urbanos correspondia a uma lógica de repetição, reproduzindo a cidade-mãe, Roma, em escala menor”, observa Norbert Rouland (2009, P. 111-113). Posteriormente, os romanos utilizaram esse mesmo modelo para urbanizar novas cidades e promover as relações socioculturais entre os romanos e os povos conquistados. Geralmente encontramos nas cidades urbanizadas um fórum; um capitólio, abrigando Júpiter, Juno e Minerva; uma cúria, para as reuniões do senado local; e uma basílica, para as sessões do tribunal e reuniões públicas. Norbert Rouland (2009, P. 111-113) chama esse fenômeno de *mimetismo arquitetônico* e afirma que ele contribuía para a unificação política e sociocultural nas regiões anexadas (LIMA, 2013, P. 109).

⁷ Roma iniciou a ocupação da Judeia apenas cinquenta anos antes da fundação e urbanização da cidade de Cesareia Marítima. Pompeu Magno que pôs fim a condição da Judeia como Estado independente. Entretanto, a documentação nos aponta que Pompeu permitiu aos judeus a continuidade de suas práticas religiosas desde que esses se submetessem ao poder político romano.

relações políticas e socioculturais estabelecidas entre o Império Romano e a casa de Herodes, o rei dos *judeanos*. Os vestígios arqueológicos⁸ deixados pelos povos que circulavam na Judeia do século I a. C. indicam que Herodes Magno seguiu um *plano urbanístico* que ultrapassou a geografia física para se associar a delimitação de *áreas culturais* e a construção simbólica de *lugares antropológicos* para os indivíduos que ali circulavam.

O *plano urbanístico* de Herodes Magno possuía motivações políticas, sociais, culturais e econômicas. Esses *elementos desencadeadores* tinham a ver com as relações políticas e socioculturais estabelecidas entre os judeus e *judeanos*, bem como, entre os judeus, *judeanos* e uma sociedade romana mais ampla que tinha como característica central a diversidade étnica, sociocultural, política e geográfica. Logo, uma análise sociocultural do *plano urbanístico* de Herodes nos remete a abordagem da nova História Política que interage com o meio ambiente em seus aspectos sociais e políticos.

Segundo Susan Pedersen “Os processos e desenvolvimento políticos, e o modo como esses desenvolvimentos influenciam e constroem os homens e mulheres individuais, só poderão ser inteiramente compreendidos se tomarmos em consideração, além da liderança e ideias políticas, as estruturas institucionais e estatais” (CANADINNE, 2006, p. 72-73). O campo da História Política tem se expandido em todas as direções e se trata de uma História Política mais abrangente cujo objetivo, afirma Gil Pujol citando Patrick Collinson, é explorar a profundidade da

⁸ Os relatórios de escavação foram reunidos na obra: AMELLING, Walter. et. al. *Corpus Inscriptionum Judaee/Palaestinae: a multi-lingual corpus of the inscriptions from Alexander to Muhammad*. Berlin/Boston: Hubert & Co., 2011. Consultaremos também relatórios mais específicos publicados pela American Schools of Oriental Research.

política social, buscando sinais da vida política em áreas anteriormente ignoradas (BARROS, 1995, p. 197). Assim sendo, os indícios de uma Rede de Conectividade estabelecida entre judeus e romanos na cidade de Cesareia nos permitem apreender as experiências socioculturais recíprocas e as relações políticas constituídas entre as comunidades judaicas e a sociedade romana domiciliada na cidade.

O Livro I da obra "Guerra dos Judeus" e os Livros XIV – XIX de "Antiguidades Judaicas" do historiador judeu Flávio Josefo apresentam relatos retrospectivos sobre a fundação, inauguração e desenvolvimento sociocultural, econômico e urbanístico da cidade de Cesareia Marítima⁹. Esses relatos fazem parte da narrativa sobre a vida e trajetória política do rei Herodes. Nela Josefo descreveu os contatos culturais e enfrentamentos ocorridos em Cesareia, enumerou os monumentos e edifícios erigidos por Herodes Magno e criticou as relações políticas estabelecidas entre o rei dos judeanos e o *princeps* romano *Gaius Iulius Caesar Octavianus Augustus*.

Embora produzida no século I d. C., ou seja, um século após a morte do rei dos judeanos, a narrativa de Flávio Josefo sobre a vida de Herodes Magno (século I a. C.) evidencia uma filiação de dizeres (ORLANDI, 2003, p. 15) e aponta para *textualidade, memória discursiva, material simbólico, formação imaginária, relação de forças e objetividade* de um discurso cujas *condições de produção* estão diretamente relacionadas às relações políticas e socioculturais que podem

⁹ Segundo Flávio Josefo, a cidade foi construída no mesmo local no qual havia a pequena Torre de Estratão que, por sua vez, foi erguida durante o período de dominação persa na região, quando a costa da Palestina era governada pelos reis fenícios de Tiro e Sidom. A torre fazia parte do território que Herodes recebeu de Otaviano após a Batalha do Áccio em 31 a. C., quando ele foi confirmado como rei dos judeanos e ampliou a extensão do seu reino. Assim, com a urbanização da cidade, Herodes Magno consolidou as relações de clientelismo e patronato estabelecidas entre ele o príncipe romano, bem como, entre a Judeia e Roma.

ser apreendidas tanto no *sentido lato*, quanto capturadas no *sentido stricto*.

Diferentemente dos fatos veiculados na mídia *supermoderna* sobre os constantes enfrentamentos socioculturais e políticos entre israelenses, palestinos e muçulmanos na *Syria et Palaestina* (antiga Judeia romana), os indivíduos domiciliados na cidade de Cesareia no século I a. C., apesar da diversidade sociocultural, religiosa e política que caracterizava a cidade desde sua fundação, respeitaram a demarcação das *áreas culturais* feitas por Herodes em seu *plano urbanístico*, sem prejuízo para a preservação de sua identidade ou importação/exportação de novos elementos socioculturais. Certamente, isso não significa ausência de resistência ou enfrentamento, mas, com certeza, aponta para adoção de estratégias que objetivavam gradativamente impulsionar a população para uma convivência sociocultural pacífica através de uma Rede de Conectividade.

A cidade de Cesareia Marítima tornou-se uma das maiores cidades do Oriente. Herodes simplesmente construiu o primeiro porto artificial da Antiguidade. No século I d. C., a cidade de Cesareia ostentou o posto de maior porto do Oriente romano, assumiu o lugar de Jerusalém como capital da *Syria et Palaestina* e, conseqüentemente, sede do governo romano na região. Cesareia Marítima prosperou ainda mais nos anos que se seguiram, ampliou suas relações comerciais e tornou-se um centro oriental importante para o cristianismo, judaísmo e islamismo. Logo, os enfrentamentos iniciais relatados por Josefo provavelmente não seriam evidências de insucesso na execução do *plano urbanístico* de Herodes Magno, mas, sim, indícios de que as *condições de produção* do seu discurso se situam em um período de ajustamento sociocultural.

A abordagem historiográfica do final do século XIX e início do XX sobre o desenvolvimento das relações

socioculturais entre *judeanos* e outras comunidades multiculturais contribuiu para a construção de um *paradigma cultural*¹⁰ que tratou as comunidades judaicas domiciliadas na Judeia ou nas demais regiões anexadas ao Império Romano como sociedades resistentes à importação de quaisquer elementos socioculturais provenientes do universo Mediterrâneo que não compartilhassem da mesma *cosmologia* e *cosmogonia*¹¹ dos *judeanos*, principalmente, daqueles que habitavam ao sul da região da Judeia.

Muitas cidades helenísticas do tempo de Herodes foram fundadas como colônias militares (*klerouchiai*). Este modelo organizacional oferecia muitas vantagens para os governantes, pois, desoneravam um pouco o erário tendo em vista que assentados os soldados podiam cultivar e usufruir das

¹⁰ Nosso entendimento de “paradigma” se fundamenta no historiador da ciência Thomas Kuhn (1962) que utilizou esse termo para definir as diversas formas de ver o mundo, uma maneira de ver a realidade. Kuhn entendia que no mundo científico as leis, teorias e modelos aceitos de forma geral pela comunidade científica representam paradigmas. Entretanto, segundo Kuhn os paradigmas podem sofrer mudanças com o passar do tempo. Pois, os grandes processos da ciência não resultam de mecanismos de continuidade, mas sim, de ruptura (KUHN, 2006, p. 67-76). Entendemos que o separatismo étnico e religioso das comunidades judaicas em relação ao Império Romano se trata de um paradigma que, com o alargamento do conceito de cultura nas ciências sociais, bem como, o avanço das pesquisas sobre a relação binária indivíduo/sociedade, está sofrendo mudanças permitindo um olhar sobre as comunidades judaicas como mais abertas a reciprocidade nas relações culturais com outros povos. Essa reciprocidade cultural pode ser apreendida através da cultura material, documentação textual e, ainda, da análise do cotidiano dos indivíduos das comunidades domiciliadas ao norte da Judeia, no século I a. C. (LIMA, 2013, P. 198).

¹¹ Marc Augé conceitua “cosmologia” como o conjunto de crenças e de conhecimentos, como um saber compósito, que abrange o universo natural e humano. A cosmologia ordena e põe em relação o meio natural e os traços culturais do grupo que a produziu. A cosmogonia, por sua vez, expõe sob a forma de mitos, as origens do cosmos e o processo de constituição da sociedade. A cosmologia e a cosmogonia estão diretamente relacionadas à organização espaço, relações de poder, divisões sociais e reorganização do mundo entre os indivíduos das sociedades antigas (AUGÉ, 1978, P. 27-33).

terras reais, gerando uma renda independente e estabelecendo um novo vínculo com a cidade que teriam de defender em caso de guerra. Essa política também oferecia oportunidades para imigrantes gregos, pois, o serviço militar lhes daria posteriormente uma casa e uma área rural de sua propriedade. O resultado era a ampliação das áreas cultiváveis e a equiparação funcional das colônias militares com a *poleis* (KOESTER, 2012, p. 75-80). Entretanto, existiam algumas diferenças entre a relação com terra em uma nova *poleis* e nas colônias militares.

Géza Alföldy (1996, p. 143) afirma que Roma estimulava a integração das províncias e dos povos conquistados através da construção de uma extensa rede viária – que possibilitava ao exército romano se deslocar com maior facilidade, agilizava a comunicação entre Roma e as províncias e proporcionava o contato sociocultural entre vários grupos étnicos através da introdução de uma administração local unitária, da integração de nativos ao serviço militar romano e da concessão do direito a cidadania romana. A urbanização das províncias colocava os povos conquistados em contato permanente com a cultura romana. Esse foi o caso das cidades que foram urbanizadas por Herodes Magno, no qual alguns judeus também receberam a cidadania romana.

A predisposição romana para facilitar o estabelecimento de relações socioculturais recíprocas nos conduz a problematização do *paradigma cultural* que aplica a ideia de separatismo sociocultural e intolerância às comunidades judaicas domiciliadas nas diversas regiões anexadas ao Império Romano, principalmente porque essas comunidades podiam seguir suas próprias leis, viver segundo seus costumes, julgar suas causas domésticas, enterrar seus mortos, cultuar o seu Deus, reunir-se regularmente na sinagoga e ainda pleitear direitos junto aos romanos através

de um conselho. A comunidade judaica sabia que a preservação de sua identidade dependia da manutenção de alguns limites distintos entre ela própria e a sociedade romana. Contudo, ela recebia fortes pressões para se conformar a cultura romana. A urbanização de uma cidade estava diretamente associada a esse tipo de pressão cultural velada.

Não podemos desconsiderar também que muitos judeus experimentavam forte atração por elementos socioculturais romanos que sob alguns aspectos pareciam não contrariar suas tradições religiosas, como por exemplo, os banhos públicos, na qual os judeus eram identificados e às vezes ridicularizados, devido à circuncisão, mas que ainda assim continuavam frequentando as casas de banho, que já eram comuns tanto em Cesareia Marítima quanto noutras cidades da Judeia. Os judeus também estavam livres para cumprir suas prescrições alimentares, leis sobre casamento e, ainda, permanecer sem cultuar o imperador ou aderir à religião romana. Essas concessões por parte dos romanos fez com que a comunidade judaica construísse um *microcosmo social* no interior da sociedade romana, independentemente da região em que ela estivesse estabelecida, sem prejuízo de sua relação sociocultural recíproca com o seu *macrocosmo social* (LIMA, 2013).

Schlomo Sand (2011, p. 234-235) entende que uma abordagem unilateral das relações socioculturais entre judeus e *judeanos* na Judeia romana aponta para a tradição judaica que se fundamenta no mito do desenraizamento e expulsão que, por sua vez, foi mantido no patrimônio espiritual cristão e dele retornou para a tradição judaica, se transformando em verdade absoluta gravada na história nacional dos judeus. Segundo Sand (2011, p. 236), os romanos, em alguns casos, costumavam reprimir as populações rebeldes, executar seus combatentes, fazer os rebeldes prisioneiros e vende-los como escravos ou expulsar reis e

príncipes, mas, no Oriente, nunca desenraizaram todas as pessoas que haviam subjugado.

Se todos os judeus pretendiam viver separadamente e se o separatismo e a intolerância serviram como elementos desencadeadores para enfrentamentos entre judeus e *judeanos* na cidade de Cesareia Marítima, conforme apresenta Flávio Josefo, Sand se trata de um historiador que ressalta a existência de inúmeras comunidades judaicas, com populações muito densas fora da Judéia, muito antes do século I d. C. Apenas parte dos exilados da Babilônia, por exemplo, voltou para Jerusalém. A maioria “escolheu se instalar e prosperar nos centros de cultura judaica em plena efervescência que se estenderam no Oriente e onde as elites intelectuais desenvolveram ricas tradições religiosas propagadas em todo mundo antigo” (SAND, 2011, p. 261). Porém, as afirmações de Sand não anulam o fato de que existe uma documentação textual romana que se apresenta como desfavorável a ideia de relações socioculturais recíprocas entre a sociedade romana e a comunidades judaicas.

Durante o curso de Mestrado no PPGH-UERJ tive a oportunidade de produzir uma dissertação que usou como documentação textual a obra “A Vida” de Flávio Josefo. A produção historiográfica intitulada “Flávio Josefo: o *paradigma de circularidade cultural* entre as comunidades judaicas e a sociedade romana na *Urbs* do século I d. C.”, fez uso do modelo de abordagem conceitual da Micro-História, mais precisamente de Carlo Ginzburg ao afirmar que entre as *culturas dominantes* e as *subalternas* há um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se move de baixo para cima, bem como, de cima para baixo.

A utilização do conceito de *circularidade cultural* de Ginzburg me permitiu, a partir da trajetória de Flávio Josefo, identificar uma dualidade no *mundo social* de Josefo, na qual

de um lado estava à cultura romana, as *culturas dominantes*, o mundo oficial, o direito, a cidadania, a religião oficial, os clássicos, o latim e o grego, a independência política e o poder; do outro estava à cultura judaica, as *culturas subalternas*, o mundo não oficial – apesar das liberdades judaicas cedidas por Roma como o monoteísmo, as restrições alimentares, o calendário alternativo, uma lei paralela. Em certa medida, um *mundo social* influenciava o outro reciprocamente. Assim, desenvolvi em minha conclusão de Mestrado, sob a orientação da Dr.^a Maria Regina Candido, a primeira produção historiográfica a aplicar conceitos da Micro-História e a teoria da *circularidade* de Carlo Ginzburg a uma obra de Flávio Josefo.

Concluimos em nossa pesquisa de Mestrado que a *circularidade* nas relações socioculturais entre a comunidade judaica e sociedade romana no século I d. C. contribuiu para a concepção de uma comunidade judaica diferente daquela construída pela historiografia – principalmente inglesa, que se fundamenta no *paradigma* do desenraizamento e exílio e enfatiza o separatismo e o enfrentamento entre judeus e romanos. A marcação das diferenças entre as *culturas dominantes* e as *culturas subalternas* emerge das relações socioculturais entre as comunidades judaicas e a sociedade romana. Essas marcações são evidenciadas através do discurso de Flávio Josefo. As comunidades judaicas da *Urbs* podem ser consideradas como um *microcosmo social* no interior da sociedade romana. No entanto, essas comunidades tinham consciência de que a preservação de sua identidade estava diretamente relacionada à manutenção de sua boa relação com seu *macrocosmo social* – o Império Romano.

Comprovamos também que como membro da família *caesaris*, Josefo dispunha de certo número de recursos culturais, cuja natureza e volume, variavam e eram submetidos a pressões igualmente desiguais no seio da

comunidade judaica e da sociedade romana. O historiador judeu se orientava no seu mundo social a partir desses recursos, em primeiro lugar para sobreviver, eventualmente para reforçar sua situação, seu estatuto, seus valores, suas crenças. Flávio Josefo se tratava de um *sujeito socialmente construído*, um indivíduo que pertencia a dualidade do mundo social romano. Josefo circulava tanto nas *culturas subalternas* quanto nas *culturas dominantes* e representava indivíduos que viviam a dualidade do mundo social, adotando elementos socioculturais romanos em seu cotidiano, sem prejuízo da preservação de sua identidade judaica. Esses indivíduos promoveram a *circularidade cultural* entre as *culturas dominantes* e as *culturas subalternas*.

Como se pode perceber, embora o objeto de pesquisa apresentado nesta obra se diferencie do trabalho desenvolvido em minha dissertação - no qual utilizei como recorte temporal o século I d. C. e como espacial a cidade de Roma, ao abordar a Rede de Conectividade estabelecida em Cesareia Marítima, também parti do pressuposto de que as relações socioculturais entre judeus e os outros povos eram recíprocas. Nesta cidade, as relações socioculturais resultaram na reorganização do espaço, delimitação de *áreas* e *paisagens culturais*, bem como, na construção simbólica de um *lugar antropológico* que ao longo dos anos tem sido objeto de expedições arqueológicas que nos permitem através da materialidade construir um quadro comparativo com o discurso de Flavio Josefo sobre as características históricas, antropológicas e geográficas da região.



ATENAS E A CONECTIVIDADE MARÍTIMA ENTRE O MEDITERRÂNEO ANTIGO E O MAR NEGRO

Prof.^a Dr.^a Maria Regina Candido
(NEA/UERJ; PPGH/UERJ – PPGHC/UFRJ)

Partimos do princípio de que toda história é uma história contemporânea (B.CROCE,1921,p.12) consideramos que as questões relacionadas ao processo de migração na antiguidade foram construídas a partir da articulação com o tempo presente. Na atualidade, vivenciamos o deslocamento de populações de migrantes, alvo de violência, discriminação étnica e religiosa. Um dos centros da atenção tem sido o Mar Mediterrâneo e as frágeis travessias realizadas pelas imediações das cidades gregas banhadas pelo Mar Egeu. A drástica situação nos traz a memória o pesquisador Adauto Novaes ao afirmar que pouca vezes, ao longo da história, o Ocidente viveu de forma tão trágica e explícita a confluência entre civilização e da barbárie, vivemos o descrédito da política, o desprezo das normas éticas morais, a opacidade das relações sociais, cujo resultado nos leva a pensar que a astúcia do poder produz guerra em nome da paz (A.NOVAES,2004,p.07).

O poeta Eurípides inicia a dramaturgia de Medeia, representada no Teatro de Dionisos em Atenas no período de 431 aC., citando, a saber: *“nunca houvesse voado o barco de Argo à Colquida pelas negras águas de Simplegades¹...”*

¹ Jasão e os Argonautas, com a ajuda dos deuses, remaram com vigor e passaram a salvo pelo estreito antes da colisão das ilhas. Remaram em direção ao litoral situado na extremidade oriental do mar e desembarcaram no reino de Colquida (Claude Kappler, 2004: 114).

(MEDEIA, v. 02) e o navegador Pseudo-Scylax² traz a memória dos gregos que a *grande região bárbara de colquida (polis megale barbaron)* foi o lugar de onde veio Medeia (PS.SCYL. v.81.). O estreito geográfico marítimo como passagem de embarcação apresentava perigos momentâneos, esmagando qualquer objeto que tentasse transpor a pequena passagem entre elas, fato que resultou na denominação de Simplégades ou seja Ilha da Colisão. A citação dos autores nos desperta a atenção para a *conectividade marítima* entre o Mar Negro e as regiões gregas banhadas pelo mar Mediterrâneo e Egeu consideradas áreas que detêm uma longa história de contatos e migrações. O processo de migração ática para a região da Colquida situada no Mar Negro no período Clássico foi narrada por Heródoto ao mencionar o contato cultural e a geografia da região cujo valor econômico centrava-se em torno do rio Fasis (Heródoto, III:93)³, Péricles navegou diversas vezes pela região com uma frota naval a partir de 437 a.C., visando ratificar a *conectividade comercial e econômica* da região da Atenas com os entrepostos comerciais estabelecidos junto aos cólquidos (PLUTARCO, Péricles, v.24), Xenofontes na obra *Anábase* (IV,8.8;8.9) nos fornece dados sobre a urbanização em torno do Mar Negro, informações proveniente de sua estada na região

² O *Periplus* de Pseudo-Skylax descreve a circunavegação em torno do Mediterrâneo, Mar Egeu e Mar Negro passando pela Iberia (Colquida) terminando o circuito na Coluna de Hercules na África. Os dados desta navegação sobreviveram a partir de anotações de Marciano de Heracleia do VI aC e compilados no V e IV aC. Devido ao desconhecimento do autor no período clássico e helenístico, a obra ficou intitulada *Periplus* de Pseudo-Skylax. A pesquisadora Shipley Graham mantém-se como especialista no tema e revisora dos fragmentos da obra no livro *Pseudo-Skylax's Periplus: The Circunavegation of the Inhabited World*. Exeter:Bristol Phoenix, 2011.

³ Heródoto no livro III e IV nos traz informações sobre os habitantes da região de Colquida (IV,37;VI,40), sobre o rio Fasis que desagua no Mar Negro (IV,37; IV,45; VI,38),

(G.KVIRKVELIA,2005,p.34), aonde manteve relação de *philia* com grupos de famílias áticas e de cólquidos assentados na região (M.FAUDOT, 2005,p.108). Consideramos que a materialidade da região para os atenienses, ocorreu através de Eurípides ao trazer a memória aos gregos a narrativa mítica do Peliades/Velo de Ouro (455aC) ratificada pelos artesão-ceramistas e nas entrelinhas da dramaturgia intitulada *Medeia*, representada no Teatro de Dionisos em 431 a.C..

Consideramos que o teatro e os vasos de cerâmica como *lugar de memória*. No conjunto formam registros, vivenciados por parte dos indivíduos que a eternizaram em imagem e texto. Formam referências e cenários para materialidade de visitas ao passado, trazendo em si, as mais diversas atividades documentadas em forma de narrativas. Assim, o *lugar de memória*, segundo P. Nora, tornam-se lugares, com efeito, nos três sentidos da palavra, material, simbólico, funcional [...] (P.NORA,1993, p.21). Mesmo um lugar de aparência puramente material, como o espaço físico do teatro grego, as oficinas de cerâmicas áticas e o texto da dramaturgia escrita, somente tornam-se *lugar de memória* se a imaginação do pesquisador o investir e decodificar o seu simbolismo e procurar estabelecer um sentido. A narrativa mítica de *Medeia* traz a protagonista como uma mulher estrangeira proveniente da longínqua região bárbara de Colquida que migra para a Grécia trazida pelas mãos do jovem argonauta grego identificado como Jasão.

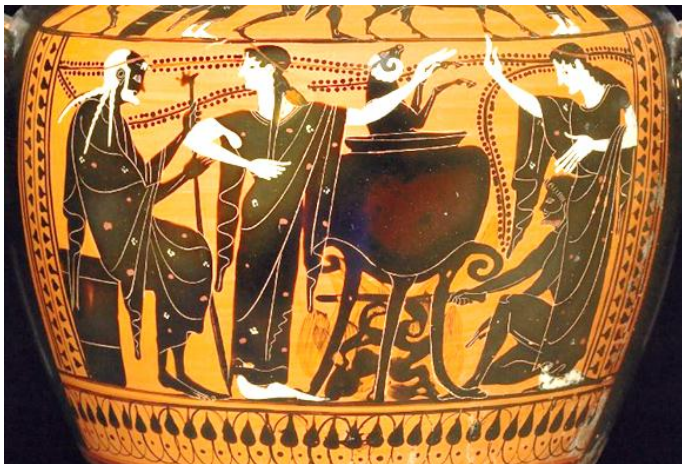
O processo de *conectividade* dos gregos em diferentes regiões do mundo antigo⁴ detém a peculiaridade de ser a região do Mar Negro a menos conhecida do universo

⁴ A pesquisa de doutoramento (2013-2017) de Alessandra Viegas do PPGHC/UFRJ detem como tema a *Alimentação no Mundo Antigo: A paródia de Matro de Pitane e a recepção no IV aC*. No qual traz para o universo ático a culinária pesqueira de diferentes emporium gregos que transitava nos banquetes em Atenas.

acadêmico do Ocidente e com ausência de análise, realizada por nós, da historiografia latino-americana. Nos cabe trazer para o conhecimento da academia os pesquisadores russos⁵ como Otan D. Lordkipanidze, Gocha R. Tsetskhladze e os recentes pesquisadores como Valentina Yanko-Hombach, Pavel M. Dolukhanov, Anna A. Trofimova entre outros que dialogam com franceses e ingleses em suas recentes pesquisas sobre a região do Mar Negro. Colquida é formada por um conjunto de *polis bárbaras* como Trapezus, Dioscurias, Phasis, Pichvnari, emergiu como uma região com intensa interação com os gregos e despontou no período arcaico e clássico como um centro de trocas comerciais e mercantis. O poeta Eurípides menciona que Medeia provem da região de Colquida, porém não especifica de qual *polis bárbara* a princesa de Colquida seria proveniente tendo em vista que a região era composta de *emporium*, *apoikias* e *cleuruquias* gregas.

Nos propomos trazer para o primeiro plano a região de Colquida, região considerada *polis barbara* com abundância de terras férteis, de madeira, de grãos e de ouro cuja documentação detém farta referência. Para Anna M. Ckonina, a presença do ouro na região tem sido considerada como uma das forças motrizes que impulsionou o processo de migração dos gregos áticos para a região de Colquida. A região ficou conhecida na antiguidade como "região rica em ouro", e na modernidade ficou conhecida como "terra clássica do ouro" no qual a narrativa mítica de Jasão e o Velo de Ouro,⁶ simbolizou a riqueza aurífera e o interesse ático na região (A.M. CKONIA, 2002, p. 263; M. FAUDOT, 2005, p. 66).

⁵ A historiografia russa que escreve em língua inglesa tem sido composta pelos clássicos



LOCALIZAÇÃO: London, British Museum

ASSUNTO: Peliades/Medea e o Carneiro

ESTILO: Grupo de Leagros, hydria atica de figuras negras

INVENTÁRIO: B 328; ABV 363,42 (1843,1103.59); LIMC/ThesCRA: MID8346

O tema do Velo de Ouro integra a narrativa mítica identificada como as Peliades , o episódio narra a morte do rei Pélias de Iolkos, tio de Jasão. O mito foi narrado por Apolodoros (I,IX:27), Hyginos (v.24) e Pausânias (VIII,XI:2); os mitógrafos apresentam a narrativa mítica que compõe a ação mágicas de rejuvenescimento de Pélias. O tema fez parte de uma dramaturgia construída por Eurípides, representada em 445 aC, porém a peça se encontra perdida para nós. Entretanto, o drama detém como matriz o *imaginário social* materializado em suporte de cerâmica que remonta para o VI AC., intitulada como o *Velo de Ouro* ou *Medeia e o Carneiro*. Detendo uma vasta iconografia, o tema emergiu no período arcaico e se estendeu ao período helenístico, requer uma análise e problematização, no qual a

presença de Medeia integra o repertório iconográfico⁷ composto de um carneiro dentro de um caldeirão com água fervente e uma ou duas testemunhas identificadas como as filhas do rei Pélias, primas de Jasão.

Entretanto, T.S.Noonan, descarta o interesse no ouro da região e traz a perspectiva da exportações de grãos do Mar Negro para a Grécia, mencionada pela documentação antiga, ao considerar a região como “celeiro de Atenas” (T.S.NOONAN,1973,p.231). David Braund considera que o Porto do Pireu tornou-se no período clássico um grande *focus* de poder e riqueza devido as intensas trocas comerciais e mercantis com o Mar Negro (D.BRAUND,2007,p.42). A partir desta constatação nos interessa identificar o modelo de interação e/ou de intercambio sociocultural estabelecido pelos gregos áticos na região considerada de natureza bárbara. Consideramos que um grupo de atenienses de recursos financiou o *khoregos*⁸, patrocinador da dramaturgia Medeia de Eurípides, cujo objetivo era incentivar o interesse dos atenienses no processo de migração para a região visando o estabelecimento de *emporium*/entrepasto comercial e *apoikia*/colônias.

O poeta Eurípides constrói, junto aos atenienses, o *imaginário social helênico*⁹ da região de Colquida através das aventuras de Medeia. Eurípides, deixa transparecer a defesa

⁷ O NEA/UERJ detém imagens referentes ao Velo de Ouro ou Medeia e o Carneiro catalogadas e em fase de análise e pesquisa, ver relatório do Prociência/UERJ/FAPERJ 2014-2017. Ver nota nº20.

⁸ O tema sobre o financiamento dos *khoregoi* em Atenas tornou-se tema de doutoramento da aluna Dolores Puga Alves de Souza, PPGHC/UFRJ intitulado: *As Disputas Políticas na arena do Teatro de Atenas: um estudo comparado das Hetaireias de Eurípides e de Aristófanes (411-405/4 a. c.)* (2014-2017).

⁹ Rafael Silva dos Santos aprovado no Mestrado 2017/PPGH/UERJ detém a pesquisa sobre a formação do imaginário social étnico dos atenienses entre dórios x jônios através da pesquisa *A emergência da polis. O mito de Teseu e a construção da identidade ateniense durante o período do Dark Age (séc. XI - VIII).*

de interesse de um grupo ao qual denominamos de *hetaireia*, ao qual inserimos Péricles, ao qual tinha o interesse em estabelecer e/ou manter o contato com a região de Colquida. A problemática do tema situa-se em identificar qual seria o interesse da *hetaireia* que financiou a dramaturgia de Eurípides: transporte e abastecimento de grãos exploração de metais, madeira ou comercio de vasos áticos¹⁰ com vinho e azeite? Em relação ao transporte de grãos para a Ática, a referência tem sido Heródoto (VII,147) ao relatar a passagem de navios pelo Mar Negro em direção a Grécia. O tema detém um debate sobre a escassez de alimento na Ática no qual começou com Thomas S. Noonan (1973) seguido por Gocha R. Tsetskhladze (1998) e retomado por Amiran Kakidze (2002), ao qual nos cabe também discutir o estado atual da questão. A historiografia soviética detém numerosos estudos clássicos sobre o comercio de grãos do Mar Negro para o mundo grego como I.B.Brashinski na obra *Afiny i Severnoe Prichernomor e VI-II* (Moscou, 1963) que analisa os grãos de Bósphoros exportados para Atenas e considera a região como celeiro de Atenas.

Consideramos que os atenienses, presentes no teatro de Dioniso em Atenas, tinham noção que a região de Colquida ficava muito distante do Mar Egeu. Alertamos que os gregos transitaram por sociedades muito além do Mar Mediterrâneo e Egeu chegando até ao Mar Negro como nos aponta a jornada da Odisseia e a expedição dos

¹⁰ A aplicação do método da grade de análise de imagem nos vasos áticos de figuras vermelhas intitulado *Novas perspectivas sobre a aplicação metodológica em História Antiga* foi publicado no livro **A Busca do Antigo**, CAPES/NAU,2010,pp.13-25. O mestrando Felipe do Nascimento de Araujo (PPGH/UERJ,2016-2018) aplica a grade metodologia no seu corpus imagético de vasos áticos de figuras vermelhas como tema de pesquisa de *Coro Ático e a formação da cidadania atenienses no VI aC.*

Argonautas¹¹. A historiografia¹². nos aponta para o processo de migração de gregos provenientes da Jônia, que desde o século VIII, já circulavam pelo Mar Negro, porém, os atenienses empreenderam o mesmo processo em tempo tardio marcada somente para o início do período clássico¹³. Fica evidente, a partir do período Clássico, que a presença da frota naval e a dinâmica do Porto do Pireu, apontaram para os atenienses a possibilidade ou a necessidade de espaços alternativos às atividades agropastoris na Ática resultando na migração para a região de Colquida

Stanley M. Burstein considera que a história dos gregos na região do Mar Negro tem sido escrita como processo de expansão do modo *helênico de viver* (S.M.BURSTEIN,2006, p.137). Entretanto, a *helenicidade*¹⁴ dos contatos nas *apoikias* e nos *empória* ocorriam no litoral de terras inseridas no universo de terras bárbaras. O processo de interação cultural com a vizinhança de cultura desconhecida dependia da negociação em diferentes níveis como as trocas materiais, casamentos, associações entre outras estratégias que garantiam a sobrevivência e a proteção dos gregos na região. Eurípides coloca na voz de Jasão que *Medeia em lugar de região bárbara, ela passou a habitar terras gregas*

¹¹ O tema sobre a expedição dos Argonautas e a circulação pelo Mar Negro e Mediterraneo tornou-se tema de pesquisa do Prof Alair Figueiredo Duarte como extensão do doutorando no PPGHC/UFRJ (2014-2017).

¹² Os jônios da região de Mileto fundaram Sinope no VIII aC. Enquanto que a região de Colquida tornou-se a área de influência dos atenienses no qual mantiveram intercâmbio cultural e mercantil com as cidades litorâneas de Dioskúrios, Gyenos e Fasis. O destaque fica com Pitchvnari cuja cemitério demonstra o intenso intercâmbio cultural com Atenas, materializado pelas cerâmicas áticas. Ver O.D.Lordkipanise "Ancient Colchis, 1979; M.Y.Treister/Y.G.Vinogradov "Archaeology of the Northern Coast of Black Sea",1993; D.Braund"Georgia in Antiquity", 1994.

¹³ Fato que reforça a narrativa de Plutarco ao mencionar o interesse de Péricles em comandar diversas expedições para a região.

¹⁴. Consideramos pertinente analisar as diferentes nomeações junto a historiografia assim como as suas definições.

que conhecia a justiça e o uso das leis no lugar da força (MEDEIA, v.535-540). O poeta constrói a trajetória da protagonista como uma mulher estrangeira que sai dos limítrofes da barbárie de Colquida para o centro da civilidade dos atenienses. Kostas Vlassopoulos afirma que a relação entre gregos e bárbaros faz parte de um amplo debate que parte da distinção geográfica entre o Ocidente versus Oriente. Os gregos detém a *helenicidade*¹⁵, a cultura, a sociabilidade e tornaram-se referência no Ocidente, inventaram a democracia, a liberdade de expressão, a ciência, a filosofia e a dramaturgia e o Oriente passou a ser a áreas dos povos bárbaros (C.VLASSOPOULOS,2013, p.02). A ação dos gregos ao expandir a cultura helênica no Mar Mediterrâneo e Mar Negro tem sido nomeada como *helenicidade* por Kostas Vlassopoulos. Entretanto, Johann-Gustav Droysen já aplicava o termo Hellenismus junto ao mundo acadêmico em 1836. Os conceitos de *helenismo* e *helenização* foram os termos acadêmicos oriundo da palavra grega *hellenizen* que significa falar grego e se comportar como um grego.

Em seu lamento, Medeia relata todo o processo de chegada de Jasão, trazendo o *helenismo*, à Colquida, suas aventuras e desafios, fato que nos traz à memória a trajetória de grupos de atenienses que migraram para a região do Mar Negro. Tanto os jônios de Mileto quanto os atenienses construíram expandiram o processo de *helenização* ou *helenicidade* através das *cleuruquias*, *apoikias* e *emporium*¹⁶

¹⁵ O fator chave da formação da identidade grega, a *helenicidade*, está na narrativa de formação da maneira helênica de ser e o papel que exerce na formação do não grego.

¹⁶ Teremos a necessidade em analisar os termos visando a definição e aplicação aos pontos de conectividade encontrados na trajetória do Mar Egeu até ao Mar Negro. Ver. Morgan H. Hansen. *Emporium: a study of the use and meaning of the term in the Archaic and Classical periods*. Brill, 2006, pp.1-40; Christophe Pébarthe. *Emigrer d'Athene*. Clerouques et

aos quais nos cabe identificar a materialidade das negociações para o estabelecimento na região. A ação nos traz o debate sobre a motivação para a saída dos gregos áticos em direção as terras consideradas inóspitas e bárbaras do Mar Negro? Nos interessa analisar o processo de relação estabelecida pelos atenienses na região de Colquida? Quais problemas serviram de motivação, talvez a escassez alimentar devido ao aumento da população em Atenas que estaria gerando *stasis*/guerra civil? Ou seria o interesse econômicos por madeira, grãos e metais abundantes na região de Colquida?

Acreditamos que a narrativa mítica de Medeia e a menção dos Argonautas nas tragédias de Esquilos e Sófocles¹⁷ nos permite analisar as questões sobre os interesses de parte dos atenienses na região de Colquida. A materialidade do interesse constam no conjunto de vasos áticos¹⁸ identificados como Peliades¹⁹. Nestes vasos áticos de figuras vermelhas se destacam a figura de Medeia e a referência ao Velo de Ouro, ação que reforça a presença de interesse dos gregos áticos

colons aux temps de la domination athenienne sur l'Egee au V^e secles a.C. De Boccard, 2009, pp.367-390.

¹⁷ Simon Spence no livro **The Image of Jason in Early Greek Myth** afirma que Esquilo e Sófocles produziram dramaturgia relacionada a expedição dos Argonautas no V sec. (2010,p.06).

¹⁸ As cerâmicas áticas de figuras vermelhas foram encontradas na região do Colquida e do Mar Negro em templos, santuários e sepulturas em meio a outros vasos de cerâmica de Ática, de Corinto e a Jônia. Tal fato nos permite analisar o processo de sepultamento e verificar a similaridade com o ritual fúnebre realizado em Atenas.

¹⁹ Em relação ao conjunto de vasos de cerâmica do período clássico e helenístico, selecionamos 5 vasos com o tema Velo de Ouro e 12 para **Peliades** ou **Medeia e o Carneiro** no qual a sacerdotisa de Hecate aparece realizando os procedimentos mágicos de rejuvenescimento do idoso rei Pelias que resultou em sua morte. Os temas formam o corpus iconográfico de Medeia nos qual realizamos a catalogação e aplicação da grade metodológica, formulada por nós, a partir da obra de Claude Berard (Paris, 1983). As imagens com a metodologia aplicada constam do anexo do Relatório do Prociência/FAPERJ/UERJ 2014-2017.

no metal da região de Colquida. O processo mineração na região era realizado através do uso da pele de carneiro colocados nos leitos dos rios no qual o pelo do animal retinha as finas pepitas de ouro.

O processo de migração para o Mar Negro deixa transparecer: no primeiro momento o contato entre a civilidade grega e a barbárie de Colquida, seguida das possibilidades de análise das formas de intercâmbio mercantil, comercial e cultural. Como historiadores, percebemos que a região de Colquida considerada bárbara, era formada por diferentes aglomerados dos quais a documentação analisada a identifica como *polis barbara*,²⁰ a denominação requer uma análise mais apurada junto a historiografia. Outro dado importante que nos detectamos, refere-se a região que se tornara área de interesse e de influência de Atenas, a questão necessita de análises que identifiquem quais foram as estratégias de favorecimentos de trocas comerciais e mercantis que passaram pela exportação de vasos áticos com vinho e azeite em troca de madeira, grãos e/ou metais.

Consideramos a ação como parte de intercâmbio cultural cujo resultado foi a *helenização* ou *helenicidade* de algumas regiões bárbaras do Mar Negro. Amiran Kakhidze considera que o aumento das atividades de trocas comerciais e mercantis foi motivada também pela necessidade cultural do binômio centro-periferia, ou seja, o recebimento de produtos do Mar Negro em Atenas tinha como contrapartida suprir a região periférica com produtos culturais proveniente da dinâmica Atenas como vasos de cerâmica ática, dramaturgia, festivais, vinho e azeite (A.KAKHIDZE,2005,p.117). O inverso nos aponta para a entrada de maneiras estrangeiras e bárbaras em Atenas como o culto

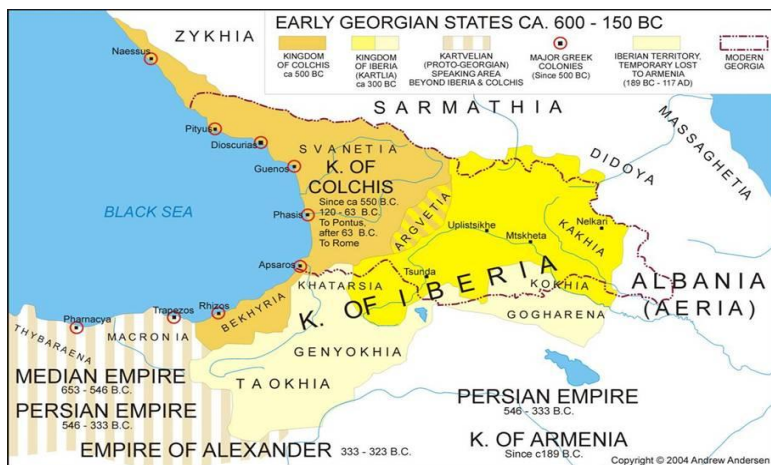
²⁰ Tema debatido e registrado no livro de Muriel Faudot (orgs) "Pont Euxin et Polis: Polis Hellenis et Polis Barbaron", 2005.

a novos deuses estrangeiros²¹, personagens míticas como Medeia e a emergência de práticas de magia de fazer mal ao inimigo através do uso dos *katádesmoi/defixiones* que circulava de maneira furtiva junto aos atenienses. As ações confirmam a presença de práticas de *intercambio sociocultural*, ação que afasta a noção de um processo de expansão imperialista dos atenienses. Acreditamos que no período Clássico, o *intercambio sociocultural* promoveu a *helenização* dos bárbaros e a *barbarização* da civilidade dos gregos.

Cabe perguntar, aonde fica a região de Colquida (Colchis)? O mapa abaixo nos revela que a região de Colquida situa-se no Pontus Euxino²², conhecido na atualidade como região do Mar Negro. Segundo o geógrafo Estrabão (XII,3), quando os primeiros gregos chegaram a região, a área era desabitada e totalmente desconhecida, se depararam com as águas turvas e revoltas do Mar Negro. Diante das dificuldades de navegação qualificaram a área como região inóspita ao estrangeiro nomeando-a como Pontus Axenios (mar contra estrangeiros). Após o processo de ocupação da área e domínio de acesso pela navegação, os gregos renomearam a região como área hospitaleira, ou seja, Pontus Euxenius (*pontus*=mar e *eu/bom*, *xênios*=estrangeiro) mar bom para navegação de estrangeiros.

²¹ A região do Porto do Pireu recebeu várias solicitações de citas, egípcios, trácios para a construção de santuários para o culto da deusa Bentis, Isis e Afrodite, ver a dissertação de Mestrado da pesquisadora Marina Rockenback de Almeida/2016 intitulada *Por um comparativismo construtivo do Culto à Isis entre atenienses e egípcios no final do V sec aec.* Defendida em 2016 no PPGHC/UFRJ sob a minha orientação.

ATENAS E A CONECTIVIDADE MARÍTIMA ENTRE O MEDITERRÂNEO ANTIGO E O MAR NEGRO



Mapa 01. Região de Colquida. <http://www.tlg.gov.gr/> em 20/10/2016

A região de Colquida permanece como região mítica para nós, helenistas latino-americanos, mantendo o imaginário social misterioso de terra do Velo de Ouro e região da *pharmakides*/feiticeira Medeia. Cabe a nós trazer para o meio universitário, visando a renovação historiográfica, a produção de pesquisadores russos em diálogo com os ingleses²³ e franceses²⁴. Na atualidade os integrantes da *Soviet Classical Studies* mantêm publicações em língua inglesa como a edição da obra *Ruthenia Classica Aetatis Novae: A*

²³ Os relatórios de escavação realizado pela Universidade de Oxford, desde 1950, tem nos revelado a presença de cerâmica ática de figuras vermelhas na região de Colquida, ver *The British-Georgian Excavation at Pichvnari*, 1998. Ver também os relatórios de escavações de 1998-2009 realizados na região de Colquida/Pichvnari no Mar Negro, disponível no site: <http://users.ox.ac.uk/~pichvnari>, intitulado *To Pichvnari in the Land of the Golden Fleece*.

²⁴ Entretanto, scholars europeus e norte-americanos na qualidade de arqueólogos e historiadores tem demonstrado interesse na região desde o século XVII (J. Chardin, Paris, 1673).

*Collections of World by Russian scholars in Ancient Greek and Roman History*²⁵ (2013). A realização de congressos no qual apresentam o estado atual das questões relacionadas à Colquida como *6th International Congress on Black Sea Antiquities* em Constanta, de 18 a 22/09/2017; como as *Actes du IXe/1999 e Xe/2002 Symposium de Vani*, Colquida; assim como o grupo de pesquisadores anglo-americanos, em parceria com helenistas russos, que realizaram a série de publicações online intitulada *Greek on the Black Sea: Ancient Art from the Hermitage*²⁶ e *The British Institute at Ankara* responsável pelas pesquisas arqueológicas na região da Turquia e na região de *Pichvnari, Mar Negro*²⁷.

A região na atualidade configura-se com a República Soviética da Geórgia e o interesse de pesquisadores sobre a presença dos gregos na região prevaleceu, nos seus primórdios, com a *historiografia russa* do século XX com destaque para Otan D. Lordkipanidze e Gocha R. Tsetskhladze ambos especialistas na região de Colquida. A análise historiográfica nos aponta a expansão do tema como nos aponta o debate entre Gocha Tsetskhladze e o pesquisador N. Purcell autor do livro *The Corruption Sea* (2000) que tece críticas sobre a região de Colquida e sua *conectividade marítima* com o universo dos gregos. Precisamos ampliar o debate que nos permita estabelecer a singularidade de temas e as posições acadêmicas sobre a ampla região do Mar Negro. Convidamos os demais pesquisadores, para fazer

²⁵ Os autores Andreas Mehl, Alexander Merhlayuk e Oleg Gabelko reúnem a produção de artigos de helenista e romanistas russo escritos em língua inglesa visando a construção do intercâmbio e o diálogo com os seus pares de IES no Ocidente.

²⁶ O site tem como endereço: https://www.getty.edu/art/exhibitions/black_sea

²⁷ The British Institute at Ankara mantém ativa as pesquisas arqueológicas na região da Turquia e na região de Pichvnari, Mar Negro, ver <http://biaa.ac.uk/> <http://biaa.ac.uk/research/item/name/pichvnari-excavations>.

parte deste amplo projeto, e especialistas interessados em demarcar posição e pesquisa sobre o tema ainda insipiente na América Latina assim como analisar as similitudes e diferenças entre os pesquisadores da *historiografia russa* em comparação com as *vertentes inglesas* e a *francesas* sobre o processo de *conectividade marítima* e o *intercâmbio cultural* dos gregos áticos não só na região de Colquida, mas nas demais regiões do Mar Negro.



FASE ORIENTALIZANTE NA ETRÚRIA: TRANSFORMAÇÕES NA CULTURA E ARTE

Prof.^a Mestranda Nancy Maria Antonieta Braga Bomentre
(UNIFESP; FAPESP)

Durante o período compreendido entre os séculos VIII e VII a. C. as culturas mediterrâneas passaram por profundas transformações. O objetivo do presente artigo é apontar as mudanças que ocorreram na cultura e na arte na Etrúria no período mencionado. As mudanças se referem à organização social e de produção artística, acarretando em mudanças nas configurações representadas na sua arte. É o período denominado fase orientalizante da arte etrusca. Orientalizante devido ao influxo cultural estrangeiro que ocorreu pela chegada dos colonos gregos vindos da Eubeia e, ainda, de comerciantes originários do Oriente Próximo, que estabeleceram uma rota marítima comercial com a localidade. As rotas comerciais visavam à busca de matéria prima- os metais e os produtos agrícolas- abundantes no território etrusco e a distribuição de seus produtos manufaturados.

A chamada fase orientalizante na arte da Etrúria, período compreendido entre os séculos VII e VI a. C., coincide com transformações culturais dos povos que habitavam a península itálica. O período que antecede as mudanças na arte foi de significativas alterações na disposição das populações habitantes na bacia do Mediterrâneo, devido, principalmente, à crise social das populações helênicas em território grego. A Grécia organizava-se socialmente através do sistema de *gens*. Seu sistema social de hereditariedade da terra e de produção econômica entrou em crise devido ao

excedente populacional, gerando revoltas e instabilidade social. Assim sendo, uma parcela da população teve que buscar novas paragens para seu contingente¹. Em meados do século VIII a. C., temos então a Segunda Diáspora, onde gregos saem em busca de novos locais para fixar suas raízes (GIORDANI, 1984,p. 104). Temos, desta forma, colônias gregas espalhadas em diversos pontos às margens do Mediterrâneo, dentre elas, Náucratis, primeira colônia em território egípcio e as diversas colônias estabelecidas no sul da península itálica e na Sicília. A colônia grega mais setentrional do território italiano é Cumas, na Campânia (PRAYON, 2015,p. 48; PALLOTTINO, 1978¹p.90).

Visando um melhor esclarecimento sobre o tema apresentamos aqui algumas considerações sobre as expressões *colonização grega* e *colônias gregas* na península itálica, termos frequentemente usados para conceitualizar o fenômeno e movimentação de povos no Mediterrâneo por volta do século VIII a. C. Nas últimas décadas têm existido debates a respeito de qual significado do conceito *colonização* transposto à Antiguidade. Seguido a tendência do póscolonialismo, que buscou revisar a produção intelectual e a epistemologia dos estudos das Ciências Humanas, diversos estudos que abordavam o uso do termo foram publicados, principalmente no final dos anos 1990 e 2000. Em 2012, a cidade de Roma foi palco da conferência "*Contextualising early Greek colonisation: Archaeology, Sources, Chronology and Interpretative Models between Italy and the Mediterranean*", onde o objetivo foi contextualizar o fenômeno (colonização)

"Archaeologically (sites involved, neighbouring regions and connected processes such as Phoenician colonisation),

¹ A respeito do sistema social grego, ver: FLACELIÈRE (1959); ARRUDA (1996) e GIORDANI (1984).

historically (*literary representations, historical patterns in Italy and the Mediterranean*), **methodologically** (*the ongoing chronology debate*) and to confront various conceptualisations of the phenomenon" (DONNELLAN, NIZZO (201,p.13).

Desta forma, a conferência ofereceu espaço para o debate entre "tradicionalistas" e "revisionistas" do termo. Não obstante o emprego de vários diferentes termos pelos debatedores, como o próprio *colonização*, ou *migração* ou ainda, *diáspora*, o que se pode concluir é que o fenômeno grego se deu de forma totalmente diversa das colonizações em idade moderna e, ainda, o papel fundamental "*native societies in attracting foreign visitors and in establishing enduring relations that were, no doubt, sometimes violent but also to their mutual benefit*" (DONNELLAN, NIZZO, 2016,p.14). Isto posto, para o nosso estudo sobre as transformações ocorridas na cultura e manifestações artísticas etruscas a partir do século VIII a. C., consideramos o papel ativo dos etruscos em relação a estas mudanças, não se limitando a receber a influência estrangeira, preponderantemente grega, impassivelmente.

Aproximadamente um século antes da chegada dos gregos em território italiano (séc. IX a. C.), na região da Toscana, assentamentos confirmam a presença de um povo com características culturais muito particulares, o povo etrusco, este que vinha ocupando agora o território onde se desenvolveu a cultura vilanoviana (CAMPOREALE, 2011-b, p. 100; PRAYON, 2015,p. 36; TORELLI, 2001,p. 28). As diferenças culturais entre os povos pré-romanos na Itália (úmbrios, sabinos, latinos, etc) são sutis, com exceção aos etruscos. Este povo, de origem não indo-europeia, mantém a sua genealogia como dúvida, pois, desde a Antiguidade até o presente, não foi possível confirmar qual sua raiz genealógica. O seu legado cultural aos povos itálicos do primeiro milênio a.

C., porém, é incontestável. Como aponta o etruscólogo Mauro Cristofani, para uma especificação precisa das culturas existentes na Itália do I milênio há de se analisar sistematicamente os objetos artísticos e a cultura material remanescente (CRISTOFANI, 1978,p. 31; PALLOTTINO, 1985,p. 44), tendo em mente que são sutis as fronteiras que separam uma cultura da outra. O traço cultural mais proeminente dos etruscos é sua língua, até os dias de hoje não totalmente decodificada. Deve-se considerar ainda a complexa ritualística funerária e as particularidades de sua crença no Além.

Os vilanovianos eram um povo agrícola-pastoril, que ocupava as planícies férteis para o plantio de subsistência e construção dos vilarejos. Suas casas eram similares a cabanas, com apenas um cômodo elíptico ou retangular (PALLOTTINO, 1985,p.73). Tinham por prática funerária o enterramento dos restos incinerados dos falecidos em urnas bicônicas, espécie de canopos duplos, que acompanhavam também pertences dos mesmos, com o intuito de identificação. Marcavam as sepulturas com seixos dispostos em círculo. As representações dispostas nos objetos de uso cotidiano, cerâmicas principalmente, obedeciam a uma gramática figurativa rudimentar e básica, com formas geométricas e de estilização simplificadas (CRISTOFANI, 1978: 32; PALLOTTINO, 1985,p. 58). Os vilanovianos reuniam-se em clãs, chefiados por um *pater familias*, este que detinha as funções religiosa, jurídica e política, estabelecendo as relações entre os grupos vizinhos, com o intuito das trocas sociais e comerciais. Desta maneira, se configuravam como uma cultura campesina rústica, com as terras produtivas se concentrando nas mãos de umas poucas famílias, as quais dividiam o poder e as decisões entre si, restando aos demais do grupo o trabalho servil. Sua economia era basicamente de subsistência, na qual apenas um pequeno excedente era comercializado localmente.

Como exemplo, grãos, azeite e produtos de origem animal (CAMPOREALE, 2011-a,p. 77; TORELLI, 2001,p.40).

A região onde a cultura etrusca se desenvolveu, o noroeste da península, é bastante rica em minerais metálicos. A extração, o comércio dos metais e a produção de objetos e também sua venda tornaram-se sua base econômica. A partir do início do século IX, diversos fatores confluíram para uma mudança na estrutura social da região. A descoberta de fontes metálicas proporcionou um melhor aproveitamento do solo para a agricultura, devido ao uso de ferramentas de ferro para limpar o solo, revolver, cavar, etc, e isto levou à intensificação da produção agrícola (CRISTOFANI, 1978: 35; CAMPOREALE, 2011-b,p. 101). Posteriormente, as grandes extensões de terra, que eram subutilizadas, foram divididas em lotes e a posse concedida aos pequenos proprietários, para um melhor aproveitamento da atividade agrícola. A produção agrícola passa de extensiva para intensiva. A separação dos lotes e a limitação das áreas tornou-se uma própria instituição etrusca- a *limitatio*², que tratava sobre as dimensões e limitações das propriedades, regimento este anunciado por uma profetisa etrusca como vaticínio da ninfa Vegoia. (HERGON, 2002,p. 109). Devemos mencionar como um ponto crucial para entendimento da matéria a fertilidade do solo na região da Toscana (Etrúria propriamente dita) e mesmo da variedade de espécies produzidas, renomada na própria Antiguidade por abastecer Roma em períodos de carência de alimentos (HEURGON, 2002, p. 97; CAMPOREALE, 2011-b,p. 103). Deste modo, a sociedade etrusca passa de uma sociedade em que o poder e a riqueza concentravam-se nas mãos de poucos para uma sociedade mais democrática, formada por pequenos proprietários de terra produtores, mas que contavam ainda

² O texto escrito da profecia foi transcrito por Varrão no *Corpus Agrimensorum Romanorum* I. .

com a autoridade civil local, o *pater familias*, para resolução de conflitos (CAMPOREALE, 2011-b,p. 101).

A Etrúria teve seu apogeu econômico e cultural compreendido entre os séculos VII e V e deve sua riqueza ao fator relacionado ao aproveitamento do solo combinado com sua grande riqueza metalífera. Tal era a riqueza e abundância desfrutada pelos etruscos neste período que o estudioso da cultura etrusca, o francês Jacques Heurgon (2002,p. 98), compara a prosperidade etrusca nos séculos de seu apogeu à riqueza dos xeiques árabes produtores de petróleo do século XX. A partir do século VIII, o estabelecimento das colônias gregas mais ao sul da península ocasionou relações comerciais com os etruscos, somado ainda à chegada dos fenícios que descobriram uma nova rota e mercado para suas transações mercantis. A entrada destes dois grupos de forte disposição comercial promoveu na Etrúria uma maior movimentação na sua economia, gerando a riqueza acima mencionada. Neste momento, temos o surgimento de uma nova classe social, uma classe média, abastada e ávida por desfrutar do luxo e do requinte dos produtos trazidos tanto por gregos como fenícios.

A cultura etrusca apresentava maior complexidade na sua estrutura do que as culturas vizinhas ao seu território. Como mencionado acima, não há consenso em relação à sua origem. Mesmo na Antiguidade, autores discutira a matéria sem chegar a uma conclusão³ (PRAYON, 2015,p. 32). O mistério atribuído a este povo é se eram autóctones ou se vieram migrados da região da Lídia, na Anatólia. Atualmente, o entendimento mais comum é de ambas as teorias mescladas (PALLOTTINO, 198 5,p. 23). Numa das ondas migratórias ocorridas ao final do segundo milênio a. C., um povo de origem não indo-europeia se estabeleceu na região

³ . Heródoto atribuía aos etruscos uma origem Lídia, já Dionísio de Halicarnasso, origem autóctone.

que hoje compreendemos como a Toscana, misturando-se com os nativos da localidade, levando ao desenvolvimento da chamada cultura etrusca. Alguns aspectos da cultura local conservaram-se, porém características mais marcantes dos novos habitantes prevaleceram, como a língua e sua religiosidade.

Quando este grupo social se estabeleceu no território passou a ocupar as áreas geográficas mais elevadas para construção de suas cidades, estas cumprindo uma rigorosa ritualística na sua fundação e obedecendo a um traçado geométrico no ordenamento de seu espaço. Na arquitetura que encontramos particulares características da cultura etrusca, relacionadas a seguir: as cidades eram protegidas por muradas e as construções domésticas estruturavam-se em pedras, dividindo-se em cômodos. Infelizmente, são poucos os registros das cidades etruscas conservados, devido a continua ocupação posterior das localidades e da própria ação do tempo. Porém, suas necrópoles foram bem preservadas, como especial documento desta cultura. Os rituais funerários apresentavam grande complexidade, refletindo a profunda religiosidade deste povo⁴. Grandes necrópoles foram construídas ao redor das cidades. Suas tumbas eram escavadas na rocha e ganhavam cobertura em meio arco ou cúpula. Estas eram alinhadas pelas ruas da necrópole e nos cruzamentos das vias ficavam dispostos altares para oferendas. A dimensão das tumbas era bastante avantajada, assemelhando-se com a morada dos vivos. Num primeiro momento possuíam apenas uma câmara interna (meados do século VII), mas, posteriormente, adquirem duas ou mais câmaras e grande suntuosidade na decoração, refletindo a prosperidade do proprietário e da sociedade em geral, além

⁴ "O povo que entre todos os outros se dedicou particularmente as práticas religiosas e se distinguiu em saber cultivá-las" Tito Lívio(V, 1,6) *apud* PALLOTINO (1975: 236).

de uma maior sofisticação e domínio das técnicas construtivas (CRISTOFANI, 1978,p. 70; CAMPOREALE, 2011-a,p. 153).

O testemunho maior da fase orientalizante etrusca encontramos exatamente na arte funerária. Graças às suas práticas e ritos funerários bastante complexos temos conhecimento de diversos aspectos das culturas mediterrâneas da Antiguidade. Além da complexidade religiosa refletida nos rituais funerários dos etruscos, ainda que compreendidos parcialmente, podemos ponderar sobre as preferências em relação às formas artísticas que circulavam na região, pois as tumbas etruscas do período guardaram um tesouro arqueológico ímpar para compreensão desta sociedade. Seja da própria estrutura arquitetônica ou, ainda dos objetos ali depositados como oblação ao falecido, onde era criado um espaço semelhante ao da habitação dos vivos para o descanso eterno do finado. Estão entre os objetos encontrados nas tumbas: armamentos, joias, móveis, utensílios para fiar e tecer e aparelhos de banquete (CRISTOFANI, 1978,p.31; PALLOTTINO, 1985,´p. 88). Vasos de cerâmica nos mais diferentes formatos também sempre são encontrados nos depósitos funerários. Isto se dá, principalmente porque estes eram objetos de uso cotidiano além de serem indispensáveis para armazenamento e transporte de diversos produtos, tanto alimentares como medicinais. A cerâmica na Antiguidade era, no mais das vezes, de produção local, e seu feitiço reflete a organização seja na escolha dos materiais para tal, ainda as técnicas empregadas e as formas artísticas escolhidas para representação e decoração, demonstrando assim aspectos e valores da cultura a que representa. Desta forma, como aponta Ranuccio Bianchi Bandinelli (2008,p. 37), são documentos arqueológicos. O vasto acervo de vasos encontrados nas tumbas etruscas propiciou o estudo das cerâmicas áticas, pois a Etrúria era o maior mercado para esta produção, estudo este sistematizado de forma

inigualável por Sir John Beazley, o catálogo *Corpus Vasorum Antiquorum*, no início do século XX. (disponível online).

Os gregos que tiveram que deixar sua terra depois da crise do oitavo século e se estabeleceram na Magna Grécia, não cortaram relações com a pátria-mãe, fazendo integrar os ateliês gregos com o mercado italiano (GIORDANI, 1984, p. 107). Com o crescimento deste mercado, artistas gregos vieram se estabelecer na península. Todavia, os modelos artísticos trazidos pelos gregos não se impuseram sobremaneira, como aponta Giovannagelo Camporeale (2011-a) eles foram "recebidos, reelaborados, combinados e adaptados às exigências da clientela local", pois "a arte traduz demandas ideológicas dos destinatários, tendo por base fatores políticos econômicos e sociais". (pp. 105-106).

Ao longo do séc. VII, os produtos eram provenientes principalmente da Fenícia e atendiam a demanda tanto da classe abastada etrusca como os palácios do Oriente Próximo e os grandes santuários gregos (CAMPOREALE, 2011-a,p. 116). A estética oriental influenciou bastante as representações na arte. Esfinges, grifos, feras, cenas de caçadas são todos temas presentes na arte oriental que foram adaptados ao gosto local, muitas das vezes apenas como decoração secundária. Novas técnicas de ourivesaria foram trazidas pelos orientais como a filigrana, sofisticando a produção joalheira. Tecidos, objetos vítreos e marfim complementavam as mercadorias trazidas pelos fenícios (CAMPOREALE, 2011-a,p.112). Nas últimas décadas do referido século há um aumento na importação de produtos de Corinto e Grécia Oriental, estes destinados a uma fatia social menos exigente do que a da fase anterior, uma classe média, surgida devido às mudanças na estrutura de produção de bens na Etrúria. Estes eram ávidos consumidores, mas não exigiam a sofisticação que os produtos do oriente próximo cumpriam (CAMPOREALE, 2011-a, p. 117). Devemos lembrar aqui que também a Etrúria produzia e exportava uma série de produtos tanto agrícolas

como manufaturados, participando ativamente da circulação comercial de mercadorias no Mediterrâneo. Foram encontrados registros destes (ânforas com vinho e azeite, alabastros com unguento entre outros) no sul da França e mesmo Espanha. Também há registros de *buccheros* (típicos vasos cerâmicos etruscos que, pela técnica empregada, ganhavam coloração cinza escura ou negra e intenso brilho metálico) em escavações na região do Mar Negro, além das citadas França e Espanha. Podemos aferir deste produto que pelo seu brilho metálico faziam vezes, mais econômica, dos similares em metal, estes um produto não acessível a toda população (CAMPOREALE, 2011-a,p. 87).

Os artistas gregos estabelecidos tinham um regime peculiar, diferente dos ateliês de origem. Pela natureza do mercado etrusco, os artistas ficavam fixados apenas temporariamente numa cidade, trabalhando por um determinado período, deslocando-se em seguida para outro local de trabalho. Não eram fixos em apenas um atelier integralmente (CRISTOFANI, 1978,p. 45). Foram artistas oriundos de Corinto estabelecidos em Vulci que iniciaram uma tradição vascular que perdurou até meados do seguinte século de valor ímpar, a tradição etrusco-coríntia de cerâmica. Esta cidade comportou vários ateliês e artistas de produção cerâmica superior, como o Pintor de Rondini, o Pintor de Paris e, ainda, o Pintor de Micali. Foi através destes, entre outros artistas, a introdução na Etrúria da representação dos mitos de origem grega (CRISTOFANI, 1978,p. 43; PALLOTTINO, 1985,p. 69). Apesar de o panteão etrusco ser muito mais complexo que o panteão grego (como exemplo, apenas Zeus tinha seis formas distintas de se manifestar) na narrativa de gênese da Etrúria os deuses gregos estavam presentes, por isso a larga aceitação da mitologia grega entre os etruscos. Além do mais, a presença dos aedos e poetas que circulavam por toda a parte, recitando os mitos e fábulas de autores como Homero e Esopo, acolhidos amplamente

pelos etruscos (PLAOUTINE, 1942). A introdução da linguagem escrita, esta já registrada desde o século VIII a. C. em inscrições votivas em templos nas cidades portuárias que para expressar graficamente os sons da língua local serviu-se do alfabeto calcedônio excluindo sons que não faziam parte de sua fonética, como o *b* e o *d*, combinados com outros sinais gráficos para expressar as vogais, que na sua língua era em maior número (PRAYON, 2015, p. 39).

Os artesãos e artistas gregos foram responsáveis não apenas pelas mudanças nas representações figuradas, mas por transformações na técnica de produção dos vasos cerâmicos, pois exigiam uma argila mais depurada para o feitura das peças e a introdução do torno para a modelagem (PALLOTTINO, 1985, p. 73). Quanto à sua decoração, as cerâmicas atendiam a clientela local, mesclando temas mitológicos gregos e decoração secundária orientalizante. É o que podemos observar nas hidrias ceretanas, vasos cerâmicos para acondicionar água produzidos na cidade de Caeres, atual Cerveteri, durante as últimas décadas do século VI a. C. As peças possuem temática mitológica, muitas delas recebem o mito de Hércules, herói tido por deus na península itálica (BAYET, 1974). A decoração secundária traz elementos orientais como panteras e cenas de caça, além de palmetas e guirlandas de hera. Por possuírem um formato peculiar, foi possível a atribuição de autoria das peças, apontada ao Pintor de Águia e ao Pintor de Busíris. Os três mais importantes trabalhos sobre as hidrias são os catálogos de Vassili Callipolitis (1954)⁵, Jaap M. Helmerijk (1984) e Raffaella Bonaudo (2004).

Não obstante as modificações ocorridas no campo das artes e de sua produção na Etrúria após a chegada dos gregos sejam eles os mercadores ou mesmos os artistas, a arte etrusca manteve sua autenticidade frente à arte grega ou mesmo oriental. Ao nos aproximarmos da arte etrusca no

⁵ Este catálogo teve tradução desta autora para o português.

período orientalizante, temos que levar em conta as variantes locais, pois é sabido que as influências da arte da porção oriental do Mediterrâneo se deram de modo mais pungente nas cidades costeiras da Etrúria, locais de maior circulação e fixação de estrangeiros.

Por muito tempo e ainda presente, a cultura etrusca e, conseqüentemente sua arte foram consideradas “menores” ou “mais rudimentares” frente à cultura grega e suas manifestações, como atestava Bandinelli nos seus primeiros escritos sobre arte etrusca (BANDINELLI, 2013,p. 13). No entanto, entendemos que não há uma hierarquia quando se trata de cultura. A cultura é resultado da adaptação do homem no seu ambiente e pelas suas relações com grupos distintos. Através da arte, esta como parte da cultura, materializa expressões íntimas e valores do grupo. Consideramos, desta maneira, a arte etrusca genuína no seu tempo. Esta cultura que desenvolveu um olhar sofisticado em relação ao belo, beneficiando-se da presença de culturas exógenas para fazer criar uma nova expressão, mais condizente com as transformações sociais a que estavam passando. Podemos dizer simplificaradamente, que os etruscos atualizaram sua arte para o tempo que viviam. Em vista disto, não podemos considerar, como já foi feito, que os etruscos foram colonizados pelos gregos, até mesmo, porque, como mencionado acima, a cidade grega mais setentrional em território italiano foi Cumas, nas proximidades da atual Nápoles, portanto fora de seu local de origem. Da parte dos gregos, estes tinham como fundamento clara distinção entre eles, os helenos e outros, os bárbaros. Desta forma, acreditamos não haver propósito de impor sua cultura aos etruscos, mas, sim, de comercializar seus produtos, que, como bem sabemos, traziam sua forte marca cultural. Ademais, é sabido dos diversos embates navais entre etruscos e gregos, e

da força naval etrusca, a chamada talassocracia tirrênica⁶, acontecidos por dezenas de anos nos seus mares, na disputa por rotas comerciais para ampliação de seus respectivos mercados, portanto, concorrentes. Em suma, podemos concluir que a arte etrusca da fase orientalizante espelhou de maneira sintética as transformações decorrentes em razão dos deslocamentos que aconteciam na Bacia do Mediterrâneo de então.

⁶ Ver Pallottino, 1975: 119.



BIBLIOGRAFIA GERAL

1. THALASSOCRACIA E NAUTOCRACIA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS CONECTIVIDADES MARÍTIMAS DE ATENIENSES E MINÓICOS

DOCUMENTOS

ESTRABÓN. *Gèographie*. Traducciones, Introducciones y notas de M^a Jispe Meana y Félix Peñero. Madrid: Editorial Greda S.A., 1992.

HERODOTO. *Historias*. Introducción, versión, notas y comentarios de Arturo Ramirez Trejo. Cida del México: Universidade Nacional Autónoma de México, 1984.

HOMERO. *A Ilíada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Editora Ediouro, 2001.

_____. *Odisseia*. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Editora Ediouro, 2000.

PSEUDO-XENOFONTE. (Velho Oligarca) *A Constituição dos Atenienses*. Tradução do Grego, Notas e Índices; Pedro Ribeiro Martins. Editor: Centro de Estudos Clássicos e Humanístico da Universidade de Coimbra, 2011.

THUCYDIDES. *History of the Peloponnesian War*. Translated by Rex Warner, with an Introduction and Notes by Moses I. Finley. New York: Penguin Group, 1972.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves. *O Poder Marítimo segundo a concepção de Sir Herbert William Richmond (1871-1946): uma análise comparada com Alfred Thayer Mahan*. Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão.

BACHHUBER, Christoph. *Aegean Interest on the Uluburun Ship*. JOURNAL OF ARCHAEOLOGY: THE JOURNAL OF THE ARCHAEOLOGICAL INSTITUTE OF AMERICA. Volume 110 • No. 3, July 2006. ARGÔLO, Paula Falcão. *Crianças de Atenas*:

o potencial de investigação dos contextos funerários clássicos. São Paulo: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, , Suplemento, 2011.

BÖLTING, Rudolf. Dicionário Greco-Português. Rio de Janeiro: MEC - Instituto Nacional do Livro, 153.

CORVISIER, Jean-Nicolas. Les Grecs et la mer. Paris. Les Belles Lettres, 2008.

DETIENNE, Marcel. Comparar o Incomparável. Tradução de Ivo Stomoiolo. SP: Editora Idéias e Letras, 2004.

GLOTZ, Gustav. História econômica da Grécia: desde o período homérico até a conquista romana. Tradução, notas e prefácio de Vitorino Magalhães Godinho. Lisboa – Portugal:Edições Cosmos, 1920.

GRIMAL, Pierre. Dicionário da Mitologia Grega e Romana. Trad. De Victor Jouboille (4ª Ed.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

KOWALSK. Jean- Marie. Navegation et Geographie dans l'Antiquité Greco-Romaine: La terre vue de Le mar. Paris: Picard, 2012.

LONIS, RAOUL. La cite dans le mond grec: structures, fonctionnement, contractions. Nancy: Editions Natan, 1994.

MOLINA, Luis. Solon and the evolution of the Athenian agrarian economy. New York: Pomoerium, 1998.

MOSSÉ, Claude. La colonization dans l'a Antiquité. PARIS: FAC, 1970. _____ As Instituições Gregas, Tradução de Antônio Imanuel Dias Diogo. Lisboa: Col. Lugar da História. Edições 70, 1985.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova. São Paulo: HUCITEC / EDUSP, 1978.

_____ Pensando o espaço do homem. São Paulo: Hucitec, 1982.

SAMARAS. Piracy in the Aegean during the Postpalatial Period and the Early Iron Age. In BABBI Andrea; BUBENHEIMER-ERHART,

Friederike; MARÍN-AGUILERA Beatriz; MÜHL Simone. The Mediterranean Mirror: Cultural Contacts in the Mediterranean Sea between 1200 and 750 B. C. Heidelberg: Verlag des RömischGermanischen Zentral museums, 2015.

SEALEY, Raphael. A History of the Greek City-States: 700-338 b.C. Berkley/Los Angeles/London: University of California press, 1976. SESTIER, Julie Marie. La Pireterie dans L' Antiquité. Paris: Librairie de A. Maresq. Ainé Editeur, 1880.

2. REDES DE CONECTIVIDADE ENTRE AS POLIS DE ATENAS E A REGIÃO DE MATRON DE PITANE

DOCUMENTOS

ARISTÓFANES. Aves. Trad. Maria de Fátima Sousa Silva. Lisboa: Edições 70, 1989.

ARISTOPHANE. Les Cavaliers – Les Nuées. Texte établi par Victor Coulon et traduit par Hilaire Van Daele. Cinquième Édition revue et corrigée. Paris: Les Belles Lettres, 1952.

ARISTÓTELES. Constituição dos atenienses. Introdução, tradução e notas de Delfim Ferreira Leão. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2003.

ATHENAEUS. The Learned Banqueters. Vol. III. Loeb Classical Library 224. Cambridge: Harvard University Press, 2008.

BERTRAND, J-M. Inscriptions historiques grecques. Paris: Les Belles Lettres, 1992.

CAMPOS, Haroldo de. Ilíada de Homero: vols. I e II.. 4.ed. São Paulo: Arx, 2003.

ESTRABÓN. Gèographie. Traducciones, Introducciones y notas de M^a Jispe Meana y Félix Peñero. Madrid: Editorial Greda S.A., 1992.

HERODOTE. Histoires. Trad. E. Legrand. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

HOMER. Homeri opera. Oxford: Oxford University Press, 1992, vols. I, II, III e IV.

HOMER. The Odyssey. Transl. A.T. Murray. Cambridge: Harvard University Press & London: William Heinemann LTD, 1976, vols. I e II.

HOMÈRE. Iliade. Trad. Paul Mazon. Paris: Les Belles Lettres, Tomo I (1987), Tomo II (1992), Tomo III (1994), Tomo IV (1982).

HOMÈRE. L'Odysée: Poésie Homérique. Trad. Victor Bérard. Paris: Les Belles Lettres, Tomos I, II, III, IV (1953).

HOMERO. Odisseia. Vols. I, II, III. Trad. Donaldo Schüler. São Paulo: L&PM, 2007.

LICURGO. Oração contra Leócrates. Tradução do grego, introdução e notas de J. A. Segurado e Campos Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.

PLATON. Oeuvres complètes. Tome VI: La République, livres I-III. Paris: Les Belles Lettres, 1932.

PLATON. Oeuvres complètes. Tome IV – 2e partie: Le Banquet. Paris: Les Belles Lettres, 1958.

PSEUDO-XENOFONTE. Constituição dos atenienses. Trad: do grego, introdução, notas e índices de Pedro Ribeiro Martins. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2013.

THUCYDIDES. History of the Peloponnesian War. Translated by Rex Warner, with an Introduction and Notes by Moses I. Finley. New York: Penguin Grup, 1972.

XÉNOPHON. Le Banquet – Apologie de Socrate. Trad: François Ollier. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

BIBLIOGRAFIA

AUSTIN, Michel; VIDAL-NAQUET, Pierre. Économies et Sociétés en Grèce ancienne. Paris: Armand Colin, 2007.

BASLEZ, Marie-Françoise. L'Impérialisme Grec aux Ve et IVe S. In.:PROST, Francis (Org.). Armées et Société de la Grèce Classique: aspects sociaux et politiques de la guerre aux Ve et Ve av J.-C. Paris: Editions Errance, 1999.

BABBI, Andrea; BUBENHEIMER, Friederike Erhart; AGUILERA, Beatriz Marín; MÜHL, Simone (eds). *The Mediterranean Mirror cultural contacts in the Mediterranean sea between 1200 and 750 b.C.* Heidelberg: Verlag des Römisch-Germanischen Zentralmuseums, 2015.

BERGSON, Henri. *O Riso: Ensaio Sobre a Significação da Comichade.* São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BEYE, Charles R. *Ancient Greek Literature and Society.* New York: Cornell University Press, 1993.

BRAUDEL, F. *La Méditerranée et le Monde Méditerranéen a l'époque de Philippe II.* Paris: Armand Colin, 1966.

BRAUDEL, Fernand. *Les Mémoires de la Méditerranée.* Paris: Editions de Fallois, 1998.

BRIAN, Pierre et LÉVÊQUE, Pierre (orgs). *Le monde grec aux temps classiques. Tome I – le Ve siècle.* Paris: Presses Universitaires de France, 1995.

BRUNET, M.; BERTRAND, J. *Les Athéniens,* Paris: Armand Colin, 1993.

CANDIDO, Maria R. *Atenas liderança unipolar no Mar Egeu (480-411 a.C.).* Rio de Janeiro: UERJ/NEA – Letras e Versos, 2016.

_____(org.). *Banquetes, Rituais e Poder no Mediterrâneo Antigo.* Rio de Janeiro: UERJ/NEA – D&G, 2014/2015.

CASSON, Lionel. *The Ancient Mariners: seafarers and sea fighters of the Mediterranean in Ancient times.* Second edition. Princeton and New Jersey: Princeton University Press, 1991.

CARDOSO, C.F.; VAINFAS, R. (orgs.). *Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia.* Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CASSIN, Barbara; LORAU, Nicole; PESCHANSKI, Catherine. *Gregos, bárbaros, estrangeiros – a cidade e seus outros.* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

CERTEAU, M. et al. A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHEVITARESE, André. L. O espaço rural da pólis grega: o caso ateniense no período Clássico. RJ: Fábrica de Livros SENAI-RJ, 2001.

CHIC GARCÍA, Genaro. El Comercio y el mediterráneo em la Antigüedad. Madrid: Editora Akal S.A., 2009.

CLERC, Michel. Les meteques atheniens. Paris: Thorin & Fils, Éditeuhs Libraires des École Françaises D'Athènes et de Rome, 1893.

CORVISIER, Jean Nicolas. Les Grecs e la mer. Paris. Les Belles Lettres, 2008.

CULLER, Jonathan. Teoria literária: uma introdução. Trad.: Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

DAVIES, J. K. Athenian propertied families 600-300 B.C., Oxford: Clarendon Press, 1971.

DETIENNE, Marcel. Comparar o incomparável. São Paulo: Idéias & Letras, 2004.

_____. Os gregos e nós: uma antropologia comparada da Grécia Antiga. São Paulo: Loyola, 2008.

_____. A identidade nacional, um enigma. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

EHRENBERG, Victor. From Solon to Socrates: greek history and civilization during to 6th and 5th centuries B.C. London and New York: Routledge Classics, 2011.

FINLEY, Moses I. Política no Mundo Antigo. Lisboa: Ed.70, 1997.

GARLAND, Robert. The Piraeus: from de fifth to the first century B.C. London: Duckworth, 1987.

GLOTZ, Gustav. História econômica da Grécia: desde o período homérico até a conquista romana. Tradução, notas e prefácio de Vitorino Magalhães Godinho. Lisboa – Portugal: Edições Cosmos, 1920.

- GRAS, Michel. O Mediterrâneo arcaico. Lisboa: Teorema, 1995.
- HALBWACHS, Maurice. La mémoire collective. Paris, PUF, 1968.
- HALL, Jonathan M., Ethnic Identity in Greek Antiquity. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- HAMMOND, N. G. L. A History of Greece to 322 B.C. Oxford: Clarendon, 1986.
- HANSEN, Mogens Herman and NIELSEN, Thomas Heine. An Inventory of Archaic and Classical Poleis: An Investigation Conducted by the Copenhagen Polis Centre for the Danish National Research Foundation. Oxford, New York: University Press, 2004.
- HORNBLOWER, Simon (edit). Greek Historiography. New York: Oxford University Press, 1996.
- ISER, Wolfgang. O ato da leitura: uma teoria do efeito estético. Vol.1. São Paulo: Editora 34, 1996.
- _____. O ato da leitura: uma teoria do efeito estético. Vol.2. São Paulo: Editora 34, 1999.
- JAEGER, Werner. Paidéia – a formação do homem grego. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- JAUSS, Hans Robert et alli. A literatura e o leitor: textos de estética da recepção. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. 2.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- KAGAN, Donald. A Guerra do Peloponeso: Novas perspectivas sobre o mais trágico confronto da Grécia Antiga. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- KRISTEVA, Julia. Introdução à Semanálise. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- LACERDA, S. Metamorfoses de Homero. Brasília: UnB, 2003.
- LESKY, Albin. História da Literatura Grega. Trad.: Manuel Losa. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1995.
- LÉVEQUE, Pierre. O mundo helenístico. Lisboa: Edições 70, 1987.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Cru e o cozido: mitológicas. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira. *Cultura Popular em Atenas no V Século a.C.* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

LORAU, Nicole. *Invenção de Atenas*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MALKIN, Irad. *Greek and Roman Networks in the Mediterranean*, 2009.

_____. *A Small Greek World: Networks in the Ancient Mediterranean*, 2012.

MOLINA, Luis. *Solon and the evolution of the Athenian agrarian economy*. New York:

Pomoerium, 1998.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *Philippe de Macédoine: Essai sur l'histoire grecque au quatrième siècle*. Combas: Editions de l'éclat, 1992.

_____. *La historiografía griega*. Barcelona: Editorial Crítica, 1984.

_____. *Os limites da helenização: a interação cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

MOSSÉ, Claude. *A Grécia Arcaica de Homero a Ésquilo*. Lisboa: Edições 70, 1989.

MURRAY, Oswyn; PRICE, S. R. F. *La cité grecque : d'Homère a Alexandre*. Paris: La Decouverte, 1992.

OBER, Josiah; HEDRICK, Charles (ed). *Demokratia: a conversation on democracies, ancient and modern*. New Jersey: Princeton University Press, 1996.

_____. *Mass and elite in democratic Athens: rhetoric, ideology, and the power of the people*. Princeton: Princeton University Press, 1989.

OLSON, S. Douglas; SENS, Alexander. *Matro of Pitane and the Tradition of Epic Parody in the Fourth Century BCE*. *American Classical Studies* 44. Atlanta: Scholars Press, 1999.

ORLANDI, Eni Pucinelli. Discurso e leitura. São Paulo: Cortez/Campinas/Edunicamp, 1988.

_____. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 4.ed. São Paulo: Pontes, 1996.

PANTEL, Pauline Schmitt; POLIGNAC, François de (orgs.). Athènes e le politique. Paris: Albin Michel, 2007.

3. ENTRE A MACEDÔNIA, A HÉLADE E O ORIENTE: OS VÍNCULOS DO BASILEUS HELENÍSTICO

DOCUMENTOS

ADLER, Ada (Ed.). Suidae lexicon: volumen I. Lipsiae: Cantabrigie, 1928.

DIODORO DA SICÍLIA. Biblioteca Histórica (XX). Tradução de Russel Geer e Francis Walton. London: Harvard University Press, 2006.

HERÓDOTO. História. Tradução de Mário da Gamakury. Brasília: UNB, 1985.

PLUTARCO. Lives, IX: Demetrius and Antony. Pyrrhus and Caius Marius. Tradução de Bernadotte Perrin. London: Harvard University Press, 1996.

SEAR, David. Greek coins and their values: volume II. London: Seaby, 1979.

BIBLIOGRAFIA

BELLINGER, Alfred R. Essays on the coinage of Alexander the Great. New York: The American Numismatic Society, 1963.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

BRIANT, Pierre. Antigone le Borgne: les débuts de sa carrière et les problèmes d l'assemblée macédonienne. Paris: Les Belles Lettres, 1973.

BROGAN, Thomas M. Liberation honors: Athenian monuments from Antigonid victories in their immediate and broader

contexts. In: PALAGIA, Olga; TRACY, Stephen V. (Orgs.). *The Macedonians in Athens: 322-229 B.C.* Oakville: Oxbow Books, 2003.

CÂNDIDO, Maria Regina. Demétrios de Falero: no limiar da política e da magia. *Phoînix*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 213-228, 2004.

CHANIOTIS, Angelos. *War in the Hellenistic World: a social and cultural history.* London: Blackwell Publishing, 2005.

DROYSEN, Johann Gustav. *G. Geschichte des Hellenismus.* Hamburg: Bei Friedrich Perthes, 1836.

HAMMOND, Nicholas G. L. *The Macedonian State: Origins, Institutions, and History.* Oxford: Claredon Press, 2001.

LANG, Mabel. *The Athenian citizen: democracy in the Athenian agora.* Athens: American School of Classical Studies at Athens, 2004.

MAIRS, Rachel. Hellenization. In BAGNALL, R., BRUDERSEN, K., CHAMPION, C., ERSKINE, A. HUEBNER, S. (orgs.) *The Encyclopedia of Ancient History.* Oxford: Oxford University Press, 2011.

MOSSÉ, Claude. *Alexandre, O grande.* São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

MORKHOLM, Otto. *Early Hellenistic coinage: from the accession of Alexander to the Peace of Apamea (336-188 BC).* London: Cambridge University Press, 1991.

THOMPSON, Margaret. The coinage of Philip II and Alexander III. In: BARR-SHARRAR, Beryl; BORZA, Eugene. *Macedonia and Greece in Late Classical and Early Hellenistic times.* Washington: National Gallery of Art, 1982.

THONEMANN, Peter. *The Hellenistic World: using coins as sources.* Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

WALBANK, F. W. Monarchies and monarchic ideas. In: WALBANK, F. W.; ASTIN, A. E.; OGILVIE, R. M. (Orgs.). *The Cambridge Ancient History: the Hellenistic World.* London: Cambridge University Press, 1984.

4. OS GREGOS E A CONECTIVIDADE MARÍTIMA COM A APOIKIA DE LÓCRIS EPIZEFIRI

DOCUMENTOS

ESTRABÃO. The Geography of Strabo. London: George Bell & Sons, 1903.

HERÓDOTO. Histórias. Volume I. Tradução A. D. Godley. Cambridge. Harvard University Press. 1920.

HESÍODO. Origem dos Deuses: Teogonia. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Editora M. Ohno-R. Kempf, 1981.

PLATÃO. O Banquete. 3ª Edição. Clássicos de bolso. Bauru, SP: EDIPRO, 2009.

Trono Ludovisi. Museo Nazionale Romano, no Palazzo Altemps, Coleção Boncompagni-Ludovisi – Roma, Itália.

BIBLIOGRAFIA

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 2012.

BARASH, Jeffrey Andrew. O lugar da lembrança. Reflexões sobre a teoria da memória coletiva em Paul Ricoeur. In: Revista Memória em Rede, Pelotas, v.2, n.6, Jan / Jun. 2012 – ISSN- 2177-4129

BORGES, João Carlos de Freitas, JUNIOR, Idelmar gomes Cavalcante. Território, identidade e memória: tramas conceituais para pensar a piauiensidade. X Simpósio de Produção Científica e Seminário de Iniciação Científica da UESPI. 01 a 03 de dezembro de 2010. Campus Poeta Torquato Neto. Teresina-PI.

BURKERT, Walter. La religione greca, II. Rito e santuario, Editoriale Jaka Book: 2003

BURKERT, Walter. Religião Grega na época clássica e arcaica. Lisboa: Editoria Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

CANDIDO, Maria Regina. Novas perspectivas sobre aplicação metodológica em História Antiga. In: A busca do antigo.

Claudia Beltrão da Rosa (org.) [et. al]. Rio de Janeiro:NAU, 2011.

COSTAMAGNA, Liliana; SABBIONE, Claudio. Una città in Magna Grecia Locris Epizefiri. Guida Archeologica. Reggio Calabria, ITALY: Laruffa Editore, 1990.

CURRIE, Bruno. Euthymos of Locri: a case study in heroization in the Classical period. In: Journal of Hellenic Studies 2002, volume 122.

DIASI, Carolina Kesser Barcellos. Colonização grega e contato cultural na Magna Grécia: o testemunho dos vasos lucânicos. Aedos: Revista do corpo discente do PPG-História da UFRGS, Rio Grande do Sul, Num. 5, vol. 2, Julho-Dezembro 2009.

DONNELAN, L. Conceptualizing early Greek colonization. In: L. Donnelan, V. Nizzo e Burgers, G.-J. Conceptualizing early Greek colonization Roma, Inst. Histórico Belga de Roma, 2016.

GRAS, M. Avant les réseaux. Les stratigraphies conceptuelles de La Méditerranée archaïque. In: L. Capdetry e J. Zurbach. Mobilités Grecques. Mouvements, réseaux, contacts en Méditerranée, de l'époque archaïque à l'époque hellénistique. Paris, Ausonius, 2006.

GRECO, E.; Magna Grecia: Guide archeologica Laterza

HALL, J. Quanto c'è di 'greco' nella 'colonizzazione greca'? In: L. Donnelan, V. Nizzo e Burgers, G.-J. Roma, Inst. Histórico Belga de Roma, 2016.

HAWES, Harriet,. A Gift of Themistocles: The "Ludovisi Throne" and the Boston Relief. In: American Journal of Archaeology. Vol. 26, Nº 3 (jul-sep, 1922). pp.278-306.

JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LAKY, Lilian de Angelo. Olímpia e os olímpieia: a origem e difusão do culto de Zeus Olímpio na Grécia dos séculos VI e V a.C. Universidade de São Paulo. Museu de Arqueologia e Etnologia. Programa de pós-graduação em arqueologia. São Paulo: 2011.

LARSON, Jennifer. *Ancient Greek Cults: A Guide*. Nova Iorque: Routledge, 2007.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. SP: Editora da Unicamp, 2013.

LEE, Mireille M. *Body, dress, and identity in ancient Greece*. USA: Cambridge University Press, 2015.

MALKIN, I. Greek colonization: the right to return. In: L. Donnelan, V. Nizzo e Burgers, G.-J. *Conceptualizing early Greek colonization*. Roma, Inst. Histórico Belga de Roma, 2016.

MARCONI, Clemente. Two New Aulos Fragments from Selinunte: Cult, Music and Spectacle in the Main Urban Sanctuary of a Greek Colony in the West. In: *Musica, culti e riti nell'Occidente greco*, ed. A. Bellia. Pisa and Rome: Fabrizio Serra (Studia Erudita 18)

MELANDER, Torben. The import of attic pottery to Locri Epizephyrii. A case of reinterpretation. In: *Pots for the living, pots for the dead*. Museum Tusculanum Press. University of Copenhagen: 2002; MIRTÌ, Piero; GULMINI, Monica; PERARDI, Alessandra; DAVIT, Patrizia; ELIA, Diego. Technology of production of red figure pottery from Attic and southern Italian workshops. In: *Analytical and Bioanalytical Chemistry*. Dipartimento di Scienze Archeologiche, Antropologiche e Storico-territoriali, Università di Torino. Italy: 2004.

MONEDERO, Adolfo J. Domínguez. La Organización Simbólica Del Espacio En El Mundo Griego: El Caso Locrio. In: *Topos-Chôra L'espai a Grècia I: perspectives interdisciplinàries. Homenatge a Jean-Pierre Vernant i Pierre Vidal-Naquet*. Tarragona, 2010: Universidad Autónoma De Madrid. Institut d'Estudis Catalans. Institut Català d'Arqueologia Clàssica: 2010.

_____. Los griegos de occidente y sus diferentes modos de contacto con las poblaciones indígenas. El momento de fundación de la colonia. In: *Revista CuPAUAM*, Volume 18. MADRID, 1991: Universidad Autónoma de Madrid. Departamento de Prehistoria y Arqueología.

5. HÉRACLES E A APOIKIA DE RHAECELUS: O TIRANO PISISTRATO COMO OIKISTES

Aloni, A. "L' intelligenza de Ipparco. Osservazioni sulla política dei Pisistratidi". *Quaderni di Storia* 19, 109-48.

Boardman, J. Herakles, Peisistratos and sons. *Revue Archéologique*, 1:57, 1972, 72.

Boardman, J.. Herakles, Peisistratos and Eleusis. *JHS*, 1975, 95: 1-12.

Candido, M. R. A presença do agon na narrativa mítica de Medeia de Eurípedes, *LIMES, Revista de Estudios Classicos*, CECGGA/UMCE, 2016.

Cavalier, K. Did not potters portray Peisistratos posthumously as Heracles?, *ElAnt.*, v.2., n. 5, march 1995.

Cook, R.M. "Pots and Pisistratan Propaganda", *JHS* 107, 1987.

Connor, W. R. "Tribes, Festivals and Processions; civic cérémonial and political manipulation in archaic Greece", *JHS*, 107, 1987, pp. 40-50

Ferrari, G. Heracles, Pisistratus and the Panathenaia. *Metis*, Année, 1994, vol. 4, n. 1., 219-226.

Finley, M. I. O legado da Grecia. UNB, 1998.

Dillon & Garland. *Ancient Greece: Social and Historical Documents from Archaic Times to the Death of Alexander*. Routledge, Taylor & Francis, 2010.

Dover, K. et ali. *A historical commentary on Thucydides*, vol. 4. Oxford, 1970.

Duarte, J. Heracles, o herói civilizador. (www.janduarte.com.br)

Guia, M. V. Los Teseidas y la colonización de Sigeo y el Quersoneso tracio. *Stud. Hist. H. Antiga*, 27, 2009, 57-72.

Harnecker, J. *Oltos*. Lang, 1992.

Hirata, E. O espaço do herói e do tirano nas colonias gregas. LABECA, 2008 (tese de livre docência)

Jacqmin, Cl. "Woman between the tyrant the polis", CHS, 2010, 1-23.

Lavelle, B. M. The Sorrow and the Pity. A prolegomenon to a history of Athens under the Peisistratids c.560-510 BC, *Historia Einzelschriften* 80, Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1993.

Lavelle, B. M. Fame, Money and Power. The rise of Peisistratus and "Democratic" tyranny at Athens. Ann Arbor, UMPress, 2005.

Moreno, A. Feeding the Democracy. Oxford, OUPress, 2007.

Moon, W. "The Priam Painter: Some Iconographic and Stylistic Considerations", *Ancient Greek Art and Iconography*, Warren Moon, ed., Madison, 1983, 97-118.

Mosse, Cl. La tyrannie dans la Grece antique, Paris, PUF, 1969.

Ober, J. "Wealth Hellas". *JEA* vol.8, n.1. June 2011.

Osborne, R. "The Myth of Propaganda", *Hephaistos*, 5-6, 1983-84, pp. 65-70.

Placido, D. Tucídides, sobre a tirania. *Anejos de Gerion* II, educ, Madrid, 1989, 155-164.

Sealey, R. Regionalism in archaic Athens, *História* 9, 1960, 155-180.

Sear, M. A. Athens, Thrace and the shaping of Athenian Leadership. Cambridge, CUPress, 2013.

Scafuro, M. La cerâmica a figure rosse dai contesti dell'agora di Atene, U. Salerno, 2011.

Shapiro, H. A. Hippokrates, son of Anaxileos, *Hesperia*, vol. 49, n. 3., 1980.

Smith, H. R. W. New Aspects of the Menon Painter, *CPCA* I, i, Berkeley 1929.

Tamm, J. A. Heracles in Attic vase-painting of the Peisistratean period. Ontario University, 1995.

Vaquero, C. F. Delfos y Delos em la tirania arcaica ateniense y samia. *POLIS* 4, 1992, 79-91.

Webster, T.B.L., *Potter and Patron in Classical Athens*, London, 1972.

6. CAESAREA STRATONIS: UMA ANÁLISE PRELIMINAR DA PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA SOBRE REDE DE CONECTIVIDADE EM CESAREIA MARÍTIMA

DOCUMENTOS

JOSEPHUS, Flavius. *Jewish Antiquies*. Cambridge: Harvard University Press, 1954 (Loeb Classical Library, book 14).

_____. *The Jewish War*. Cambridge: Harvard University Press, 1997 (Loeb Classical Library, book 1).

BIBLIOGRAFIA

ALFÖDY, Géza. *A história social de Roma*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

ANDERSON, James D. The impact of Rome on the periphery: the case of Palestina – roman period (63 BCE - 324 CE) in: LEVY, Thomas Evan. *The Archaeology of Society in the Holy Land: new approaches in anthropological archaeology*. London: Continuum, 2003.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 2007.

_____. *O sentido dos outros: atualidade da antropologia*. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *Por uma antropologia dos mundos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

COHEN, Shaye J. D. *Josephus in Galilee and Rome: his vita and development as a historian*. Boston: Brill Academic Publishers, 2002.

COLLINS, John J. *Between Athens and Jerusalem: jewish identity in the hellenistic diaspora*. Cambridge: Wni. B. Eerdmans Publishing Co., 2000.

_____ e GREGORY, E. Sterling (ed.). *Hellenism in the Land of Israel*. Indiana: University of Notre Dame Press, 2000.

COULANGES, Fustel de. *A cidade antiga*. São Paulo: Martin Claret, 2009.

DEGAN, Alex. *A identidade incômoda: um estudo das identidades étnicas no Bellum Judaicum de Flávio Josefo*. São Paulo/Limeira: USP, 2006.

DIREN, Lucinda. *The imperial cult in the cities of the Decapolis, Caesarea Maritima and Palmyra: a note on the development of imperial cults in the Roman Near East*. ARAM, n. 23, p. 141-156, 2011.

DOBROUKA, Vicente. *Historiografia helenística em roupagem judaica: Flávio Josefo, história e teologia* in: JOLY, Fábio (org.). *História e retórica. Ensaio sobre historiografia antiga*. São Paulo: Alameda / FAPESP, 2007.

EINSENSTADT, Shaul Noah. *The Political Systems of Empires*. Nova Jersey: Transaction Publishers, 1969.

EDWARDS, Douglas R.; MCCOLLOUGH, C. Thomas. *Archaeology and the Galilee: Texts and Contexts in the Graeco-Roman and Byzantine Periods*. Atlanta, Ga., 1997.

FREY, Jörg; SCHWARTZ, Daniel R.; GRIPENTROG, Stephanie. *Jewish identity in the greco-roman world*. Boston: Brill, 2007.

FRITSCH, Charles T. *The joint expedition to Caesarea Maritima*. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research: Supplemental studies*, v. 1, n. 19, 1975.

FUNARI, Pedro Paulo A. SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (org.). *Política e identidades no mundo antigo*. São Paulo: Annablume: Fapesp 2009.

_____; FOGOLARI, Everson Paulo. *Estudos de arqueologia histórica*. Rio Grande do Sul: Erechim, 2005.

GOODMAN, Martin. Jews in a graeco-roman world. Oxford: Oxford University Press, 2004.

_____. Rome and Jerusalem: the clash of ancient civilizations. New York: Vintage Books, 2008.

GRIMAL, Pierre. A civilização romana. Lisboa: Edições 70, 1988.

HADAS-LEBEL, Meirelle. Weapons of the Weak. Everyday Forms of Peasant Resistance. Haven/ London: Yale University Press, 1990.

_____. Flávio Josefo: o judeu de Roma. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

HADRILL, Andrew Wallace (ed.). Patronage in Ancient Society. London: Routledge, 1988.

HENGEL, Martin. Judaism and Hellenism: studies in their encounter in Palestine during the early Hellenistic period. London: SCM Press, 1981.

HOLUM, K. G.; RABAN, A.; PATRICH, J. Caesarea papers 2: Herod's temple, the provincial governor's praetorium, and granaries, the later harbor, a gold coin hoard, and other studies. Portsmouth, Rhode Island: Journal of Roman Archaeology, 1999.

HORSLEY, Richard. Arqueologia, história e sociedade na Galileia: o contexto social de Jesus e dos rabis. São Paulo: Paulus, 2000.

_____.; HANSON, John S. Bandidos, profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus. São Paulo: Paulus, 1995.

JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. Lisboa: Ed. 70, 2007.

KESSLER, Reiner. História social do antigo Israel. São Paulo: Edições Paulinas, 2009.

KIPPENBERG, Hans. Religião e formação de classes na antiga Judéia. São Paulo: Edições Paulinas, 1988.

KOVELMAN, Arkady. Between Alexandria e Jerusalem: the dynamic of jewish and hellenistic culture. London: Brill, 2005.

LAQUEUR, Richard. The jewish historian Flavius Josephus: a biographical investigation based on new critical sources. Toronto: York University, 2005.

LEVY, Thomas Evan. The Archaeology of Society in the Holy Land: New approaches in anthropological archaeology. London: Continuum, 2003.

MASON, Steve. Josephus and New Testament. Massachussets: Hendrickson Publishers, 1993.

MORDECHAI, Aviam. Jews, Pagans and Christians in the Galilee: 25 Years of

Archaeological Excavations and Surveys: Hellenistic to Byzantine Periods. Rochester: N.Y., 2004.

MEYERS, Eric M. Galilee Through the Centuries: Confluence of Cultures. Winona

Lake, IN: Eisenbrauns, 1999.

ORLANDI, Eni. Análise do discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Fontes, 2003.

OTZEN, Benedikt. O judaísmo na antiguidade. São Paulo: Edições Paulinas, 2003.

PATRICH, Joseph. Studies in the archeology and history of Caesarea Maritima: caput judaeae, metropolis palaestinae. Boston: Brill, 2011.

_____ Archaeological excavations at Caesarea Maritima areas CC, KK and NN: final reports, volume 1 – the objects. Oxford: Israel Exploration Society, 2008.

RABAN, Avner; HOLUM, Kenneth G. Caesarea Maritima: a retrospective after two millennia. Boston: Brill, 1996.

RAJAK, Tessa. The Jewish dialogue with Greece and Rome: studies in cultural and The evidence of social interaction. Koln: Brill, 2000.

RÉMOND, René. Por uma história política. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

ROCHA, Ivan Esperança. A vida cotidiana na Palestina do século I na visão de Flávio Josefo. São Paulo: Annalube, 2014.

RODGERS, Zuleika. Making history: Josephus and historical method. Boston: Brill, 2007.

ROLLER, Duanne W. The Building Program of Herod the Great. London: University of California Press, 1998.

ROSANVALLON, Pierre. Por uma história do político. São Paulo: Alameda, 2010.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço e Religião: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.

_____; CORRÊA, Roberto Lobato. Economia, cultura e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

_____; CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço e cultura: pluralidade temática. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

_____; CORRÊA, Roberto Lobato. Introdução à geografia cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

ROULAND, Norbert. Roma democracia impossível? Os agentes de poder na urbe romana. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

SAID, Edward W. Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAND, SHLOMO. The invention of the jewish people. New York: Maple Vail, 2009.

STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. História social do protocristianismo. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

VERMES, Geza. The true Herod. New York: Bloomsbury T&T Clark, 2014.

7. ATENAS E A CONECTIVIDADE MARÍTIMA ENTRE O MEDITERRÂNEO ANTIGO E O MAR NEGRO

DOCUMENTOS

ARISTOTLE. *Constitution d'Athènes*. Trad. G. Mathie. Paris: Les Belles Lettres, 1996.

_____. *Politics*. Trad. H. Rackham. Cambridge: The Loeb Classical Library, 1990. Ed. bilíngue.

EURIPIDES. *Medeia*. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: HUCITEC, 1991. Ed. Bilíngue grego-portugues.

HERODOTUS. *History*. Trad. A. D. Godley. London: Willian Heinemann, vol.1 (1990), vol. 2 (1995), vol. 3 (1994), vol. 4 (1981) – Ed. bilíngue.

PAUSANIAS. *Description of Greece. Books I and II*. Trad. W. H. S. Jones. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

PLUTARCH. *Biography*. Bernadotte Perrin. Harvard University Press, 1989.

PSEUDO-SKYLAX'S *PERIPLUS*: *The Circunavegation of the Inhabited World*. Trad. Shipley Grahon. Exeter: Bristol Phoenix, 2011.

STRABON. *Geographie. Tomes VI*. Trad. Raoul Baladié. Paris: Les Belles Lettres, 1978.

THUCYDIDES. *History of The Peloponnesian War*. London: William Heinema. Vol. 1 (1991); vol. 2 (1998); vol. 3 (1992); vol. 4 (1976). Ed. bilíngue.

VELHO OLIGARCA. *A Constituição dos Atenienses*. Trad. Neyde Theml e André Chevitarese. Vitória: EDUFES, 2002.

BIBLIOGRAFIA

AGUIRRE, Victor H.M.(eds) *Mujeres em Grecia y Roma y su Transcendencia: diosas, heroínas y esposas*. Mexico: Universidad National Autonoma de Mexico, 2015

BERARD, Claude et alii. *A City of Image: iconography and society in ancient Greece*. Princeton: Princeton University Press, 1989.

BOTHMER, Dietrich von. *Painted Greek Vases*. The Metropolitan Museum of Art Bulletin, vol. 21, 1962. www.jstor.org/stable/3258463 acesso em 23/11/2013.

BURSTEIN, Stanley M. *The Greek Cities of the Black Sea*. in: *A Companion to the Classical Greek World*. Oxford: Blackwell, 2006, p.137-152.

CANDIDO, M^a Regina. *A Feitiçaria na Atenas Clássica*. Rio de Janeiro: Letra Capital/FAPERJ, 2004.

CANDIDO, M^a Regina. *Atenas, liderança unipolar no Mar Egeu (480-411^a.C)*. Rio de Janeiro: Letras e Versos/ NEA-UERJ, 2016.

CANDIDO, M^a Regina. *Medeia, Mito e Magia: A imagem através do tempo*. 2^aed. Rio de Janeiro: Fabrica de Livros/NEA/UERJ, 2010.

CANDIDO, M^a Regina. *Novas Perspectivas sobre aplicação metodológica em História Antiga*. IN: *Busca do Antigo*. ROSA, Claudia Beltrão (eds). Rio de Janeiro: NAU, 2010, pp.13-23.

CARPENTER, Thomas H. T. *Art and Myth in Ancient Greece*. London: Thames and Hudson, 1985.

CKONIA, A.M. *A propos de l'exportation de l'or colchidien. Pont-Euxin et Polis? Polis hellenis et Polis Barbaron*. Comtoises: Presses Université Franche-Comtoises, 2005, p.263-272.

COHEN, Beth. *Not the Classical Ideal: Athens and Construction of the Other in Greek Art*. Leiden: Brill, 2000.

CSAPO, Eric et alii. *The Origins of Theater in Ancient Greece and Beyond: from Ritual to Drama*. New York: Cambridge University Press, 2007.

DANA, Madalina. "Le Centre et la peripherie en question: deux concepts a revoir pour les diasporas", *Pallas*, 89, 2012 mpp.57-76.

DIGGLE, James. On the Manuscripts and text of Eurípides: Medea. In: Classical Quarterly 33, p.339-357, Oxford: Oxford University Press, 1983.

DOUMAS, C. What Did the Argonauts seek in Colchis? *Hermathena* n° 150. Dublin: Trinity College Dublin, 1991.

EASTERLING, P.E. Greek Tragedy. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FIGUEIRA, Thomas. Colonization in the Classical Period. *Mnemosyne*, Vol. II, Supplement 193, Leiden: Brill, 2008, pp.427-522.

FAUDOT, M. (eds) *Pont-Euxin et Polis? Polis hellenis et Polis Barbaron*. Comtoises: Presses Université Franche-Comtoises, 2005.

FINLEY, Moses. I. A Economia Antiga. Porto: Afrontamento, 1986.

FRANCIS, E. D. Image and Idea in Fifth century Greece: Art and Literature after the Persian wars. London: Routledge, 1990.

GABRIELSEN, Vicent. The Black Sea in Antiquity. Oakville: Aarhus University Press, 2007.

GILL, David W. J. Positivism, pots and long-distance trade. In: MORRIS, Ian (ed). *Classical Greece: Ancient Histories and Modern Archaeologies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, pp.99-107.

GRIFFITHS, Emma. *Medea*. New York: Routledge, 2006.

HANSEN, Morgens Herman. Emporium: a study of the use and meaning of the term in the archaic and classical periods. In: *Greek colonization: an account of Greek colonies and other settlements overseas*. Leiden: Brill, 2006, p.1-39.

HART, Mary Louise. *The Art of Ancient Greek Theater*. Los Angeles: Paul Getty Museum, 2010.

HOPMAN, Marianne. Revenge and Mythopoiesis in Euripides' *Medea*. In: *Transactions of the American Philological Association*, 138 (2008) p.155-183.

JOHNSTON,Sarah Iles. Medeia: essay on Medea in myth, literature, philosophy and art. Princeton: Princeton University Press, 1997.

KAKHIDZE, A., IASHVILI. I., Vickers, M. "Silver coins of Black Sea coastal cities from the fifth century BC necropolis at Pichvnari" Numismatic Chronicle 161, 2001, pp.282-288

KVIRKVELIA, Guram.Polis Barbaron in the Black Sea area in archaic and classical periods. Pont-Euxin et Polis?Polis hellenis et Polis Barbaron.Comtoises: Presses Université Franche-Comtoises,2005, p.33-40.

LUSCHMIG,C.A.E. Granddaughter of Sun:A study of Euripides'Medea. Leiden:Brill, 2007.

MCDERMONTT, Emily A. Euripides'Medea:The Incarnation of Disorder. Pennylyvania: The Pennsylvania State University Press,1989.

MEHL,Andreas (eds) Ruthenia Classica Aetatis Novae: A Collections of Words by Russian Scholars in Ancient Greek and Roman History. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2013.

NOOMAN,Thomas S. The Grain Trade of the Northern Black Sea in Antiquity. The American Journal of Philosophy.vol.94, nº 03, 1993, pp. 231-242.<http://www.jstor.org>. acessado em 10/02/2016.

NORA P. "História e Memória. Projeto História". Revista de Programa de Estudos Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo: PUCSP, 1981, p. 7-28.

PEBARTHE,Christophe. Emigres d'Athenes, Clerouques et Colons aux temps de la Domination Athenienne sur L'Egeu au V siecles a.C. in: Le Monde de L'Ifinerance en Mediterranée de L'Antiquitw a L' Epoque Moderne. Paris:DE Boccard, 2009, pp.367-390.

ROBERTSON, Martin. The Art of vase-painting in Classical Athens. Cambridge: Cambridge University Press,2000.

- SARTI, Susanna. Griechische und Römische Kunst. Florence: SCALA Group, 2010.
- SECHAN, L., Etudes sur la Tragedie Grecque dans ses rapports avec la ceramique, Paris: Champion, 1926.
- TAPLIN, Oliver. Pots & Plays: interations between Tragedy and Greek Vase-painting of the four century BC. Los Angeles: Paul Getty Museum. 2005.
- TROFINOVA, Anna et J. Paul Getty Museum. Greek on the Black Sea: Ancient Art from the Hermitage. Los Angeles: Getty Publications, 2007.
- TSETSKHLDZE, Gocha. Pichvnari and its environs. Paris: Universitaires Franc-Camtoise, 1999.
- TSETSKHLDZE, Gocha. Greek Penetration of the Black Sea. in: The Archaeology of Greek Colonization. Oxford: Oxford University Press, 2004, p. 111-131.
- VICKERS, M., Kakhidze, A. 2001: 'The British-Georgian excavation at Pichvnari 1998: the 'Greek' and 'Colchian' cemeteries' Anatolian Studies 51: 65-90
- VICKERS, M., Kakhidze, A. 2004: Pichvnari 1: Greeks and Colchians on the East Coast of the Black Sea: Results of Excavations Conducted by the Joint British-Georgian Expedition 1998-2002. Batumi.
- VLASSOPOULOS, Kostas. Greeks and Barbarians. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- WALTERS, H.B. Corpus Vasorum Antiquorum. London: British Museum, 1927
- WEBSTER, T.B.L. et ali. Illustrations of Greek Drama. London: Phaidon Press, 1971.
- WILES, David. Tragedy in Athens, performance space and Theatrical meaning. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- WILLIAMS, Dyfri. Greek Vases. London: The British Museum Press, 1999.

8. FASE ORIENTALIZANTE NA ETRÚRIA: TRANSFORMAÇÕES NA CULTURA E ARTE

ARRUDA, José Jobson de Almeida. História antiga e medieval. São Paulo: Editora Ática, 1996.

BANDINELLI, Ranuccio Bianchi. L'arte etrusca. Parte prima: Storia i problemi dell'arte etrusca- Arte Etrusca. Milão: Edizioni Ghibli, 2013.

_____; GIULIANO, Antonio. Les étrusques et l'Italie avant Rome. Paris: Gallimard, 2008.

BAYET, Jean. Idéologie et plastique- Hercule funéraire. Roma: Collection de L'École Française de Rome, Palais Farnèse, 1974.

BEAZLEY, John Davidson. CVA- Corpus Vasorum Antiquorum. Disponível em: <http://www.cvaonline.org/cva/>

BONAUDO, Raffaella. La culla di Hermes, iconografia e immaginario delle hydriai ceretane. Roma: L'Erma di Bretschneider, 2004.

CALLIPOLITIS, V. Les hydres de Caeré. Essai de Classification. L'Antiquité Classique, T. 24, Fasc. 2 (1955), pp. 384-411
Published by: L'Antiquité Classique
<http://www.jstor.org/stable/41644392>

CAMPOREALE, Giovannagelo (a). Gli etruschi. Milão: UTET Libreria, 2011.

_____. (b). Il territorio dell'Etruria interna lungo le valli del Tevere e dell'Arno: economia e cultura. In: BRUSCHETTI, P; GAULTIER, F; GIULIERINI, P; HAUMESSER, L. Gli etruschi dall'Arno al Tevere. Le collezioni del Louvre a Cortona. Cortona: Skira, 2011.

CRISTOFANI, Mauro. L'arte degli etruschi, produzione e consumo. Turim: Giulio Einaudi, 1978.

DONNELLAN, Lieve, NIZZO, Valentino. Conceptualising early Greek colonisation: introduction to the volume. In:

DONNELLAN, L; NIZZO, V; BURGERS, G. Conceptualising early colonization. Roma: Instituto Histórico Belga de Roma, 2016.

FLACELIÈRE, Robert. La vie quotidienne em Grèce au siècle de Péricles. Paris : Hachette, 1959.

GIORDANI, Mario Curtis. História da Grécia: Antiguidade Clássica I. Petrópolis: Vozes, 1984.

HEURGON, Jacques. The daily life of the etruscans. Londres: Phoenix Press, 2002.

PALLOTINO, Massimo. Etruscologia. Milão: Editore Ulrico Hoepli, 1975.

_____. Civiltà Aristica Etrusco- Italica. Florença: Sansoni Editore Nuova SpA, 1985.

_____. The etruscans. Middlesex: Penguin Books, 1978.

PLAOUTINE, Nicolas. La représentation de Thersite par le peintre des hydries dites de Caerés et les sources littéraires qui ont inspiré cet artist. IN: Revue des Études Grecques, tomo 55, fascículo 261-261, julho- dezembro 1942, p. 161-189. http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/reg_00352039_1942_num_55_261_2955.

PRAYON, Friedhelm. Gli etruschi. Bolonha: Società Editrice il Mulino, 2ª edição, 2015.

TORELLI, Mario. Storia degli etruschi. Roma: Editori Laterza, 2001.



AUTORES

1. Alair Figueiredo Duarte

Doutor em História Comparada (2017), pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em História Comparada (2011), UFRJ e Graduado em Filosofia (2008), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Tem experiência na área de História Antiga, com ênfase em Guerra e Teatro Grego. Possui estágio de pesquisa supervisionado pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra (2014) e pela École Française D Athenes (2015). Dentre suas atividades acadêmicas é pesquisador do Núcleo de estudos da Antiguidade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (NEA/UERJ); pesquisador no Núcleo de Estudos da História Medieval Antiga e Arqueologia Transdisciplinar da Universidade Federal Fluminense (NEHMMAT/UFF); Pesquisador do Laboratório de Simulações e Cenários da Escola de Guerra Naval da Marinha do Brasil (LSC-EGN/MB). Atua como professor nos Cursos de Especialização em História Antiga e Medieval da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CEHAM/UERJ) e, Curso de Especialização em Patrimônio Educação e Cidadania (CEPEC-CMCN/NEA-UERJ).

2. Alessandra André

Mestrado em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (2009), graduação em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (2005) e graduação em Bacharelado em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (2005). Foi professora, e coordenadora, do curso de História da Faculdade Saberes entre os anos de 2010 e 2013. Atualmente, é aluna do doutorado do programa de pós-graduação de História da Universidade Federal do Espírito Santo, e aluna bolsista da FAPES. Principais áreas de atuação:

história antiga/ Grécia políade; desestruturação da pólis; Macedônia; período helenístico.

3. Alessandra Serra Viegas

Doutora em Teologia pela PUC-Rio. Doutoranda em História Comparada pelo PPGHC-UFRJ. Mestre em História Comparada pelo PPGHC-UFRJ. Mestre em Teologia pela PUC-Rio, na área de Teologia Bíblica. Possui graduação em Letras - Português/Grego - pela UERJ e bacharelado em Teologia pela PUC-Rio. Atualmente é professora-coordenadora de Sala de Leitura e Biblioteca do Colégio Estadual José Leite Lopes - NAVE (Núcleo Avançado em Educação) - SEEDUC, e professora do Seminário Metodista César Dacorso Filho, lecionando Grego Koiné, Literatura e Teologia, Teologia Feminina (Teologia na perspectiva da mulher), Leitura e Produção Textual, Métodos de Estudo Universitário e Orientação de TCC. É pesquisadora colaboradora do NEA-UERJ (Núcleo de Estudos da Antiguidade). Participa do grupo de pesquisa TIAT (Tradução e Interpretação do Antigo Testamento). É membro efetivo de Letras do Núcleo Acadêmico de Letras e Artes e Lisboa (N.A.L.A.L.), e da Academia de Letras e Artes de Paranaquã (ALAP), titular da cadeira n. 24, patronímica de Adolfo Caminha. É membro-embaixador da Divine Académie Française des Arts, Lettres et Culture.

4. Andrea Magalhães da Silva Leal

Mestranda bolsista CAPES em História Política e Cultura na UERJ; pesquisadora do Núcleo de Estudos da Antiguidade (UERJ); especialista em História Antiga e Medieval pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (2013); licenciada em História pela Universidade Veiga de Almeida (2009); especialista em Docência no Ensino Superior pela Universidade Cândido Mendes (2006); bacharel em Comunicação Social pela Unesa (2005). Tem experiência nas

áreas de História, com ênfase em História Antiga e Medieval, atuando principalmente nos seguintes temas: colonização grega, dinâmica ritual e hibridismo cultural.

5. José Roberto de Paiva Gomes

Doutorado em 2015 pelo PPGHC/UFRJ e o Mestrado (2004) pelo PPGH/UFRJ e. Pesquisador colaborador do NEA/UERJ. Co-editor do Jornal Philia, Fórum de Debates, Nearco e Enea com a Prof^a. Dr^a. Maria Regina Candido (NEA/PPGH E PPGHC/UFRJ). Em seu Currículo Lattes os termos mais frequentes na contextualização da produção científica, tecnológica e artístico-cultural são: Grécia Antiga, História das Mulheres, literatura grega (Homero, Hesiodo, Anacreonte e Alceu e Safo de Lesbos), atividade ritual, Antropologia Cultural, Cultura Material e Numismática greco-romana. Possui estágio de pesquisa supervisionado pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra (2012) e pela École Française D'Athènes (2012). Atua como professor nos Cursos de Especialização em História Antiga e Medieval da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CEHAM/UERJ) e Curso de Especialização em Patrimônio Educação e Cidadania (CEPEC-CMCN/NEA-UERJ).

6. Junio Cesar Rodrigues Lima

Pesquisador do Núcleo de Estudos da Antiguidade - UERJ e faz parte da linha de pesquisa CNPq; Discurso, Narrativa e Representação; Integra também o grupo de pesquisadores do Núcleo de Estudos em História Medieval, Antiga e Arqueologia Transdisciplinar da UFF - NEHMAAT, fazendo parte da linha de pesquisa CNPq; Cultura, Economia, Sociedade e Relações de Poder na Antiguidade e na Idade Média; e, ainda; Usos do Passado no Mundo Moderno e Contemporâneo. É professor da SEEDUC/RJ, lecionando no Colégio Estadual Francisco Assumpção. Foi docente da disciplina Metodologia da Pesquisa no Curso de Formação de

Oficiais da Academia de Polícia Militar D. João VI. É professor de Estudos Romanos do Curso de Especialização em História Antiga e Medieval da UERJ (CEHAM) e foi docente colaborador no Curso de Especialização em Patrimônio, Educação e Cidadania (CEPEC – Cruzeiro -SP / UERJ); é mestre e doutorando em História Política, com a linha de pesquisa Política e Cultura, pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Possui graduação em teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano do Rio de Janeiro (1997), no qual atua como professor de História do Pensamento Cristão, Metodologia Científica, Educação Cristã e Prática do Ensino; possui Licenciatura Plena em História pelo Centro Universitário Augusto Motta (2009). Já atuou como professor de Teologia Sistemática e Hermenêutica em 2001/2002. Tem experiência na área de Teologia, Religião, História e na aplicação de conceitos da Antropologia Histórica, Psicologia Social, Sociologia, Teoria Literária, Cultura Material, Geografia Cultural e Linguística com ênfase nas sociedades antigas judaica e romana e em Teoria e Metodologia aplicada a construção do conhecimento em História, principalmente nos seguintes temas: mitologia, análise de discursos, relações socioculturais, práticas sociais, políticas, religiosas.

7. Maria Regina Candido

Possui como formação Doutorado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001) com estágio na EFA: Escola Francesa de Atenas/Grécia, Mestrado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1995), Graduação em História/UFRJ e Comunicação Social e Jornalismo na Faculdade Estácio de Sá. Atualmente é Professor Associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ, coordenadora do Núcleo de Estudos da Antiguidade/NEA/UERJ (P.710/SR-3) e coordenadora do Curso de Especialização de História Antiga e Medieval/CEHAM da

UERJ (Lato Sensu). Atua como avaliadora do INEP/MEC na área de comunicação Social e História. Participa do programa de Pós-Graduação da História/PPGH da UERJ e da Pós-Graduação de História Comparada/PPGHC/UFRJ. Tem experiência na área de História, Filosofia, Antropologia e Arqueologia com ênfase em sociedades antigas grega e romana. Interage com a área de Teoria e Metodologia na construção do conhecimento em História aplicados principalmente nos temas sobre: rituais, práticas mágicas, análise de discursos, práticas sociais, política e na recepção dos estudos clássicos. Atua na orientação de alunos de Graduação, da Especialização e da Pós-Graduação em História Antiga, participa ativamente de congresso Nacionais e Internacionais relacionado as Ciências Humanas e, detêm publicações de artigos em revistas e coletâneas de livros internacionais como no Coimbra, Chile, México e Cuba.

8. Nancy Maria Antonieta Braga Bomentre

Bacharel em História da Arte pela Universidade Federal de São Paulo- UNIFESP. Participou do Programa de Pós-Graduação da mesma universidade como aluna especial. Foi bolsista de Iniciação Científica pela FAPESP, no período de dez/2014 a dez/2015, com pesquisa sobre Arte da Antiguidade- arte etrusca. Pesquisa em arte parietal etrusca. Tem experiência na área de História, com ênfase em história da arte, atuando principalmente nos seguintes temas: Arte da Antiguidade, arte etrusca, hídrias ceretanas, mito de Héracles, arte parietal, coleções brasileiras de arte etrusca. Atualmente é mestranda em História da Arte pela UNIFESP, Universidade Federal de São Paulo. Bolsista de mestrado pela FAPESP- Fundação para o amparo à pesquisa do Estado de São Paulo, com a pesquisa: O feminino etrusco revisitado: a questão de gênero na arte parietal.

9. Norberto Luiz Guarinello

Possui graduação em História pela Universidade de São Paulo (1981), mestrado em Antropologia Social (Arqueologia Clássica) pela Universidade de São Paulo (1986), doutorado em Antropologia Social (Arqueologia Clássica) pela Universidade de São Paulo (1993) e dois estágios de pós-doutoramento (Brown University (EUA - 1998) e Oxford University (2003). Atualmente é Professor Doutor da Universidade de São Paulo, líder do Grupo de Pesquisa 'LEIR no CNPq e coordenador nacional do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano. Tem experiência nas áreas de História Antiga, Arqueologia Histórica e Teoria da História atuando principalmente nos seguintes temas: história romana, cultura e sociedade no mundo antigo, Mediterrâneo clássico, teoria da história e cultura clássica.

REDE DE CONECTIVIDADE

NO MEDITERRÂNEO ANTIGO

Múltiplos olhares sobre as relações socioculturais,
comerciais e políticas em sociedades mediterrâneas

1ª Edição – Dezembro de 2017

Copyright © 2017 por NEA/UERJ

Projeto Antiguidade



Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/98. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito do Núcleo de Estudos da Antiguidade – UERJ, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS POR



NEA – Núcleo de Estudos da Antiguidade - UERJ
Rua São Francisco Xavier, 524, Pav. João Lyra Filho,
9º andar, Bloco A, Sala 9030, Maracanã
Rio de Janeiro – RJ - Brasil - CEP 20550-900
Tel.: (21) 2334-0227 – E-mail: neaeventos@gmail.com
www.nea.uerj.br



Maria Regina Candido (Org.)

REDE DE CONECTIVIDADE NO MEDITERRÂNEO ANTIGO

Múltiplos olhares sobre as relações socioculturais, comerciais e políticas em sociedades mediterrâneas

No mesmo momento em que o mundo busca novos caminhos para preservação de uma rede de conectividade global que dê conta da diversidade sociocultural e minimize os enfrentamentos fundamentados na intolerância política, social e religiosa, verificar como as sociedades mediterrâneas utilizaram uma ampla rede de conectividade para simbolizar e perpetuar as relações socioculturais, comerciais e políticas entre os diversos segmentos sociais da Antiguidade através do diálogo interdisciplinar torna-se fundamental para compreensão do mundo contemporâneo.

